

REVISTA

---

# Matter

---

UNIBR

Volume 7- n° 2  
Dezembro/2022

eISSN 2318-0846

## **EQUIPE EDITORIAL**

### **EDITORES RESPONSÁVEIS – UNIBR**

Prof<sup>a</sup> Dra. Cristiane Tavares Casimiro de Oliveira

Prof<sup>a</sup> Me. Gisele Esteves Prado

Prof. Dr. Hélio Rodrigues Júnior

### **EDITOR ADJUNTO**

Prof. Me. Fábio Pessoa de Sá – Fatec Praia Grande

### **DIRETORIA DA FACULDADE DE SÃO VICENTE – UNIBR**

Prof. Me. Eduardo Tagliaferro

## **COORDENAÇÃO DE CURSOS**

### **Administração, Ciências Contábeis, cursos Tecnólogos**

Prof. Esp. Gabriel Zandomenighe de Avelar

### **Direito**

Prof. Dr. Nelson Speranza Filho

### **Educação Física**

Prof. Me. Gilmar de Jesus Esteves

### **Enfermagem**

Prof<sup>a</sup> Me. Margarita Del Salvador Beatove

### **Licenciaturas**

Prof. Dr. Hélio Rodrigues Júnior

### **Psicologia**

Prof<sup>a</sup> Me. Mirene Ferreira Marianno Abrão Marques

## CONSELHO EDITORIAL

- Prof. Me. Álvaro Camargo Prado**  
FATEC Rubens Lara
- Prof<sup>ª</sup> Me. Ana Carla Vasco de Toledo**  
Faculdade de São Vicente – UNIBR
- Prof. Me. Arnaldo da Silva Santana**  
Faculdade de São Vicente – UNIBR
- Prof<sup>ª</sup> Dra. Cristiane T. C. de Oliveira**  
Faculdade de São Vicente – UNIBR
- Prof. Me. Eduardo Tagliaferro**  
Faculdade de São Vicente – UNIBR
- Prof. Me. Fernando M. Fernandes**  
Fundação Educacional Inaciana – FEI  
Universidade Santa Cecília – UNISANTA
- Prof. Esp. Gabriel Z. de Avelar**  
Faculdade de São Vicente – UNIBR
- Prof. Me. Gilmar de Jesus Esteves**  
Faculdade de São Vicente – UNIBR
- Prof<sup>ª</sup> Me. Hellen Xavier das Chagas**  
FATEC Rubens Lara
- Prof<sup>ª</sup> Dra. Irene da Silva Coelho**  
Universidade Santa Cecília – UNISANTA
- Prof<sup>ª</sup> Dra. Izilda Guedes Elias**  
Universidade Paulista – UNIP
- Prof. Dr. José de França Bueno**  
Universidade Paulista – UNIP
- Prof<sup>ª</sup>. Dra. Laura Rocha Guerino**  
Faculdade de São Vicente – UNIBR
- Prof<sup>ª</sup> Me. Laysla I. Rossi Carvalho Vaz**  
Faculdade de São Vicente – UNIBR
- Prof<sup>ª</sup> Dra. Maria Fernanda Santos Peres**  
Universidade Santa Cecília – UNISANTA
- Prof. Me. Marcelo L. Ferraz Alves**  
Faculdade de São Vicente – UNIBR
- Prof<sup>ª</sup> Me. Margarita Del S. Beatove**  
Faculdade de São Vicente – UNIBR
- Prof<sup>ª</sup> Dra. Micheline T. B. Padovani**  
Pontifícia Univ. Católica – PUC-SP  
Universidade Presbiteriana Mackenzie
- Prof<sup>ª</sup> Me. Mirene F. M. Abrão Marques**  
Faculdade de São Vicente – UNIBR
- Prof<sup>ª</sup> Me. Naiara R. Vicente de Matos**  
UNIMES Pacaembu
- Prof<sup>ª</sup> Dra. Nancy Casagrande**  
Pontifícia Univ. Católica – PUC-SP
- Prof. Dr. Nelson Speranza Filho**  
Faculdade de São Vicente – UNIBR
- Prof Me. Odair Dias Filho**  
Universidade Santa Cecília – UNISANTA  
Universidade Paulista – UNIP
- Prof<sup>ª</sup> Dra. Neusa Maria O. B. Bastos**  
Pontifícia Univ. Católica – PUC-SP  
Universidade Presbiteriana Mackenzie
- Prof<sup>ª</sup> Dra. Patrícia de Castro Santos**  
Univ. Estadual de Londrina – UEL
- Prof<sup>ª</sup> Me. Priscilla Silva Guedes**  
Universidade São Judas Tadeu
- Prof. Dr. Rodrigo Zanethi**  
Univ. Católica de Santos – UNISANTOS  
FATEC Rubens Lara
- Prof. Dr. Samuel Rangel Claudio**  
Faculdade de São Vicente – UNIBR
- Prof<sup>ª</sup> Dra. Saray Marques**  
Faculdade de São Vicente – UNIBR
- Prof. Dr. Sérgio Manoel Rodrigues**  
Faculdade de São Vicente – UNIBR  
Universidade do Estado do RJ – UERJ

**CONSELHO CONSULTIVO**  
Nádia Ap. Martins Coelho – UNIBR

**BIBLIOTECÁRIA**  
Tania Santana – UNIBR

**AUXILIARES EDITORIAIS**  
Mychael William Claudino dos Santos  
Webmaster e Suporte técnico (TI)  
Sérgio Santana Nascimento  
Analista de suporte técnico

**REVISÃO, PADRONIZAÇÃO ABNT E PREPARAÇÃO DE TEXTOS**

Prof<sup>ª</sup> Me. Gisele Esteves Prado

## SUMÁRIO

<b>A INCLUSÃO DA PESSOA CEGA NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA NO ENSINO FUNDAMENTAL II E SEUS BENEFÍCIOS NO DESENVOLVIMENTO COGNITIVO.....</b>	<b>6</b>
<b>AS NOVAS TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO E OS MULTILETRAMENTOS EM UMA SALA DE AULA NA EDUCAÇÃO JOVENS E ADULTOS: O USO DO APLICATIVO WHATSAPP NA AQUISIÇÃO DA LEITURA E DA ESCRITA .....</b>	<b>24</b>
<b>CONSCIÊNCIA FONOLÓGICA NA LÍNGUA INGLESA E NA LÍNGUA PORTUGUESA: UMA EXPERIÊNCIA INTERDISCIPLINAR .....</b>	<b>39</b>
<b>LEITURA E PRODUÇÃO ESCRITA DE CONTOS NO 5º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL: UMA EXPERIÊNCIA DIDÁTICA COM O FACEBOOK .....</b>	<b>48</b>
<b>PEDAGOGIA HOSPITALAR: A PRÁTICA DOCENTE NOS HOSPITAIS DE CÂNCER INFANTIL .....</b>	<b>67</b>
<b>POLÍTICAS PÚBLICAS E BNCC: A ORGANIZAÇÃO DA GESTÃO DEMOCRÁTICA DESVELADA EM PRÁTICAS PARTICIPATIVAS.....</b>	<b>89</b>
<b>REPENSANDO OS PADRÕES DA EJA NA ALFABETIZAÇÃO – A EDUCAÇÃO NÃO É DESENVOLVIDA APENAS EM AMBIENTES ESCOLARES.....</b>	<b>113</b>
<b>DIFICULDADES DE ALINHAMENTO DAS TURMAS DE 5º ANO DA REDE MUNICIPAL DE SÃO VICENTE COM OS OBJETIVOS E METAS DA PROVA DO SISTEMA NACIONAL DE AVALIAÇÃO DA EDUCAÇÃO BÁSICA (SAEB) .....</b>	<b>130</b>
<b>EDITORIA.....</b>	<b>143</b>
<b>CONSELHO EDITORIAL.....</b>	<b>143</b>

**A INCLUSÃO DA PESSOA CEGA NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA NO ENSINO FUNDAMENTAL II E SEUS BENEFÍCIOS NO DESENVOLVIMENTO COGNITIVO**

**THE INCLUSION OF THE BLIND PERSON IN PHYSICAL EDUCATION CLASSES IN ELEMENTARY EDUCATION II AND ITS BENEFITS IN COGNITIVE DEVELOPMENT**

**AARAN GUSTAVO ROCHA SALES<sup>1</sup>**

**ADRIANA CAMPOS MELLO BARBIERI<sup>2</sup>**

**Me. FELIPE BARTOLOTTO VALDEVINO AUGUSTO<sup>3</sup>**

**GABRIEL PENTEADO SOARES<sup>4</sup>**

**MIRIAM MENDES DA SILVA<sup>5</sup>**

**SAULO DE OLIVEIRA SANTANA<sup>6</sup>**

**VINÍCIUS MOURA DE MELLO GIBERTONE<sup>7</sup>**

**RESUMO**

O objetivo deste estudo foi analisar a capacidade percebida de professores da Educação Física Escolar de ambos os sexos, num total de 47 professores, com idade entre 24 a 64 anos, atuantes especificamente nas cidades do Litoral Sul de São Paulo, com experiência de 1 a 31 anos na rede regular de ensino com média de 14 anos de experiência, em relação a inclusão do deficiente visual nas atividades físicas, não visando apenas sua integração escolar, porém, igualmente enxergando as atividades físicas como uma aliada a vida social da criança com deficiência, trabalhando além da mobilidade, os processos cognitivos e socioafetivo do mesmo. Tendo como métodos teóricos o mapeamento por meio de um questionário informativo, obtendo resultados que revelam que todos os professores respondentes acham importante a inclusão de alunos com deficiência visual, e a maioria acredita ter o conhecimento necessário para ministrar aulas para essa população. Dada a boa receptividade dos educandos em relação à Educação Física, o professor tem um papel fundamental para que a adaptação ocorra da melhor forma possível, promovendo situações e atividades de interação com os demais alunos, e desenvolvimento em geral, buscando metodologias adequadas as suas limitações. Desta forma, o presente estudo se mostra de grande importância acadêmica e profissional, considerando que ainda vivemos em uma sociedade iniciante no

<sup>1</sup> Graduando em Licenciatura em Educação Física- FSV Unibr E-mail: aaransales@gmail.com

<sup>2</sup> Pós-graduada em Educação Física Escolar-FMU- Professora na FSV Unibr E-mail: driiana1@hotmail.com

<sup>3</sup> Mestre em Educação Física- USP- Professor na FSV Unibr E-mail: felipe\_augusto.wf2@hotmail.com

<sup>4</sup> Graduando em Licenciatura em Educação Física- FSV Unibr E-mail: gbpenty@gmail.com

<sup>5</sup> Graduanda em Licenciatura em Educação Física- FSV Unibr. E-mail: miriammendess@hotmail.com

<sup>6</sup> Graduando em Licenciatura em Educação Física- FSV Unibr E-mail: Sauloafa9@mail.com

<sup>7</sup> Graduando em Licenciatura em Educação Física- FSV Unibr E-mail: Viniciussaopaulo@hotmail.com

processo de inclusão social, onde é de grande relevância que educadores em formação já entendam a importância desse assunto, podendo contribuir para que o ensino e as condições sejam igualitários, como determina a Constituição Federal.

**Palavras-chave:** Inclusão; Deficiente visual; Desenvolvimento cognitivo; Educação Física; Pessoa com deficiência.

### **ABSTRACT**

The aim of this study was to analyze the perceived ability of Physical Education teachers of both sexes, in a total of 47 teachers, aged between 24 and 64 years, working specifically in the cities of the South Coast of São Paulo, with an experience of 1 to 31 years in the regular school system with an average of 14 years of experience, in relation to the inclusion of the visually impaired in physical activities, not only aiming at their school integration, but also seeing physical activities as an ally to the social life of children with disability, working beyond mobility, the cognitive and socio affective processes of the same. Mapping through an informative questionnaire as theoretical methods, obtaining results that reveal that all respondent teachers think it is important to include students with visual impairment, and most believe they have the necessary knowledge to teach classes to this population. Given the good receptivity of students in relation to Physical Education, the teacher has a fundamental role in ensuring that adaptation occurs in the best possible way, promoting situations and activities for interaction with other students, and development in general, seeking methodologies that are adequate to their limitations. Thus, the present study is of great academic and professional importance, considering that we still live in a society that is beginning the process of social inclusion, where it is of great importance that educators in training already understand the importance of this subject, and can contribute to the education and conditions are egalitarian, as determined by the Federal Constitution.

**Keywords:** Inclusion; Visually impaired; Cognitive development; Physical Education; Disabled person.

## **1 INTRODUÇÃO**

De acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS), a deficiência visual classifica-se em categorias que incluem perda de visão leve também conhecida como baixa visão e ausência total da visão. O que torna a deficiência visual ainda mais complexa por exigir atenção particularizada de acordo com cada caso. A deficiência visual, independentemente do grau, pode ser adquirida de forma congênita ou através de alguma patologia tratada de forma incorreta.

Por conta desse cenário onde protagonizam deficientes visuais, “os profissionais da área da Educação Física Escolar (EFE) são referenciados como parte

da educação que podem mudar essa realidade, buscando alternativas favorecedoras à adaptação e ao desenvolvimento intelectual e motor,” (Oliveira *apud* Tinoco; Cardoso; 2007; Dias *et al*; 2007). Entende-se como desenvolvimento cognitivo a capacidade e habilidade do cérebro de obter o conhecimento, desta forma, sua teoria afirma que a capacidade de cognição do ser humano inicia-se na infância e se estende até o final da vida compreendendo além do aprendizado o raciocínio e a memória.

A Teoria do Desenvolvimento cognitivo, desenvolvida pelo psicólogo Jean Piaget, foi criada para entender a inteligência, o processo de aprendizagem e nos auxiliar a uma melhor compreensão de como isso acontece no ser humano.

O processo de desenvolvimento cognitivo é assimilação e acomodação, quais são os fatores que facilitam no processo de aprendizagem desde a infância e para entender como isso se desenvolve no decorrer da vida, Piaget (1999), dividiu a teoria em quatro fases. A primeira, chamada Estágio Sensorio Motor, ocorre do nascimento a até no máximo os vinte e quatro meses de idade, onde a única referência comum e constante é o próprio corpo da criança, com a evolução cognitiva a criança começa a descentralizar as ações em relação ao próprio corpo e a considerá-lo como um objeto entre os demais.

A segunda fase, Estágio Pré-Operatório, contempla crianças de dois a até no máximo sete anos. Nessa fase, considerando o auxílio da comunicação verbal, é mais fácil entender o processo de aprendizagem, porém, a tendência de crianças nessa fase é criar uma visão de aprendizagem considerando apenas suas próprias experiências. Embora nesse estágio a criança aja de forma egocêntrica, inicia-se o entendimento de conceitos para o processo de aprendizagem.

A terceira fase, Estágio Operatório Concreto, inicia-se aos sete anos e se estende aos doze, a partir dessa fase aumenta o contato e relacionamento com outras pessoas, e as ações e entendimento sobre as questões são mais racionais. Nesse momento, a capacidade de pensar através da lógica é mais intensa e aproveitada nas escolas através de atividades para utilização dessa habilidade.

E a quarta fase, é o Estágio Operatório Formal que se dá dos doze anos de idade em diante. Com ele, destaca-se que, ainda na fase inicial é possível a geração de hipóteses, considerando a capacidade de administração de pensamentos

abstratos. A partir das hipóteses criadas, é possível a análise com base na realidade, e compreensão das ações e situações.

Por esse motivo é de suma importância preparação acadêmica do profissional de EF, e uma análise diferenciada à essa situação, para assim reformular os métodos educacionais e atender as necessidades específicas de cada aluno, inclusive o aluno com deficiência visual.

Com base nos referenciais estudados, vale enfatizar que independente da preparação e metodologias adotadas pelos profissionais, “é de suma importância a participação da família, que faz um trabalho conjunto ao espaço escolar diretamente ligado ao professor” (Gil, 2000, n.p.) a família precisa principalmente inibir quaisquer atos ou comentários que possam relacionar o aluno à incapacidade ou desmotivação, que pode ocasionar não só a dificuldade de inclusão, assim como o pré-conceito.

O excesso de zelo depositado não apenas em deficientes visuais, mas em qualquer pessoa com deficiência, pode acabar inibindo a capacidade da mesma de demonstrar suas capacidades e habilidades, fazendo com que este sempre seja visto como inferior não só pela família e sociedade, mas por si mesmo (Gil, 2000, n.p.).

Para um bom desenvolvimento do adolescente com deficiência visual, segundo o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) a criança com 12 anos completos passa a ser adolescente, é necessário que este busque a princípio a autoconfiança e autonomia em suas ações. Para que isso ocorra, é primordial o papel da família no processo de socialização, além do próprio entendimento de que mesmo com esta limitação, é possível ter uma vida comum. Cabe desta forma, à família motivar, auxiliar na aceitação e inclusão, além de garantir que todos os direitos deste sejam assegurados para que ele tenha condições de ser um sujeito ativo na sociedade.

A educação é um direito constituído em lei, mais especificamente pela Constituição Federal de 1988, que determina igualdade de condições para o acesso e permanência na escola, além da valorização dos profissionais de educação. O ambiente escolar é um dos locais mais importantes na vida do ser humano, além do papel pedagógico a escola tem grande influência psicológica na vida social dos alunos, por ser ativo transmissor de informações e propiciar o convívio com outras pessoas, além do convívio familiar.

Segundo dados do Censo Demográfico de 2010 do total da população

brasileira, 23,9% (45,6% milhões de pessoas) declararam ter algum tipo de deficiência. Entre as deficiências declaradas, a mais comum foi a visual, atingindo 3,5% da população. Em seguida ficaram problemas motores (2,3%), intelectuais (1,4%), e auditivos (1,1%).

Levando em consideração a faixa etária analisada no presente trabalho, há o amparo legislativo específico do deficiente visual, o (ECA), além da Constituição Federal que assegura direitos que também serão ressaltados e relevantes para a conscientização dos profissionais de educação física, para que assim tenham interesse em fortalecer junto às instituições de ensino a necessidade de se preparar, a fim de criar um meio escolar inclusivo não só ao deficiente visual, mas a pessoa com deficiência de algum outro tipo. “A Educação Física no complexo espaço escolar, precisa atentar-se às necessidades e particularidades da disciplina como os aspectos metodológicos e conteúdos programáticos, buscando o desenvolvimento pessoal, valores e principalmente a inclusão” (Hansel, Zych; Godoy, 2014, p. 8).

Embora a deficiência visual traga limitações, em contrapartida pode aguçar outros sentidos como, táteis, olfativos, paladares e auditivos, que se desenvolvidos de forma correta, possibilitam que o adolescente com deficiência visual consiga realizar de forma independente algumas funções, inclusive a locomoção e processo de aprendizagem. As aulas de Educação Física podem ser grandes aliadas para a descoberta e desenvolvimento de tais sentidos, e esse processo inicia-se nas escolas.

Como nas escolas geralmente não tem essa mescla de alunos deficientes visuais com alunos não deficientes, não dá para ter conhecimento da quantidade de professores que tem o conhecimento necessário para lidar com essa população, por conta disso, o objetivo deste estudo foi analisar a capacidade percebida dos professores da área da EFE em relação a ministrar aulas para alunos com deficiência visual.

Ao iniciar o estudo, acreditávamos que o resultado seria negativo, por conta das experiências vividas anteriormente como alunos, observávamos que os professores tinham dificuldades para incluir alunos com deficiência, por isso, resolvemos iniciar a pesquisa. Constatando-se que fosse negativo o resultado, elaboraríamos um informativo no intuito de fornecer um pequeno auxílio para esses professores.

## **2 METODOLOGIA**

### **2.1 Amostra**

Este trabalho contou com a abordagem quantitativa, onde foram avaliados 47 professores da área da EFE, com média de idade de 40 anos, de ambos os sexos sendo, 45% do público feminino e 55% do público masculino, a partir de um ano de formação na área, atuantes especificamente nas cidades do Litoral Sul de São Paulo.

### **2.2 Delineamento**

O presente estudo foi embasado a partir de referenciais teóricos que foram citados no decorrer deste trabalho ao longo do ano, reforçando a relevância do assunto, e relação entre o desenvolvimento cognitivo de alunos portadores de deficiência visual, e a prática da EFE, e em coleta de dados, realizada no computador, em formato de questionário informativo elaborado no Microsoft Forms, contendo oito questões que foram elaboradas e validadas a partir de conversas com professor e orientador, Mestrado em Educação Física. O questionário foi distribuído por e-mail, e redes sociais como Whatsapp, e desta forma obtivemos retorno em quatro semanas. Quando obtidos, os dados foram transferidos para o aplicativo Microsoft Excel (2013), onde os resultados foram utilizados para elaboração de gráficos circulares, com a exatidão de respostas de cada questão.

### **2.3 Questionário**

1. Nome completo.
2. Idade.
3. Há quanto tempo você professor, trabalha na Educação Física Escolar?
4. Você já trabalhou com alunos com deficiência visual?

5. Você acha importante incluir os alunos com deficiência visual nas aulas de Educação Física Escolar?

6. Você acha que a escola fornece a estrutura necessária para você ministrar aulas par alunos com deficiência visual?

7. Você acredita que a estrutura atual escolar te fornece subsídio para ministrar uma aula para alunos deficientes visuais junto com alunos não deficientes?

8. Você professor, acredita ter conhecimento necessário para ministrar aulas de Educação Física Escolar para crianças com e sem deficiência visual juntas no mesmo espaço aula?

### **3 PRINCÍPIOS FUNDANTES DA INCLUSÃO ESCOLAR**

Ao se falar de princípios inclusivos na educação, ou até mesmo, considerando o macrocosmo, de uma sociedade inclusiva, devemos ser enfáticos ao afirmarmos suas definições, para que não haja margens para interpretações de caráter conservador, que tenha por única iniciativa manter certos privilégios de qualquer origem. Em mesma direção, como não poderia deixar de ser, o engajamento político e ideológico acerca da educação inclusiva concorre para a mesma efetivação. Sendo assim, a ideia mais generalizante sobre inclusão caracteriza-se como sendo uma ampliação de acesso daqueles grupos historicamente excluídos por sua origem de classe, etnia, gênero e, no caso do tema dessa pesquisa, deficiência ou superdotação e altas habilidades. Mas, apenas o pressuposto de acesso, não garante o efetivo estabelecimento dos artefatos próprios de uma educação de qualidade e, por conseguinte, inclusiva. Será então nessa medida que se desenvolverá a pesquisa apresentada nesse artigo, apresentando as principais características que possibilitam uma educação inclusiva de qualidade, pois, o desafio que está posto, é o de superar a ideia de que inclusão seja apenas estar no mesmo espaço, uma concepção que se limita à ideia de integração, mas antes, o de adaptar as próprias instituições, conceitos e concepções às demandas daqueles que necessitam de atendimentos diferenciados. Portanto, todas as reflexões aqui apresentadas serão permeadas a todo tempo pelos princípios fundamentais pertencentes a uma educação libertária e emancipadora,

entendida como sendo o único caminho possível para o verdadeiro estabelecimento de uma educação inclusiva de qualidade.

Passando então diretamente àquilo concernente a educação inclusiva, dada a exigência de brevidade do artigo, a principal tendência contemporânea, que acaba por definir todas as demais concepções sobre essa modalidade de educação, e que em certa medida é ponto pacífico no debate sobre o tema, é a ideia de equidade entre educação regular e educação inclusiva, principalmente no que diz respeito às capacidades de aprendizagem em seus diversos vieses. Importante aqui é atentar que quando se fala em equidade ou planificação das modalidades de educação ou das capacidades dos sujeitos, não está se falando no sentido pejorativo de homogeneização; antes, o que se afirma, é o reconhecimento das diferenças enquanto potencialidades. Já na década de 1960, a orientação já era por uma concepção livre de preconceitos, como notamos em um parecer da Unesco

Os objetivos da educação especial às crianças com deficiências mentais, sensoriais, motoras ou afetivas são muito similares aos da educação geral, quer dizer: possibilitar ao máximo o desenvolvimento individual das aptidões intelectuais, escolares e sociais (UNESCO, 1968, p. 12).

Os esforços pela equidade e planificação entre a educação regular e a dita educação especial, é fundamental na busca por uma educação e, ao fim e ao cabo, por uma sociedade que rompa com os preconceitos e discriminações. Até a pouco tempo, quando se mantinha uma absoluta separação entre a educação regular e a educação especial, esta prática enfatizava a exclusão, pautada em uma ideia de organização social fundamentada em concepções de normalização, que leva irremediavelmente à busca pelo controle, quando não, da repressão, de tudo aquilo que não se encaixe aos parâmetros estabelecidos de normalidade. Quando se mantém "lugares" específicos para pessoas consideradas normais e outros lugares para pessoas consideradas não normais, o que se está erigindo é uma concepção educacional e social da exclusão e da segregação, sendo tais princípios absolutamente o contrário daquilo ontológico da educação, qual seja, produção de saberes que viabilizem a harmonização social o quanto for possível. A escola deve ser o lugar da promoção da diversidade e pluralidade, e assim sendo, não lhe é possível outra função que não aquela da inclusão.

A meta da inclusão é, desde o início, não deixar ninguém fora do sistema escolar, que deverá adaptar-se às particularidades de todos os alunos (...) à

medida que as práticas educacionais excludentes do passado vão dando espaço e oportunidade à unificação das modalidades de educação, regular e especial, em um sistema único de ensino, caminha-se em direção a uma reforma educacional mais ampla, em que todos os alunos começam a ter suas necessidades educacionais satisfeitas dentro da educação regular (Mantoan, 1997, n.p.).

Podemos reconhecer que a proposta de um sistema único de educação reafirma que todos nós temos nossas deficiências, carências e peculiaridades e, por conseguinte, deixa-se de enfatizar as deficiências e/ou superdotação e altas habilidade enquanto características particulares de cada sujeito, assim como também se retira do sujeito as responsabilidades em eventuais dificuldades de aprendizagem. Neste aspecto, é o mesmo que afirmar que cada um tem suas capacidades e dificuldades e a partir dessa diversidade também se constroem saberes diversos. Nesse sentido, faz-se necessário que se reconheça que as deficiências são inerentes aos sujeitos, sendo parte constitutiva de sua subjetividade e que acabam por orientar, ou até mesmo definir, como ele se reconhece como agente social e quais os modos de ser, de estar e de apreender a realidade. Mas, esse reconhecimento e/ou pertencimento, em grande medida, será definido também, digamos, pelo acolhimento que a sociedade dará a essa deficiência/diferença. O sentimento de pertença e o reconhecimento enquanto agente transformador será conforme o acolhimento da determinada comunidade. Uma pessoa com deficiência específica, por exemplo, em uma comunidade que não propõe um mínimo de acessibilidade, não desenvolve suas potencialidades, sendo impossível desenvolver um sentimento de pertença e se reconhecer enquanto parte do grupo, nem tão pouco de se reconhecer enquanto agente transformador da realidade.

Nessa mesma esteira, outro aspecto que se destaca é a ideia de construção de saberes compartilhado. Os educandos e educandas são agentes de suas próprias histórias; são agentes construtores e transformadores das realidades que os cercam. Sendo assim, a vivência entre crianças com e sem deficiência, o mesmo caso servindo para superdotação e altas habilidades, talvez seja o principal artefato mediador da aprendizagem, pois as diferenças fomentam a curiosidade, a descoberta, a escuta. Na declaração de Salamanca, Sobre Princípios, Políticas e Práticas na Área das Necessidades Educativas Especiais, de 1994, temos:

O princípio fundamental da escola inclusiva é o de que todas as crianças devem aprender juntas, sempre que possível, independente de quaisquer

dificuldades ou diferenças que elas podem ter. Escolas inclusivas devem reconhecer e responder as necessidades diversas de seus alunos, acomodando ambos os estilos e ritmos de aprendizagem e assegurando uma educação de qualidade a todos através de um currículo apropriado, arranjos organizacionais, estratégias de ensino, uso de recursos e parcerias com as comunidades. Contudo, e o professor alega que o aluno não está aprendendo, antes dele ser rotulado e/ou excluído, devem ser respondidas, pelo menos, três perguntas: O que se está esperando que ele aprenda, ou seja, quais objetivos estão previstos em seu processo de escolarização? O que lhe está sendo ensinado e para que, portanto, quais conteúdos estão compondo o planejamento do professor? Como está se realizando o seu ensino, ou seja, qual metodologia e quais procedimentos são administrados e que materiais e equipamentos estão à disposição?

Já não se é mais possível organizar um sistema de ensino com escola regular apartada dos princípios da inclusão. Ensino regular e propostas de inclusão caminham *pari passu*. Até porque, a proposta educacional inclusiva não se refere apenas aos conhecimentos especializados, de competência da escola. Um sistema educacional inclusivo deve estar fundamentado sobre o direito de uma educação de qualidade para todos, independentemente das particularidades de cada um; e que essa educação de qualidade, que além de possibilitar acesso ao conhecimento especializado, também contribua na formação de sujeitos-cidadãos, em um sentido de uma sociedade libertária e inclusiva. A principal responsabilidade dessa educação é buscar desenvolver em sua plenitude, todo o potencial de cada sujeito, para que ele possa estar integrado à sociedade e, ao mesmo tempo, em um movimento recíproco, por ser uma educação de qualidade, pautada nos princípios integradores e inclusivos, construindo uma sociedade na qual se reconheça a diversidade e a diferença como inerente ao próprio Ser. E por fim, em um movimento de superação dos preconceitos e discriminações, a principal contribuição se efetiva no estabelecimento da coesão social.

Ao atribuir todas essas responsabilidades à educação, parece que a concebemos em um caráter messiânico. Mas não é exatamente isso que nos propomos aqui. Sabemos que a educação pertence ao seu tempo histórico e está imersa em uma conjuntura social que em grande medida a define. Mas ainda que inserida em um contexto social, pertencente a um Sistema econômico perverso e que constrange as instituições sociais conforme mais lhe apetece, reconhecemos na educação uma capacidade emancipatória ontológica, que é capaz de inverter a própria lógica do Sistema e propor novos modelos de organização social. Talvez seja um fardo muito grande para se atribuir à educação, mas historicamente, o caráter

questionador, de pensamento livre, de reflexão crítica sempre esteve junto com o processo de ensino aprendizagem. Nesta medida, o papel da educação inclusiva não se restringe apenas àquelas relações exclusivas da escola. A sua contribuição extrapola qualquer limite institucional e se aplica diretamente na formação e organização social, exercendo uma força de ressignificação das relações e dos papéis sociais.

A partir do exposto até aqui, pode-se então chegar ao entendimento que incapacidades, necessidades, desvantagens ou mesmo superdotação e altas habilidades, não se ligam exclusivamente às limitações apresentada pelas pessoas, mas antes, às formas de acessibilidade que a própria organização social apresenta. Atribuir todas as responsabilidades exclusivamente aos aspectos biológicos e orgânicos da deficiência ou características peculiares, conforme o caso, significa consequentemente isentar a sociedade de qualquer responsabilidade no acolhimento e inclusão. Significaria, ao fim e ao cabo, dizer que qualquer iniciativa nesse sentido da inclusão, seria uma benevolência da "sociedade normal".

O nome deficiente refere-se a um status adquirido por essa pessoa. Nesse modo de encarar a deficiência, uma variável crítica é a audiência, porque é ela que, em última instância vai determinar se uma pessoa é deficiente ou não. Significa que ninguém é deficiente apenas pelas qualidades que possui ou deixa de possuir. Uma pessoa só pode ser deficiente perante a uma audiência que a considera, segundo seus critérios como deficiente (Omote, 1994, p. 07).

Uma sociedade que reconheça as diferenças e diversidade enquanto pertencente ao Ser, apresentará formas de acessibilidade que oportunize as condições necessárias para a autonomia e emancipação dos sujeitos. A grande questão é retirar a ênfase das limitações biológicas de cada sujeito e passar a valorizar as diferenças como principal fator mediador que viabiliza uma ilimitada gama de possibilidades de construções de saberes. Nessa medida, a ênfase então recairá nas oportunidades, instrumentos, enfim, na estrutura de inclusão que a sociedade concebe.

Nos referindo especificamente à inclusão educacional escolar, ainda nos há tempo de ressaltarmos algumas características imprescindíveis. A começar por aquela que permeia todo e qualquer processo de aprendizagem, mas que na educação inclusiva de pessoas com deficiências especiais deve ser ainda mais reafirmada, a ideia de mediação. A mediação na educação inclusiva é de suma

importância pois esse princípio valoriza o educando enquanto sujeito ativo pertencente a um tecido social que, além de aprender, também é um agente possuidor de vivências e experiências; que apreende a realidade que o cerca, sendo dotado de imensuráveis potencialidades de transformação. Nesse contexto, o professor se reconhece como exclusivamente mediador, superando qualquer concepção de "educação bancária", cumprindo o papel de facilitador de acesso do educando às diversas possibilidades de ensino-aprendizagem. Por fim, a proposta de uma educação inclusiva reconhece a cultura e os signos como ferramentas, artefatos mediadores no processo de aprendizagem e desenvolvimento. "O aluno que aprende; o professor como mediador; a cultura, os signos como ferramentas a serem empregadas. O princípio que regula a dinâmica implícita nessa trama conceitual é a interação social" (Vygotsky, 1991, p. 161).

Dessa perspectiva, não existe nenhum mecanismo mais efetivo para a mediação que a comunicação. Ou melhor, sem comunicação, a plenitude do desenvolvimento, em suas variáveis vertentes - intelectual, moral, estético, artístico, político etc. -, não se realiza. As capacidades inatas se desenvolveriam, mas a cognição, princípio fundamental para a socialização e sociabilidade, estaria limitada a níveis irrisórios. As possibilidades de interações só são possíveis por meio da comunicação, pois interações sociais são ações de comunicação reciprocamente compartilhado e que afetam e modificam os comportamentos das partes envolvidas. Sendo assim, não há educação sem a mediação da comunicação.

A fala talvez seja nosso principal meio de comunicação, e ela nos possibilita reconhecer mais seguramente todo o processo de desenvolvimento na criança, pois, como já referido logo acima, as capacidades de comunicação que definem os níveis de desenvolvimento. Portanto, na educação inclusiva, a busca por incluir a criança com deficiência é fortemente determinada pela variedade de possibilidades de comunicação, pois somente a partir dessa capacidade plástica da prática docente e proposta pedagógica, primeiramente e, de forma suplementar, do currículo e das leis específicas de educação, que se é possível compreender as singularidades de cada aluno a ser incluído, satisfazendo seus desejos e demandas.

### 3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com base nos resultados obtidos pudemos constatar que 68% dos participantes da pesquisa já trabalharam com alunos deficientes visuais, e como demonstrado na figura de N<sup>o</sup>2, 100% acham importante a inclusão do deficiente visual nas aulas de EFE. Considerando as estatísticas e a qualidade de vida, o Brasil está entre os países emergentes/subdesenvolvidos com maior número de deficientes visuais. Segundo Censo escolar de 2018, revelou que teve um aumento de 33,2% que foram registrados de alunos com algum tipo deficiência matriculados, um aumento de 1,2 milhão em relação ao ano de 2014, e a tendência é o crescimento dessa estatística, levando em conta o aumento da expectativa de vida da população em geral. Tendo ciência dos dados aqui apresentados, notamos que o público alvo do presente estudo tem sido matriculado na rede regular de ensino com maior frequência, desta forma Hansel, (2014) aponta que:

É importante entender o valor da inclusão, já que é a partir da educação que ocorre a socialização, tendo em vista a integração do sujeito com o meio. O resultado da aprendizagem identifica o conhecimento de ações que atentam para a agilidade das predisposições e possibilidades capazes de conduzir o processo de ensino destacando potencial a ser desenvolvido na prática social. (Hansel, Zych; Godoy, 2014).

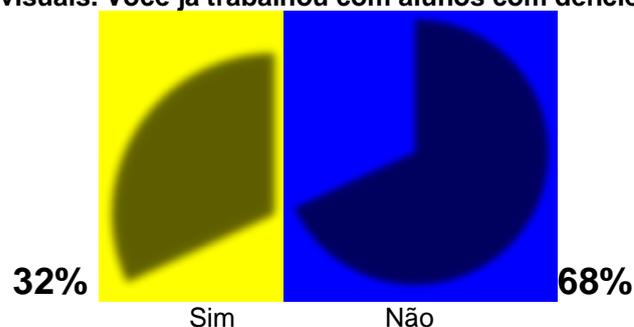
Para que possa haver inclusão é necessário que a escola se atente as necessidades em cada caso fornecendo o aparato necessário, como observado nas figuras de N<sup>o</sup>3 e N<sup>o</sup>4, 83% dos professores acham que a escola não fornece subsídio nem estrutura necessária para que estes consigam ministrar aulas para deficientes visuais na atual situação escolar. De acordo com o ECA (p,27), o Ensino Fundamental também aborda as relações afetivas e vínculos familiares, buscando sempre a integração do adolescente na vida social. Ainda é mencionado no ECA no Art. 54 sobre a Educação Especial, onde exceto em casos específicos, o aluno deve ingressar na escola regular, onde são assegurados direitos curriculares, bem como profissionais especializados para atendê-lo, além de acesso igualitário com o objetivo de incluir esses alunos, e assim também proporcionar o convívio em sociedade, não esquecendo da essência. “Em todas as fases do processo de ensino deve-se levar em conta as características, capacidades e interesses do aluno, nas perspectivas motora, afetiva, social e cognitiva.” (Betti; Zuliani, 2002).

A cerca da figura de N°5, 57% dos professores acreditam ter conhecimento necessário para ministrar aulas para deficientes visuais nas aulas de EF na rede regular de ensino como demonstrado contra 43% que não, que é um número grande em vista que o gráfico de N°1 mostra que a maioria já trabalhou com deficientes visuais.

O estudo realizado apresentou limitações quanto a amostra, pois esperávamos obter resposta em menor tempo, e receamos que alguns respondentes omitissem dados, exemplo: não sendo da área da Educação Física e responder o questionário.

As figuras a seguir são circulares, e tiveram como legenda um padrão, sendo a cor Amarelo para “Sim”, e cor Azul para “não”.

**Figura 1 – Descrição da quantidade de professores de EF que já trabalharam com alunos deficientes visuais. Você já trabalhou com alunos com deficiência visual?**



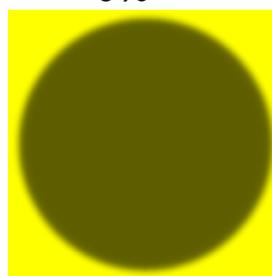
Fonte: Coleta de dados elaborada pelos autores 2021

A figura 1 apresenta a quantidade de professores da área da EFE, que já trabalharam com alunos deficientes visuais ou não. Como visto, 32% não trabalharam enquanto quem 68% sim.

**Figura 2 – Descrição da quantidade de professores que acham ou não importante a inclusão do deficiente visual nas aulas de EFE.**

**Você acha importante incluir o deficiente visual nas aulas de Educação Física escolar?**

0%



100%

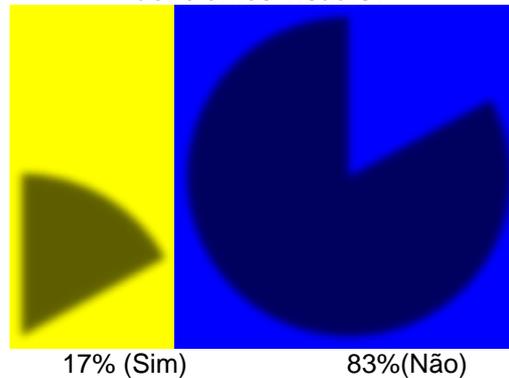
Sim

Não

Fonte: Coleta de dados elaborada pelos autores 2021

Na Figura 2 pode-se perceber que 100% dos professores acreditam que é importante que haja a inclusão do deficiente visual nas aulas de EFE.

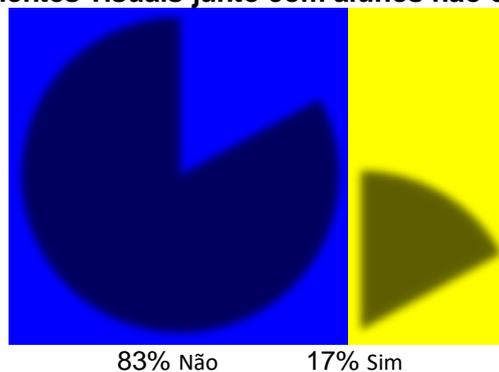
**Figura 3 – Descrição da quantidade de professores que acreditam ter ou não estrutura necessária para ministrar aulas para deficientes visuais.**  
**Você acredita que a escola fornece a estrutura necessária para você ministrar aulas para deficientes visuais?**



Fonte: Coleta de dados elaborada pelos autores, 2021

Com os resultados apresentados aqui pudemos notar, que 83% dos professores acreditam que a escola não fornece estrutura necessária para ministrar aulas para deficientes visuais, contra 17% que acreditam que sim.

**Figura 4-** Descrição de dados dos professores que acham que a estrutura atual escolar fornece subsídio para que eles possam ministrar aulas para alunos deficientes visuais e alunos videntes  
**Você acredita que a estrutura atual escolar te fornece subsídio para ministrar uma aula para deficientes visuais junto com alunos não deficientes?**



Fonte: Coleta de dados elaborada pelos autores, 2021

Aqui pode-se observar que apenas 17% dos professores, acreditam que a estrutura atual escolar fornece subsídio para que possam ministrar aulas para alunos deficientes visuais junto com alunos não deficientes visuais, em contrapartida 83% dos professores acreditam que não.

**Figura 5 – Descrição de dados de professores que acreditam ter conhecimento necessário para ministrar aulas de EFE para crianças com e sem deficiência visual no mesmo espaço aula.**

**Você professor, acredita ter conhecimento necessário para ministrar aulas de Educação Física Escolar para crianças com e sem deficiência visual juntas no mesmo espaço aula?**

43%      57%

Sim      Não

Fonte: Coleta de dados elaborada pelos autores 2021

Evidenciados os dados mostram que 57% dos professores acreditam, ter conhecimento necessário para ministrar aulas de EFE, para crianças com e sem deficiência visual no mesmo espaço aula, enquanto 43% dos professores acreditam não ter conhecimento necessário.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Em virtude dos argumentos apresentados, foi possível analisar a quantidade de professores da área da EFE, que acreditam ter conhecimento necessário ou não, para ministrar aulas para alunos deficientes visuais, nos anos finais do ensino fundamental na rede regular de ensino. Com a pesquisa de campo aplicada, as respostas obtidas e representadas na última questão mostram que 57% dos professores acreditam estar aptos a ministrar aulas para crianças com deficiência visual, mesmo que nas figuras de nº3 e nº4 mostre que os professores acreditam que as escolas não fornecem subsídio nem estrutura necessária, e na figura de nº1 mostre que a maioria dos profissionais de EF já trabalharam com alunos com deficiência visual.

#### **REFERÊNCIAS**

ARANHA, M.S.F. **Paradigmas da relação entre a sociedade e as pessoas com deficiência.** Revista do Ministério Público do Trabalho. São Paulo: Editora LTR, Ano XI, nº 21, mar. 2001.

BASE NACIONAL COMUM. **Base nacional comum curricular:** educação é a base. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/#infantil> Acesso em: 21 de outubro de 2018.

BETTI; Mauro, ZULIANI, Luiz Roberto, **Educação Física Escolar: Uma proposta de Diretrizes Pedagógicas**. Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte, São Paulo, Ano 1, N. 1, p.73-81, 2002. BRASIL. Ministério da Educação.

BLOG DA EDUCAÇÃO FÍSICA. **A Importância da Educação Física Escolar na Formação do Indivíduo** <http://blogeducacaofisica.com.br/educacao-fisica-escolar/> Acesso em: 19 de outubro de 2018.

GIL, MARTA. **Cadernos da TV Escola do Ministério da Educação: Deficiência Visual 1/2000**.

GODOY, M.A, HANSEL, A.F; ZYCH, A. C. **Fundamentos da Educação Inclusiva**. 2014. Disponível em:  
**<http://repositorio.unicentro.br:8080/jspui/handle/123456789/1343>** Acesso em: 30 de Abril de 2021.

GUATEMALA. Assembleia Geral, 29º período ordinário de sessões, tema 34 da agenda. **Convenção Interamericana para eliminação de todas as formas de discriminação contra a pessoa portadora de deficiência, 1999**.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Pesquisa Nacional de Saúde 2013: ciclos de vida**. Disponível em:  
<https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv94522.pdf>. Acesso em: 19 de outubro de 2018.

INEP, A,T; MEC. **Censo Escolar**. Censo Escolar 2018. Disponível em:  
**[http://portal.inep.gov.br/artigo/-/asset\\_publisher/B4AQV9zFY7Bv/content/censo-escolar-2018-revela-crescimento-de-18-nas-matriculas-em-tempo-integral-no-ensino-medio/21206](http://portal.inep.gov.br/artigo/-/asset_publisher/B4AQV9zFY7Bv/content/censo-escolar-2018-revela-crescimento-de-18-nas-matriculas-em-tempo-integral-no-ensino-medio/21206)** : Acesso em: 10 de outubro de 2021.

LIMA, S.M.T.; DUARTE, E. **Educação Física e a escola inclusiva**. In: SOBAMA.

MANTOAN, Maria Tereza Egler. (Org). 1997. **A integração de pessoas com deficiência**. São Paulo: Memnon. SENAC.

OMOTE. S. A Integração do deficiente: um pseudoproblema? **Anais da XXIV Reunião Anual da Sociedade de Psicologia da Ribeirão Preto/SP**, 1994.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. **Relatório Mundial Sobre a Deficiência**. Disponível em: [http://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/44575/9788564047020\\_por.pdf;jsessionid=10DEACA14BCA885DE1CFBADCE55C8F58?sequence=4](http://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/44575/9788564047020_por.pdf;jsessionid=10DEACA14BCA885DE1CFBADCE55C8F58?sequence=4) Acesso em: 15 de outubro de 2018.

PLANALTO FEDERAL **Lei nº 8.069 de 13 de Julho de 1990 do Estatuto da Criança e do adolescente**. Disponível em: **[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/LEIS/L8069.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L8069.htm)** Acesso em: 20 de outubro de 2018.

PLANALTO FEDERAL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil03/Constituicao/Constituicao.htm> Acesso em: 15 de outubro de 2018.

PORTAL DA EDUCAÇÃO FÍSICA. **Praticar Educação Física reforça o sistema cognitivo.** <https://www.educacaofisica.com.br/escolas/estudos-cientificos-comprovam-quem-pratica-atividade-fisica-obtem-melhores-resultados-cognitivos-durante-a-vida/> Acesso em: 20 de outubro de 2018.

TEIXEIRA, Hélio. **Teoria do Desenvolvimento Cognitivo de Jean Piaget.** Disponível em: <http://www.helioteixeira.org/ciencias-da-aprendizagem/teoria-do-desenvolvimento-cognitivo-de-jean-piaget/> Acesso em: 16 de outubro de 2018.

UNESCO. 1968. **A Educação Especial:** Relatório sobre a situação atual e tendências de investigação da Europa.

VYGOTSKY, Lev. **A formação Social da Mente.** São Paulo: Martins Fontes, 1991

**AS NOVAS TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO E OS  
MULTILETRAMENTOS EM UMA SALA DE AULA NA EDUCAÇÃO JOVENS E  
ADULTOS: O USO DO APLICATIVO WHATSAPP NA AQUISIÇÃO DA LEITURA E  
DA ESCRITA**

**NEW INFORMATION AND COMMUNICATION TECHNOLOGIES AND  
MULTILITERATIONS IN A CLASSROOM IN YOUTH AND ADULT EDUCATION:  
THE USE OF THE WHATSAPP APPLICATION IN ACQUISITION OF READING  
AND WRITING**

**AMANDA MARIA DOS SANTOS<sup>1</sup>**

**DÉBORA DE ALMEIDA LACERDA CARAUBA<sup>2</sup>**

**REGIANA RÉGIA SILVEIRA OLIVEIRA<sup>3</sup>**

**RUTH MARIA SILVA DA CRUZ<sup>4</sup>**

**TATIANE FERREIRA BARBOSA<sup>5</sup>**

**THIFANI SANTANA SANTIAGO DA SILVA<sup>6</sup>**

**YASMIN BRAGA FERNANDES<sup>7</sup>**

**Dr. HÉLIO RODRIGUES JR<sup>8</sup>**

**RESUMO**

O presente estudo tem como tema as novas tecnologias da informação e comunicação e os multiletramentos em uma sala de aula na educação jovens e adultos: o uso do aplicativo WhatsApp na aquisição da leitura e da escrita. Um dos principais objetivos é pesquisar como se pode alfabetizar e letrar através dos multiletramentos e das NTIC'S usando o WhatsApp como ferramenta auxiliar, relacionando assim o processo de aprendizagem e alfabetização com as novas tecnologias da informação e comunicação que estão presentes no cotidiano dos discentes. Para responder a indagação: Considerando a alfabetização na educação de jovens e adultos, torna-se viável utilizar o WhatsApp como uma ferramenta auxiliar para a prática que o relaciona com os multiletramentos na aprendizagem da leitura e escrita? Utiliza-se o método de pesquisa bibliográfico através de textos presentes nos sites, os artigos científicos, livros e documentos, entre outros.

Com a intenção de abranger a análise sobre a obscuridade dos problemas encontrados em nossa pesquisa bibliográfica, utilizamos a pesquisa qualitativa, que

---

<sup>1</sup> Graduanda em Licenciatura em Pedagogia – FSV UNIBR

<sup>2</sup> Graduanda em Licenciatura em Pedagogia – FSV UNIBR

<sup>3</sup> Graduanda em Licenciatura em Pedagogia – FSV UNIBR

<sup>4</sup> Graduanda em Licenciatura em Pedagogia – FSV UNIBR

<sup>5</sup> Graduanda em Licenciatura em Pedagogia – FSV UNIBR

<sup>6</sup> Graduanda em Licenciatura em Pedagogia – FSV UNIBR

<sup>7</sup> Graduanda em Licenciatura em Pedagogia – FSV UNIBR

<sup>8</sup> Dr. em Língua Portuguesa PUC-SP – Faculdade de São Vicente – UNIBR – E-mail: h-rodrigues-junior@uol.com.br

permite relacionar as informações coletadas com a realidade e os fenômenos sociais do ser humano. Para alcançar os objetivos estudados, realizamos, pesquisas de campo, na escola Raquel de Castro Ferreira, onde foram realizadas conversas com professores e os alunos, para compreender as adversidades encardas por eles, e que possibilitou a discursão sobre a vivência com o uso das tecnologias. Concluímos que ao utilizar o aplicativo dentro da sala de aula em uma perspectiva significativa, promoverá aos alunos uma emancipação em relação as novas tecnologias e trará uma autoconfiança e uma independência, visto que, os alunos terão uma nova visão desses meios tecnológicos, e irão cada vez mais se inteirar e buscar novos aprendizados.

**Palavras-chave:** NTICs; Educação de jovens e adultos; WhatsApp; Leitura e escrita.

### **ABSTRACT**

The subject of this study is new information and communication technologies and multiliteracies in a classroom in youth and adult education: the use of the WhatsApp application in the acquisition of reading and writing. One of the main objectives is to research how to alphabetize and literate through multiliteracies and NTIC'S using WhatsApp as an auxiliary tool, thus relating the learning and literacy process with the new information and communication technologies communication that are present in the daily lives of students. To answer the question: Considering literacy in youth and adult education, is it feasible to use WhatsApp as an auxiliary tool for the practice that relates it to multiliteracies in learning to read and write? The bibliographic research method is used through texts on websites, scientific articles, books and documents, among others. With the intention of covering the analysis of the obscurity of the problems found in our bibliographical research, we used qualitative research, which allows us to relate the collected information with the reality and social phenomena of human beings. To achieve the studied objectives, we carried out field research at the Raquel de Castro Ferreira school, where conversations were held with teachers and students, to understand the adversities faced by them, and which enabled the discussion about the experience with the use of Technologies. We conclude that using the application within the classroom in a meaningful perspective will promote students' emancipation from new technologies and bring self-confidence and independence, as students will have a new vision of these technological means and will each increasingly learn and seek new learning.

**Keywords:** NTICs; Education for young people and adults; WhatsApp; Reading and writing.

## **1 INTRODUÇÃO**

A EJA em conformidade com a LDB, artigo 37 é uma modalidade de ensino destinada a pessoas, que não tiveram acesso ou continuidade dos estudos no ensino fundamental e médio em idade adequada, por diversos motivos a eles ocasionados, dentre essas razões, pode-se citar como exemplos, os casos de gestação precoce, trabalho infantil, repetências, problemas familiares etc.

Algumas disciplinas e projetos que foram realizadas ao longo desses

semestres, nos orientou para a escolha de nosso tema, dentre elas as aulas da professora Regina Duarte, ministrada no 6º semestre que teve por disciplina a educação de jovens e adultos, juntamente com as palestras da alfabetizadora de EJA Lilian Cristina Ferreira Dall’Amico que serviram como um norte para a nossa escolha e decisão sobre o presente tema.

Essa modalidade é de suma importância para a autonomia dos alunos que frequentam o projeto, por proporcionar aos estudantes, a possibilidade de se integrar na sociedade, os incentiva a voltarem a pensar em obter uma oportunidade de emprego melhor, a conceder um início em algum curso superior ou técnico, ou simplesmente para ter uma ação libertária, viabilizando condutas simples que antes não se era possível serem realizadas sozinhas, tal como, a ida a um supermercado, pegar um ônibus, ler jornais, livros ou revistas e até mesmo se inteirar das novas tecnologias da informação e comunicação.

## **2 EJA E NOVAS TECNOLOGIAS ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO**

No capítulo um foi relatado sobre a EJA e novas tecnologias alfabetização e letramento e em tópicos explicando sobre cada um, no primeiro tópico que é sobre a história da educação de jovens e adultos relata que com base no livro Educação de Jovens e Adultos, escrito por Maria Antônia de Souza (2007) com o objetivo de assessorar no entendimento do que é a educação brasileira, focamos em compreender a história, especificamente, da educação de jovens e adultos, que se aplica a pessoas analfabetas ou que não concluíram a educação básica em tempo adequado. O avanço da modalidade, se deu no II congresso nacional de educação de jovens e adultos que ocorreu no ano de 1958 e contou com a participação de Paulo Freire. A educação de jovens e adultos sempre esteve relegada a um segundo plano no contexto da educação brasileira desde o início da colonização do Brasil a educação nunca foi subestimada a classe pobre, sempre esteve a serviço da classe dominante diante a essa situação muitas crianças e jovens não tiveram acesso à educação básica na década de 1960 Paulo Freire apresentou uma experiência inovadora em relação a alfabetização de jovens e adultos que procurava valorizar seus conhecimentos de mundo e refletindo sobre sua participação na sociedade brasileira

e Freire tinha uma proposta de educação ética como ele diz “A ética de que falo é a que se sabe afrontada na manifestação discriminatória de raça de gênero, de classe é por esta ética inseparável da prática educativa, não importa se trabalhamos com crianças, jovens ou com adultos que devemos lutar”. (Freire, 2003, p. 16)

Sob essa perspectiva para Freire a educação deve sempre visar a libertação, a transformação radical da realidade, para torna-la mais humana, permitindo assim que homens e mulheres sejam vistos e reconhecidos como sujeitos de sua história e não como meros objetos. A educação na sua visão mais ampla, deve possibilitar a leitura crítica do mundo em relação ao papel da educação para Freire (2002, p. 72) a alfabetização é mais que o simples domínio mecânico de técnicas para escrever e ler.

No segundo tópico relatamos um pouco sobre a legislação de acordo com o conteúdo as diretrizes curriculares nacionais para a educação de jovens e adultos em 1879 foi organizado por Carlos Roberto Jamil Cury, o decreto nº 7.247, entendia se sobre a reforma de ensino proporcionado por Leônicio de Carvalho. Em 1967 foi originado o Mobral, mediante a lei nº 5.379, o movimento foi eliminado em dezembro de 1985, por meio do Decreto nº 91.980, concedida pela Fundação Educar do programa para àqueles que não tiveram acesso à escola ou que dela foram excluídos. A educação de jovens e adultos, passou a ser assim chamada, na LDB 9.394/96, com o intuito de se ter uma educação mais ampla que aos processos anteriores adultos. Garantir o direito à educação de jovens e dos adultos atravessa o cenário de estender a oferta de vagas nos sistemas públicos. Faz-se indispensável, como já mostra algumas estratégias do PNE vigente, que a organização curricular, os projetos pedagógicos, a vinculação entre saberes a serem construídos e as práticas pedagógicas. Porém, são grandes os desafios para que as propostas expostas pelos Planos Nacionais de Educação sejam concretizadas. Ente eles, está a norma de colaboração entre os entes federados, que gere a desarticulação de iniciativas, a imposição de programas federais que auxilie, sem o básico apoio técnico e financeiro pelos municípios da União e dos estados. É importante que não seja uma ação isolada para a modalidade, e, sim, uma preparação sistêmica que articule os planos nacionais, estaduais e municipais de educação.

No terceiro tópico vem a andragogia a andragogia foi agregada pelo professor Alexander Kapp, em 1833, porém já era utilizada desde a antiguidade grega. Segundo

Munhoz (2017) é a metodologia empregada dentro da educação de jovens e adultos, visto que através dela, os docentes conseguem conhecer melhor os seus alunos, podendo então respeitar o tempo de cada um, e conseqüentemente os seus estímulos baseados na teoria de Jean Piaget o construtivismo tem o intuito de compreender a mente humana e que se entende que o aprendizado ocorre por etapas:

- **0-2 anos – Sensório-motor:** onde a criança inicia a sua interação com o mundo.
- **2-7 anos – Pré-operatório:** Já consegue dominar a linguagem e representa o mundo através de símbolos.
- **7- 11 anos – Operacional concreto:** A criança começa a entender o que se passa no mundo de maneira lógica, resolvendo diversos problemas.
- **11 anos ou mais – Operacional forma:** Entende o mundo de forma ampla, e formal raciocinando sobre hipóteses.

Nessa teoria criança aprende por meio de pesquisas e resoluções de problemas, tendo o objetivo de encontrar a suas próprias respostas para suas perguntas sem ter alguém para respondê-las de imediato, essa busca acontece por meio de discursões de ideias e assuntos que despertem sua curiosidade, para que os alunos venham solucionar os seus problemas. Tornando-se totalmente ativo em busca de seus próprios conhecimentos. A intenção dessa proposta é que a aprendizagem se torne significativa fazendo sentido para quem está estudando e agregando valor em seus aprendizados. No livro A construção do real na criança diz que, “Ora, a observação e a experimentação combinadas parecem demonstrar que a noção de objeto, longe de ser inata, ou de ser dada, toda feita na experiencia, constrói-se pouco a pouco” (Piaget, 1979 p. 12). O processo de alfabetização e letramento na EJA elas, se complementam, não se pode alfabetizar sem letrar, e não pode letrar sem alfabetizar, para que se tenha uma melhor aprendizagem por parte dos alunos. De igual forma, precisa ser com a EJA, os docentes, precisam além de ensinar a ler e a escrever, ensinar a interpretar aquilo que se escreve aquilo que está lendo. É trazer aquilo que está sido ensinado de forma significativa para os alunos, para que eles tenham uma compreensão mais ampla acerca do que é ensinado em sala de aula Segundo Kress (2003, citado por Rojo, 2019, p. 24) o letramento e a linguagem não

podem ser vistos como excepcional meio de comunicação, sendo que a comunicação é constituída por múltiplas linguagens, sendo que a linguagem verbal é integrada às outras formas de linguagens. A comunicação acontece quando o receptor entende o que o emissor quer transmitir, seja por meio de textos, falas, gestos, imagens, expressões faciais, através de uma música, em síntese, precisam ter um entendimento daquilo que está sendo transmitido, para que de fato se tenha uma comunicação efetiva. Daí se tem a conceitualização de mídia, que de acordo com Canclini (1989, apud Rojo, 2019, p. 34), é um meio de comunicação com várias linguagens e que pode ser digital ou impressão e as pessoas “passam a ter alguma escolha, momento em que pode passar a montar suas próprias coleções.” (Canclini, Apud Rojo,2019, p.34).

### **3 NTICs E O USO DO APLICATIVO WHATSAPP**

O uso das tecnologias nos tempos de hoje é super necessário para que os cidadãos estejam aptos a conviver com esses avanços presentes no nosso dia a dia.

Do ano de 2019 até o momento presente, o avanço tecnológico foi bem maior em decorrência a pandemia causada pelo novo COVID-19, pois devido às consequências do novo vírus a maioria das escolas teve que optar pelo ensino remoto, onde todos os estudantes tiveram que se adaptar com esse ensino e desenvolver suas habilidades nessa nova realidade que o mundo está vivendo. Em virtude dessa realidade os alunos da EJA que não tem essa habilidade com as novas tecnologias acabam sofrendo uma grande dificuldade, gerando assim desmotivação por parte dos mesmos e repercutindo em uma desistência dos estudos. Com tudo isso que se vivencia, os alunos da EJA precisam e necessitam de bastante apoio por parte do professor(a) e principalmente da família e das novas gerações, que já nasceram nesta nova era da tecnologia e por isso acabam tendo mais facilidade de ensinar esses avanços aos mais velhos, não os deixando excluídos desses avanços tecnológicos que chega à sociedade de forma veloz e inevitável.

De acordo com Maria Marlete (2020) a pandemia no Brasil trouxe consequências. Na modalidade da Educação de Jovens e Adultos inicia com as dificuldades enfrentadas na estrutura escolar, sendo que um dos obstáculos

enfrentado é o progresso da tecnologia que desencadeou a desigualdade social. O ensino remoto trouxe grande desafio com a falta de material, alunos com poucos recursos, sem computador ou acesso digital, com baixa frequência para a transmissão como uma boa internet de banda larga. A pandemia favoreceu a dificuldade dos alunos da EJA no acesso para as aulas online por falta do dispositivo e habilidades em manuseá-lo. A utilização da tecnologia para alguns é de difícil entendimento sendo um novo campo de conhecimento para a educação, isto porque, “os fatores envolvidos são muitos, e as mutações acontecem a uma velocidade à qual poucos sistemas conseguem se adaptar, quando se almeja englobar todas as tecnologias na proposta de utilização” (Munhoz, 2017, p. 110).

Como utilizar os recursos tecnológicos em uma sala de aula de EJA se nem mesmo os professores estão preparados? A resposta pode ser encontrada, na formação acadêmica, isto é, precisa trabalhar o presente tema, nos cursos de graduação, visto que, a tecnologia não sairá da sociedade, pelo contrário, se atualizará cada vez mais, principalmente no período pós-pandemia, então é preciso trabalhar e incentivar sobre essa questão também desde as raízes do professor, ou melhor, dentro do universo acadêmico. A inclusão digital por parte dos professores na maioria das vezes sempre tem, mais geralmente a escola tem aquele determinado funcionário para esse serviço essencial como montar o retroprojetor, a mostrar como utilizar o computador e com isso o docente vai criando bagagens, se aperfeiçoando nessas novas tecnologias e em consequência aumentando o interesse dos alunos da EJA.

Os Multiletramentos são diversos tipos de linguagens sendo elas, visual, verbal, sonora e espacial, as novas tecnologias fazem parte dessa linguagem mais ampla assim como é necessário que tenha uma liberdade de expressão, ajudando nesse processo pedagógico. As linguagens visuais seja elas quais forem, são uma forma de comunicação direta e contribuem na alfabetização e letramento dos alunos, tendo em vista que, “a pedagogia do multiletramento exige e incentiva um aluno crítico, autônomo: em vez de se discriminar o uso da internet e dos celulares e suas câmeras na escola, esses instrumentos são recursos para a interação e comunicação” (ROJO e MOURA, 2012, p. 13).

O conceito de multiletramento aponta para dois tipos específicos e importantes de multiplicidade presentes em nossa sociedade, principalmente urbanas, na contemporaneidade: a multiplicidade cultural das populações e a multiplicidade semiótica de constituição dos textos por meio dos quais ela se informa e comunica (Rojo, 2012, p. 13).

Na perspectiva de Rojo os multiletramentos tem suas duas vertentes que tem a sua importância são elas as multiplicidades culturais e da constituição dos textos, onde torna a comunicação presente, envolvendo o eu e a sociedade.

Vivencia-se em uma sociedade multimodal onde a multiplicidade de linguagens se manifestam de maneiras diversificadas com isso a leitura e a escrita têm papel imprescindível nessa atuação elas podem propiciar a cada um, em especial aos alunos da EJA para desenvolver as suas múltiplas capacidades e constantemente são produzidos e necessários para inseri-los em uma sociedade em constante evolução.

A ideia de aula remota é boa, porém a acessibilidade é que é o problema. E o aprendizado dos alunos, acredita-se que tem sido em um nível médio baixo, pois alguns estudantes da EJA precisam da presença do professor incentivando o trabalho diário, por não se adaptarem ao ensino remoto, que na maioria dos casos se deu por falta de conhecimento tecnológico.

Todos os recursos e facilidades que o WhatsApp oferece, e sabendo que o aplicativo que a maioria das pessoas utilizam, pode-se utilizá-lo como um recurso favorecedor na aprendizagem dos alunos, neste tempo de pandemia, pode-se dizer que para a Educação de Jovens e adultos “a história de surgimento do aplicativo é bastante interessante pois se trata de algo bastante motivacional dentro de um segmento alijado da sociedade” (Santos, 2018, p. 81)

Nos últimos anos a Educação também passou por grandes mudanças, por consequência do uso das tecnologias, para evoluir o processo de ensino e aprendizado, foi preciso aplicar o uso de novas ferramentas tecnológicas de comunicação e informação, até porque o uso da tecnologia está no recorrente das pessoas e traz uma renovação nas práticas de ensino. Acredita-se que o objetivo conquistado, foi utilizar o WhatsApp como ferramenta virtual para tornar possível e mais preciso o processo de ensino e aprendizagem e na atuação pedagógica o uso do aplicativo auxiliou esse processo visto que “a preocupação no que diz respeito à inserção das TIC na Educação de Jovens e Adultos, deixou de atrelar-se aos

computadores, mas agora dialoga com a emergência dos aparatos tecnológicos móveis dos últimos anos” (Santos, 2018, p. 88).

Estudar e contextualizar os avanços das Novas Tecnologias da informação e Comunicação, gera um despertar quanto a sua aplicação como uma ferramenta auxiliar na Educação de Jovens e Adultos, e é um momento importante para analisar as ações práticas com esses alunos, bem como as possibilidades dificuldades encontradas por eles e pelos professores.

No capítulo seguinte demonstraremos como se realizou a aplicação de nossa pesquisa que foi utilizar o aplicativo WhatsApp na aquisição da leitura e escrita com os alunos da educação de jovens e adultos.

#### **4 PESQUISA DE CAMPO E APLICAÇÃO**

Com o firme propósito de aplicar nossa pesquisa com os alunos da educação de jovens e adultos, buscamos uma escola que acolhesse o nosso projeto. Encontramos a unidade escolar E.M.E.F Raquel de Castro Ferreira, situada na avenida Newton Prado, 503 – Morro dos Barbosas na cidade de São Vicente, onde conseguimos aplicar nossa pesquisa com os alunos da EJA, no segundo semestre do ano de 2021, de forma mais precisa nos dias 05, 10, 22/10 e 05 e 09/11, no período noturno, com a professora Adriana Gonçalves Diniz.

A escola foi escolhida para a nossa pesquisa, pois existe duas classes de EJA, e a diretora aderiu a nossa ideia com muito entusiasmo. Escolhemos a sala da Fase I, que corresponde aos alunos de 1º ao 4º ano, embora muitos ainda não estejam alfabetizados.

Nesta sala estão matriculadas 28 pessoas, com idades que variam de 17 anos a 72 anos. As mulheres correspondem 85% da turma, sendo os homens 15%. Mas porque escolhemos uma sala da EJA? Sentimos na pele que as dificuldades encontradas com o avanço da pandemia foram significativas para toda a educação no nosso país, mas sentimos principalmente a necessidade de olhar para EJA por ser um instrumento tão importante na vida de muitos jovens e adultos que ao fato de não conseguir concluir os estudos na idade própria devido a vários impedimentos buscam

nesta modalidade essa oportunidade. É muito gratificante observar que mesmo com tantas dificuldades não perderam a esperança de um dia conseguir concluir os estudos.

No primeiro dia da pesquisa de campo, o grupo foi na escola, a fim de conhecer os alunos e a realidade de cada um, identificar o nível de conhecimento que esses discentes tinham em relação à tecnologia. Neste primeiro momento, percebemos que os alunos estavam um pouco envergonhados e intimidados, por tal motivo, fizemos um momento mais descontraído de conversas informais e trocas de experiências, de igual forma, conversamos sobre a importância que os estudos trazem para a vida de cada um e as expectativas dos alunos. Somente após esse momento, falamos sobre os avanços tecnológicos e as contribuições das NTICs no ensino educacional. Procurou-se registrar o máximo de informações possíveis, que pudesse contribuir para a aplicação de nossa pesquisa e conseguimos coletar que todos os alunos daquela sala tinham acesso à internet.

No segundo dia, no objetivo de ganhar um pouco mais de confiança dos alunos, realizamos uma atividade de cruzadinha, que de acordo com o primeiro dia de visita é uma das atividades que eles mais gostavam de realizar. Em seguida, adentramos novamente no tema tecnologia, com o intuito dos alunos entenderem o quanto pode ser um meio facilitador tanto na aquisição da leitura e da escrita, como na praticidade que pode trazer na vida deles, e foi feita uma demonstração na própria escola, através do aplicativo WhatsApp como poderiam ser aplicadas as atividades por meio do aplicativo, bem como manusear o aplicativo.

No terceiro dia, aplicou-se uma atividade de alfabetização e letramento, através do aplicativo WhatsApp e em seguida verificamos se os alunos entenderam a proposta da atividade, bem como, buscamos compreender as dificuldades, e as estratégias para superá-las.

No quarto dia, realizou-se uma entrevista com a professora Adriana através do Google Meet, com o objetivo de entender como a professora se adequou na pandemia e a relação dos alunos com a tecnologia.

No último dia, fomos convidados a participar juntamente com os alunos de uma palestra da SEDUC na própria escola.

#### **4.1 Procedimentos metodológicos**

No objeto deste estudo foram realizados três tipos de metodologias: a revisão bibliográfica em livros, artigos científicos e acessando a internet, em seguida, pesquisa de natureza qualitativa e quantitativa, visando diagnosticar as dificuldades no processo de alfabetização e letramento, visto que “a teoria tem o intuito de explicar e compreender os fenômenos e processos, sendo a prática da dinâmica de interpretar (Minayo, 2012).

O estudo iniciou-se com a pesquisa bibliográfica, pois é o ponto inicial para podermos aprofundar no tema escolhido, para tal propósito, selecionamos alguns autores, que foram analisados e estudados para então coletarmos os dados e o conhecimento de cada um.

A investigação bibliográfica, teve como início, a pesquisa em várias fontes sobre o tema que escolhemos, tais como, textos presentes nos sites, os artigos científicos, livros e documentos, entre outros. Os materiais selecionados, foram estudados e analisados e foram feitas observações e anotações sobre as informações encontradas para enriquecer o nosso estudo. Nesta pesquisa bibliográfica, aprofundamos nossos estudos nos temas sobre EJA, sobre os métodos aplicados com esses alunos, a legislação, as dificuldades enfrentadas pelos discentes, e de igual forma, sobre os avanços tecnológicos, as NTICs, o aplicativo WhatsApp, os multiletramentos, entre outros.

Com a intenção de abranger a análise sobre a obscuridade dos problemas encontradas em nossa pesquisa bibliográfica, utilizamos a pesquisa qualitativa, que permite relacionar as informações coletadas com a realidade e os fenômenos sociais do ser humano. Em outras palavras, podemos dizer que a pesquisa qualitativa, ajuda a analisar mais detalhadamente os campos estudados, em consonância com aqueles que estão sendo analisados, para garantir dados mais minuciosos e precisos, para adentrar na realidade e nomear. Para alcançar os objetivos estudados, realizamos, pesquisas de campo, na escola Raquel de Castro Ferreira, onde foi realizadas conversas com professores e os alunos, para compreender as adversidades encardas por eles, e que possibilitou a discursão sobre a vivência com o uso das tecnologias.

Realizou-se similarmente, entrevista com a professora da sala dos alunos da

educação de jovens e adultos a fim de compreendermos as estratégias utilizadas por ela com o advento da pandemia causada pelo novo COVID-19, o que nos conduziu a análise de documentos e expondo a realidade crítica existente, porém deixando espaço para novos elos de pesquisas, que de acordo com Minayo (2012) “O ciclo de pesquisa não se fecha, pois, toda pesquisa produz conhecimento e gera indagações novas. Mas a ideia do ciclo se solidifica não em etapas estanques, mas em planos que se complementam.”

De igual forma, utilizamos a pesquisa quantitativa, que tem como objetivo a apresentação dos dados coletados através das pesquisas realizadas. Para tal contextualização, foi aplicado um questionário destinado aos alunos, criado em formulário eletrônico na plataforma do Google Forms com 9 questões objetivas e enviadas por meio de link e atividades via WhatsApp, buscando uma avaliação do nível de conhecimento dos discentes em relação ao uso das NTICS

A pesquisa de campo realizada pelo nosso grupo, foi realizada com os alunos e professores da educação de jovens e adultos na escola EMEF Raquel de Castro Ferreira.

No primeiro momento, realizamos as visitas na escola, conversamos e entendemos a realidade dos alunos, para poder aplicar de forma mais significativa nossa pesquisa. No segundo momento, o grupo realizou uma entrevista com a professora Adriana Gonçalves Dinis, docente da EJA no colégio que aplicamos nossa pesquisa. Fizemos alguns questionamentos sobre como foi administrar as aulas com a tecnologia, já que para a maioria dos alunos da EJA a tecnologia é algo muito complexo e de difícil acesso.

Na sequência, segue as perguntas que foram designadas à professora Adriana Gonçalves Dinis, com os seus objetivos. As indagações tiveram como intenção analisar como o aplicativo WhatsApp foi um facilitador na aquisição da leitura e escrita.

**Tabela 1 – Perguntas e objetivos – Docente**

Perguntas	Objetivos
1) Quantos anos a senhora trabalha como pedagoga e quanto tempo na EJA?	Ter ciência do tempo de experiência que a professora tem na área da pedagogia, e quanto a EJA, saber o tempo de experiência na Educação de Jovens e Adultos
2) Em qual escola a senhora leciona?	Saber se é uma instituição do Governo, Municipal, ou de alguma Instituição particular
3) Durante a pandemia, quais foram os recursos que a senhora utilizou para atender os alunos da EJA?	Saber quais os recursos que a professora utilizou para desenvolver a parte pedagógica com os alunos
4) Em média quantos alunos participavam das atividades?	Saber se os alunos estavam assíduos nas aulas ou se não interagiam
5) Durante esse processo muitos alunos desistiram?	Saber quantos alunos permaneceram e quantos desistiram
6) A senhora acha que com essa nova modalidade da tecnologia houve avanço na aprendizagem?	Identificar se os alunos tiveram um bom desenvolvimento e se a tecnologia contribuiu para um bom desenvolvimento
7) Quais foram os principais problemas que a senhora enfrentou durante este período?	Saber quais foram as dificuldades que a professora enfrentou, saber o que ela fez para superar a situação.
8) O WhatsApp na sua opinião foi um grande aliado?	Saber se esse recurso tecnológico atendeu a expectativa da professora, para desenvolver a parte tecnológica com os alunos
9) Com todas as dificuldades que ficaram evidentes na pandemia, na área da educação a senhora acredita que no próximo ano a tecnologia também irá fazer parte do grupo da EJA	Saber se esse recurso tecnológico trouxe êxito em meio a uma situação desfavorável na educação, e se em outras dificuldades esse recurso possa ser seja aplicado na EJA.

Fonte: Elaborada pelo grupo

A seguir, seguem as questões e seus respectivos objetivos, que foram designadas aos alunos da educação de jovens e adultos, que estudam na escola em que o grupo realizou a pesquisa de campo. As perguntas, tiveram como objetivo geral, identificar as dificuldades que os alunos enfrentam em relação ao ensino-aprendizagem, na aquisição da leitura e da escrita.

As atividades, em que o grupo elaborou, foram pautadas no conhecimento que os alunos já haviam adquirido, ou seja, houve a preocupação com o nível de conhecimento que os alunos já tinham. Os objetivos gerais das atividades, foram avaliar o nível de conhecimento dos alunos, bem como, fazer com que os alunos realizassem a atividade de forma remota e através do aplicativo.

**Tabela 2 – Perguntas e objetivos - alunos**

PERGUNTA	OBJETIVO
1. Você tem acesso da internet?	Fazer um levantamento de quantas pessoas possuem acesso a rede
2. Qual a maior dificuldade em estudar a distância?	Refletir sobre as dificuldades que os alunos enfrentam nas aulas online
3. Como você acompanha as aulas?	Fazer levantamento das ferramentas usadas.
4. Com que frequência você participa das atividades propostas?	Quantificar a frequência de cada aluno participante
5. As aulas ficaram mais fáceis durante a pandemia?	Refletir sobre o que os alunos sentem em relação as aulas na pandemia
6. Você sentiu vontade de abandonar os estudos?	Diante todas as dificuldades, erros e acertos procuramos entender os sentimentos dos alunos se houve ou não vontade de abandonar os estudos.
7. De 0 a 10 como você avalia seu aprendizado durante a pandemia	Fazer um levantamento sobre a própria avaliação de aprendizado dos alunos
Escreva um comentário sobre o que mais te ajudou e o que mais atrapalhou nos estudos	Deixar que eles falem sobre este período, o que mais ajudou e mais atrapalhou para o seu aprendizado

Fonte: Elaborada pelo grupo

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A justificativa para o presente tema é que, embasado em pesquisas que foram realizadas pelo grupo, foi possível observar em decorrência da pandemia propiciado pelo novo covid-19, que teve como uma das consequências o isolamento social, causando em todos os ambientes escolares a falta de interação, foi possível analisar que o aplicativo WhatsApp, como uma experiência e ferramenta de estudo é importante, visto que, os professores podem se comunicar com os alunos com maior facilidade, podendo igualmente enviar as atividades em PDF, imagens, vídeos, áudios e a troca de mensagens para tirar dúvidas, além de, auxiliar nas atividade e promover novamente o entrosamento dos alunos.

Diante disso, este trabalho objetivou favorecer a aquisição da leitura e da escrita por meio do uso do WhatsApp como uma ferramenta na alfabetização na educação de jovens e adultos. Averiguar o uso do aplicativo WhatsApp na educação de jovens e adultos como uma experiência de ensino da leitura e da escrita como método que o relaciona com os multiletramentos.

O nosso tema tem uma devida importância para a educação para mostrar aos demais os valores e saberes que os alunos mais velhos carregam e mostrar a devida importância aos alunos da Educação de Jovens e Adultos que eles tem a capacidade de se inserirem as novas tecnologias com ajuda e pratica pelo menos o básico dessa era digital eles podem aprender acredito aos que forem pesquisa-lo futuramente nosso trabalho teve uma contribuição para inseri-los na NTICS e mesmo com a pandemia e com a dificuldades que eles tinham com a utilização das tecnologias não foram deixado de lado.

## REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**, 35a edição, Paz e Terra, São Paulo, 2003A  
Construção do Real na Criança, 3º edição, zahar, Rio de janeiro, 1979

ROJO, Roxane; MOURA, Eduardo. **Letramentos, mídias, linguagens**. São Paulo, Editora Parábola, 2019.

**CONSCIÊNCIA FONOLÓGICA NA LÍNGUA INGLESA E NA LÍNGUA  
PORTUGUESA: UMA EXPERIÊNCIA INTERDISCIPLINAR**

**PHONOLOGICAL AWARENESS IN THE ENGLISH AND PORTUGUESE  
LANGUAGES: AN INTERDISCIPLINARY EXPERIENCE**

**MARILENE REZENDE DUARTE<sup>1</sup>**

**SHEILA S.C.B.BORGES<sup>2</sup>**

**RESUMO**

Este artigo tem como objetivo geral apresentar a importância da consciência fonológica, não só para o desenvolvimento da língua materna, assim como para uma língua estrangeira (inglês). Como objetivo específico buscamos demonstrar uma atividade realizada com alunos do 6º ano do Ensino Fundamental II em ambas as línguas utilizando a fábula “O leão e o rato” Baseamo-nos nos seguintes teóricos: Abdalla (2006), Brasil – Base Nacional Comum Curricular (2018), Capovilla e Capovilla (2000), Galvão (2016) e Marchuschi (2008). Constatamos que a atividade alcançou seu objetivo de desenvolver a consciência fonológica de forma lúdica.

**Palavras-chave:** consciência fonológica; leitura bilíngue; oralidade

**ABSTRACT**

This article has as a general objective to show the importance of phonological consciousness, not only for the development of the mother language but also to a foreign language (English). As a specific objective, we searched to demonstrate an activity developed with students from 6th grade of Ensino Fundamental II in both languages. We were based on the following theoretical: Abdalla (2006), Brasil – Base Nacional Comum Curricular (2018) Capovilla e Capovilla (2000), Galvão (2016), and Marchuschi (2008). We verified that the activity reached its objective in developing the phonological consciousness in a ludic way.

**Keywords:** phonological consciousness; bilingual reading; orality

**1 INTRODUÇÃO**

Na atual conjuntura com as novas formas de comunicação humana (Internet,

---

<sup>1</sup> Mestre em Educação – UNISANTOS – E-mail: [marileneduarte@prof.educacao.sp.gov.br](mailto:marileneduarte@prof.educacao.sp.gov.br) Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6623634489620090>

<sup>2</sup> Mestre em Educação – UNISANTOS – Santos – S.P. - Professora da UNIBR – São Vicente - E-mail: [sheila.borges@unibr.edu.br](mailto:sheila.borges@unibr.edu.br) / [teacher\\_sheila@hotmail.com](mailto:teacher_sheila@hotmail.com) – Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7810383487896679>

aplicativos e etc.) falar com outros povos do planeta tornou-se parte do nosso cotidiano e aprender outra língua tornou-se importante para a comunicação humana, porém mais importante que aprender outras línguas é tornar-se poliglota em sua língua materna como cita de maneira muito pertinente o professor Evanildo Bechara “o falante deve ser poliglota em sua própria língua”.

Pensar em situações didáticas específicas torna-se complicado, pois a defasagem que alguns alunos trazem nesta fase dos estudos é grande e diversificada, mas focamos no trabalho fonológico com a leitura dramatizada na perspectiva de trabalhar a consciência fonológica, pois de acordo com (Capovilla & Capovilla, 2000): “A consciência fonológica e o conhecimento das correspondências entre o grafema e fonemas estão para a alfabetização assim como as vitaminas e sais minerais estão para a saúde.”

Ações nessa direção são extremamente necessárias visto a posição do Brasil em testes externos como o PISA, que embora o exame não avalie somente a leitura, nos indica que precisamos dar atenção para essa área não somente dentro da disciplina de Língua Portuguesa, mas também dentro da escola e da sociedade brasileira.

No sexto ano do Ensino Fundamental nos deparamos com a necessidade de trabalharmos a qualidade dessa comunicação, desde a escrita até a compreensão da mensagem recebida.

No ensino da segunda língua a escola oferece a língua Inglesa, pois é um idioma largamente falado em todas as áreas, assim falar e entender esta língua tornou-se importante para a comunicação de qualquer pessoa, porém existe uma resistência de muitos alunos no momento da fala, por encontrar dificuldade na pronúncia devido às diferenças fonéticas existentes com a nossa língua materna (Portuguesa).

Observamos que além do fator da dificuldade em relação à pronúncia que exige do aluno uma consciência fonológica diferente da sua língua materna, há a questão da escrita que na maioria das vezes não corresponde ao som representado como temos em língua portuguesa. Passamos então a enfrentar também a questão de como desenvolver habilidade leitora, juntamente com a oralidade. que como nos diz Pinto

(2010), fala e escrita são ambas manifestações da linguagem e devem ter seu desenvolvimento de forma significativa.

Sendo assim, para compreendermos melhor o processo de aquisição da língua inglesa, faz-se necessário entender o que é consciência fonológica em língua inglesa e como ela acontece.

## **2 CONSCIÊNCIA FONOLÓGICA EM LÍNGUA INGLESA**

Segundo Galvão (2016):

A linguagem está inerentemente imbricada na constituição e formação do caráter do ser humano. Devido a essa inter-relação (pensamento e palavra) que se instaura com aspecto fundamental na construção da língua, o falante opera implicitamente seu código linguístico como base na influência dos seus parâmetros universais, biológicos e cognitivos. Isto implica afirmar que durante a formulação da sentença ou a recepção dessa, o falante/ouvinte opera expressões linguísticas compostas por estruturas que desencadeiam formulações de significados que se concentram no contexto ou conteúdo da mensagem.

Ainda de acordo com Galvão (2016) a consciência fonológica surge da consciência de que a palavra é constituída por partes que podem ser segmentadas e manipuladas. Sendo assim, a consciência fonológica pode ser trabalhada através de diversos níveis:

- no nível da sílaba: a criança utiliza das mãos para contar as sílabas das palavras;
- no nível intrassilábico: a criança passa a ter consciência da rima e das aliterações;
- no nível dos fonemas: é o nível mais complexo pois exige da criança a habilidade/capacidade de estabelecer combinações sonoras formando ou eliminando sons para criar outros.

Neste trabalho, optamos por trabalhar com a consciência no nível dos fonemas devido à idade/série dos alunos (6º ano ensino fundamental - 11 e 12 anos) e pelo interesse de trabalharmos a leitura, despertando assim a reflexão consciente do sistema de sons da língua.

Juntamente com a consciência fonológica trabalhamos as habilidades

essenciais a serem desenvolvidas em língua inglesa e língua portuguesa:

### **2.1 Língua Inglesa:**

(EF06LI12) Interessar-se pelo texto lido, compartilhando suas ideias sobre o que o texto

(EF06LI14) Organizar ideias, selecionando-as em função da estrutura e do objetivo do texto informa/comunica.

(EF06LI18) Reconhecer semelhanças e diferenças na pronúncia de palavras da língua inglesa e da língua materna e/ou outras línguas conhecidas. (BRASIL, 2018. p. 249, 253)

### **2.2 Língua Portuguesa:**

(EF69LP38) Organizar os dados e informações pesquisados em painéis ou slides de apresentação, levando em conta o contexto de produção, o tempo disponível, as características do gênero apresentação oral, a multissemiose, as mídias e tecnologias que serão utilizadas.

(EF69LP49) Mostrar-se interessado e envolvido pela leitura de livros de literatura e por outras produções culturais do campo e receptivo a textos que rompam com seu universo de expectativas, que representem um desafio em relação às suas possibilidades atuais e suas experiências anteriores de leitura, apoiando-se nas marcas linguísticas, em seu conhecimento sobre os gêneros e a temática e nas orientações dadas pelo professor.

(EF69LP52) Representar cenas ou textos dramáticos, considerando, na caracterização dos personagens, os aspectos linguísticos e paralinguísticos das falas (timbre e tom de voz, pausas e hesitações, entonação e expressividade, variedades e registros linguísticos), os gestos e os deslocamentos no espaço cênico, o figurino e a maquiagem e elaborando as rubricas indicadas pelo autor por meio do cenário, da trilha sonora e da exploração dos modos de interpretação.

(EF69LP53) Ler em voz alta textos literários diversos, bem como leituras orais capituladas (compartilhadas ou não com o professor) de livros, contar/recontar histórias tanto da tradição oral, quanto da tradição literária escrita, expressando a compreensão e interpretação do texto por meio de uma leitura ou fala expressiva e fluente, gravando essa leitura ou esse conto/reconto, seja para análise posterior. (Brasil, 2018, p. 145, 161, 163).

Buscando desenvolver as habilidades em ambas as línguas, decidimos trabalhar com o gênero textual “fábula”, como um elemento fértil na área interdisciplinar, voltado principalmente para atividade sociointerativa.

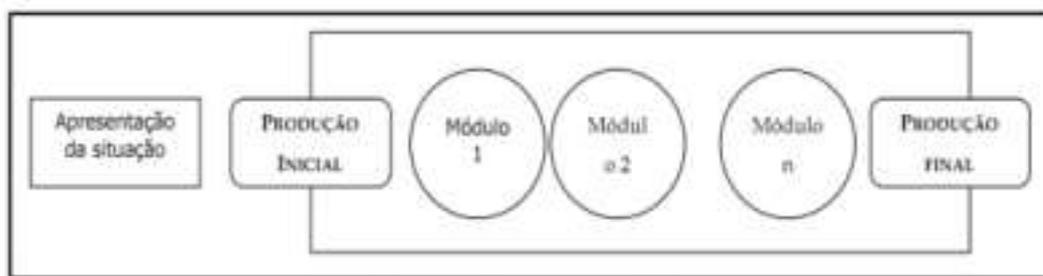
De acordo com a Base Nacional Comum Curricular:

O trabalho com gêneros verbais e híbridos, potencializados principalmente pelos meios digitais, possibilita vivenciar, de maneira significativa e situada, diferentes modos de leitura (ler para ter uma ideia geral do texto, buscar informações específicas, compreender detalhes etc.), bem como diferentes objetivos de leitura (ler para pesquisar, para revisar a própria escrita, em voz alta para expor ideias e argumentos, para agir no mundo, posicionando-se de forma crítica, entre outras). Além disso, as práticas leitoras em língua inglesa compreendem possibilidades variadas de contextos de uso das linguagens para pesquisa e ampliação de conhecimentos de temáticas significativas para os estudantes, com trabalhos de natureza interdisciplinar ou fruição estética de gêneros como poemas, peças de teatro, etc. (Brasil, 2018, p.244)

### 3 METODOLOGIA

Para sistematizar as habilidades citadas focando a consciência fonológica, cada disciplina desenvolveu uma sequência didática proposta de Schneuwly e Dolz, “Os gêneros escolares – Das práticas de linguagem aos objetos de ensino” (p.97)

**Figura 1 – Esquema da Sequência Didática**



Esquema da sequência didática

**Tabela 1 – Sequência Didática – Língua Portuguesa**

APRESENTAÇÃO DA SITUAÇÃO	Roda de conversa sobre apresentação teatral, apresentação do cronograma para realização da apresentação teatral.
PRIMEIRA PRODUÇÃO	-Leitura compartilhada da fábula “O Leão e o Rato”; -Leitura em voz alta (treino de ritmo e entonação);
Módulo 1	Leitura dramatizada.
Módulo 2	Estudo do texto, compreensão textual .
Modulo 3	Confecção das personagens.
Módulo 4	Confecção do cenário 
Produção final	Apresentação da peça teatral para a classe para apreciação dos alunos

**Tabela 2 – Sequência Didática – Língua Inglesa**

<p><b>APRESENTAÇÃO DA SITUAÇÃO</b></p>	<p>Encenação de um teatro de sombras em português e inglês da fábula: O leão e o rato / The Lion and the mouse. Os alunos se apresentarão para a classe utilizando as duas línguas. Explicação do gênero fábula e dos elementos da narrativa.</p>
	<div data-bbox="746 454 1289 922" data-label="Image"> </div> <p>Apresentação de um vídeo com teatro de sombras com a fábula “the lion and the mouse” sem som. Reapresentação do vídeo narrado em inglês.</p> <div data-bbox="754 1025 1273 1411" data-label="Image"> </div>
<p><b>PRIMEIRA PRODUÇÃO</b></p>	<p>Exercícios de compreensão do texto sobre elementos da narrativa.</p>
<p>Módulo 1</p>	<p>Leitura em voz alta do texto em inglês em grupo e individual.</p>
	<div data-bbox="821 1556 1168 1998" data-label="Image"> </div>

<b>Módulo 2</b>	Leitura dramatizada em inglês para prática da entonação.
<b>Módulo 3</b>	Confecção do cenário juntamente com Língua Portuguesa. 
<b>Produção final</b>	Apresentação da peça teatral para a classe de alunos.

A utilização da leitura silenciosa e em voz alta contribuíram para a aquisição da habilidade leitora e consciência fonológica em língua portuguesa e língua inglesa. Sendo o texto “O leão e o rato” - The Lion and the mouse” apresentado, concomitantemente nas duas línguas em suas respectivas aulas.

Optamos, em língua inglesa, pelo recurso do vídeo da fábula, pois segundo a BNCC, o uso pedagógico de recursos midiáticos:

Constituem insumos autênticos e significativos, imprescindíveis para a instauração de práticas de uso/interação oral em sala de aula e de exploração de campos em que tais práticas possam ser trabalhadas. Nessas práticas, que articulam aspectos diversos das linguagens para além do verbal (tais como o visual, o sonoro, o gestual e o tátil), os estudantes terão oportunidades de vivência e reflexão sobre os usos orais/ oralizados da língua inglesa.” (Brasil, 2018, p.243)

Em um segundo momento, os alunos assistiram novamente ao vídeo, mas agora acompanhando com o texto em inglês e prestando atenção na pronúncia das palavras. Outro elemento importante ressaltado pela Base Nacional Comum Curricular:

A oralidade também proporciona o desenvolvimento de uma série de comportamentos e atitudes – como arriscar-se e se fazer compreender, dar voz e vez ao outro, entender e acolher a perspectiva do outro, superar mal-entendidos e lidar com a insegurança, por exemplo. Para o trabalho pedagógico, cabe ressaltar que diferentes recursos midiáticos verbo-visuais (cinema, internet, televisão, entre outros) constituem insumos autênticos e significativos, imprescindíveis para a instauração de práticas de uso/interação oral em sala de aula e de exploração de campos em que tais práticas possam ser trabalhadas. Nessas práticas, que articulam aspectos diversos das

linguagens para além do verbal (tais como o visual, o sonoro, o gestual e o tátil), os estudantes terão oportunidades de vivência e reflexão sobre os usos orais/ oralizados da língua inglesa (Brasil, 2018, p.243).

Posteriormente, os alunos fizeram um exercício, onde tinham que identificar os elementos da narrativa na história.

Após a identificação dos elementos da narrativa através de um exercício escrito, partiu-se para a prática da leitura em voz alta propriamente dita. Após a encenação da fábula, os alunos perceberam como são capazes de executar a leitura em ambas as línguas e que a consciência fonológica é necessária.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Na busca de aprimoramento do professor existe a necessidade de uma constante reflexão sobre a prática de ensino no intuito de alavancar o aprendizado

efetivo do aluno na direção de compreender suas dificuldades e apresentar uma intervenção pedagógica eficaz, o que nos remete a Abdalla (2006, p. 25), “o olhar para *compreender, superar* algumas de nossas necessidades”.

Tanto em Língua portuguesa como em Língua Inglesa, a leitura e a compreensão textual apresentam vários desafios para um aprimoramento eficaz. O estudo de textos por gêneros apresenta uma visão mais sistematizada da comunicação humana, trazendo para o aluno um hábito de compreender textos dentro do ambiente social ao qual ele foi produzido.

O trabalho com a oralidade apresenta possibilidades também de desenvolvimento das habilidades socioemocionais, pois ao apresentar-se para um público o aluno treina sobretudo o respeito à fala e a necessidade de controlar suas emoções diante dos colegas.

O trabalho com a consciência fonológica é somente um item dentre outros que devem ser trabalhados em sala de aula, porém quando não trabalhado de maneira consistente o aluno apresenta dificuldades que carregará para sua vida acadêmica.

Ao trabalhar com gêneros textuais como a fábula, o professor de língua inglesa e língua portuguesa não estarão simplesmente incentivando a o

desenvolvimento das competências dos idiomas citados, mas ao desenvolver a consciência da estrutura fonológica da palavra e seus sons, e construindo a pronúncia, estimularão o mundo imaginário e criativo da literatura infante juvenil.

## REFERÊNCIAS

ABDALLA, M. F. B.. **O senso prático de ser e estar na profissão**. São Paulo: Cortez, 2006. (Coleção Questões da Nossa Época; v.128).

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

CAPOVILLA, A. G. S.; CAPOVILLA, F. C. **Problemas de leitura e escrita: como identificar, prevenir e remediar numa abordagem fônica**. São Paulo: Memnon, Fapesp, 2000b.

GALVÃO, Naiana Siqueira. **Desenvolvendo a consciência fonológica em língua inglesa através de poemas e nursery rhymes**. Revista Arredia, Dourados, MS, Editora UFGD, v.5, n.9: 1-14, jul./dez. 2016.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção Textual, Análise de Gêneros e Compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

PINTO, Abuêndia Padilha. **Gêneros discursivos e ensino de Língua Inglesa**. IN: DIONÍSIO, Ângela P.; MACHADO, Ann Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (organizadoras). **Gêneros Textuais & Ensino**. São Paulo, SP: Parábola Editorial, 2002. P. 51-62.

SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. **Os gêneros escolares** - Das práticas de linguagem aos objetos de ensino. IN: B. SCHNEUWLY; J. DOLZ e colaboradores. **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004[1997]. Pp. 41-73. Tradução e organização de R. H. R. Rojo e G. S. Cordeiro.

**LEITURA E PRODUÇÃO ESCRITA DE CONTOS NO 5º ANO DO ENSINO  
FUNDAMENTAL: UMA EXPERIÊNCIA DIDÁTICA COM O FACEBOOK**

**READING AND WRITTEN PRODUCTION OF STORIES IN THE 5TH YEAR OF  
ELEMENTARY SCHOOL: A TEACHING EXPERIENCE WITH FACEBOOK**

**DAYANE OLIVEIRA DOS REIS<sup>1</sup>**

**LUCIMAR SANTANA DE OLIVEIRA<sup>2</sup>**

**THAINÁ SANTOS DE SOUZA<sup>3</sup>**

**THAMIRES SANTOS DE SOUZA<sup>4</sup>**

**Dr. HÉLIO RODRIGUES JR.<sup>5</sup>**

**RESUMO**

Ler acrescenta muito no desenvolvimento da criança, exercitando sua capacidade imaginativa, expandindo sua mente, ampliando seu vocabulário, fazendo com que ela tenha um raciocínio lógico mais rápido e auxiliando na aprendizagem de novas habilidades. A pretensão com esse trabalho é fazer com que as crianças do ensino fundamental criem o hábito da leitura, pois, com o avanço das novas tecnologias e suas facilidades em ter tudo a mão de forma rápida, se torna cada vez mais raro esse hábito entre os jovens. Com isso a escola e os professores precisam se preocupar em como despertar em seus alunos a prática da leitura, utilizando ferramentas pedagógicas, como a internet, dessa vez como aliada, onde muitos estão conectados diariamente. O projeto aborda essa questão, de colocar a tecnologia, a leitura e a escrita juntos, como ferramenta de apoio, será a utilizada a rede social Facebook que irá abordar uma forma diferenciada de leitura, interpretação de texto e escrita, na qual todos juntos produzem uma história. Entender como a leitura de livros ficaram em segundo plano, atualmente, foi essencial para o desenvolvimento do nosso projeto, pois abranger a leitura, e a tecnologia, faz com que se entenda melhor, nosso público-alvo, como trabalhar o assunto de forma eficaz. Pois além do aluno pegar o gosto pela leitura é fazê-lo pegar o gosto pela escrita, assim trabalhar todo um projeto de criação. Hoje é visível, que alunos com hábitos de leitura, produzem mais e enxerga a vida de forma mais culta, com uma bagagem, já preenchida, diferente, de alunos que não tem esse hábito.

**PALAVRAS-CHAVE:** Hábitos de leitura; Produção de Contos; Tecnologia; Ensino Fundamental; Ensino Remoto.

---

<sup>1</sup> Graduanda em Licenciatura em Pedagogia – FSV UNIBR

<sup>2</sup> Graduanda em Licenciatura em Pedagogia – FSV UNIBR

<sup>3</sup> Graduanda em Licenciatura em Pedagogia – FSV UNIBR

<sup>4</sup> Graduanda em Licenciatura em Pedagogia – FSV UNIBR

<sup>5</sup> Dr. em Língua Portuguesa PUC-SP - Faculdade de São Vicente – UNIBR – E-mail: h-rodrigues-junior@uol.com.br

## ABSTRACT

Reading adds a lot to the child's development, exercising their imaginative capacity, expanding their mind, expanding their vocabulary, making them have a faster logical reasoning and helping to learn new skills. The intention with this work is to make elementary school children create the habit of reading, because, with the advancement of new technologies and their facilities in having everything at hand quickly, this habit becomes increasingly rare among children. young. With this, the school and teachers need to worry about how to awaken in their students the practice of reading, using pedagogical tools such as the internet, this time as an ally, where many are connected daily. The project addresses this issue, of putting technology, reading and writing together, as a support tool, the social network Facebook will be used, which will address a differentiated form of reading, text interpretation and writing, in which all together produce a story. Understanding how the reading of books has taken a back seat today was essential for the development of our project, as covering reading, and technology, makes us better understand, our target audience, how to work the subject effectively. Because in addition to the student's taste for reading, he also has a taste for writing, thus working on an entire creation project. Today it is visible that students with reading habits produce more and see life in a more cultured way, with a baggage, already filled, different from students who do not have this habit.

**KEYWORDS:** Reading habits. Production of short stories. Technology. Elementary School. Remote Teaching.

## 1 INTRODUÇÃO

O processo de leitura começa desde cedo, a criança adquire esse ato através de sua família porém atualmente foi se deixando de lado a leitura pois com a modernidade em que o mundo se encontra os jovens de hoje prefere ficar em suas redes sociais ao invés de praticar a leitura. Desenvolvemos esse tcc para aplicar a leitura através da rede social Facebook.

Hoje em dia, na pratica de leitura ocorreram algumas mudanças significativas, percebe-se que existe um desinteresse muito grande por parte do educando, devido a tecnologia avançada que contribui e afeta o sistema da educação, na qual desvia a atenção total do aluno, tornando-os dependentes da tecnologia, causando assim, uma defasagem por falta de interesse do aluno na aprendizagem, ou por falta de instrutoras da tecnologia, assim obtendo alunos com comodismo.

Com isso, o questionamento que se baseia esse trabalho é se “Os alunos inseridos nesse mundo tecnológico, são capazes, na prática da aprendizagem da leitura e interpretação de texto, de produzir sozinhos suas próprias histórias?”

A proposta do projeto para a produção de texto por alunos de uma determinada escola de ensino fundamental, onde cada aluno irá dar continuidade a história do outro, criando assim um texto colaborativo, tendo como objetivo, além de desenvolver a criatividade dos alunos, a contribuição para a prática da leitura e da escrita, estimular a prática da mesma e mostrar que as novas tecnologias podem auxiliar nessas vivências, bem como facilitar o acesso para a prática da leitura e criar novas formas de avaliação para os professores.

A abordagem utilizada nesse trabalho foi a de pesquisa quantitativa, onde foram observados os dados coletados na página do Facebook na qual foi alimentada pelos alunos da pesquisa, bem como da pesquisa bibliográfica que deu embasamento para a sua montagem, utilizando autores como Castilho, Ferreiro, Soares, e sites como o Google Acadêmico e Scielo.

## **2 A LEITURA ANTES DA ERA DIGITAL**

O hábito da leitura é algo antigo, que foi surgindo conforme a evolução da humanidade nas habilidades de leitura e escrita. Os gregos e até a idade média, os livros eram lidos em voz alta, para grupos influentes, como os filósofos, os intelectuais, os políticos e os religiosos. A leitura também foi restrita a grupos específicos, como os nobres e ricos, sendo proibido as classes mais baixas, por acharem que o conhecimento só deveria transitar por pessoas de graus mais elevados da sociedade. Nos séculos seguintes, a partir de 1.700, a leitura se tornou algo social, onde as pessoas de todas as classes, que fossem alfabetizadas, reuniam-se em cafés, salões e em aulas de leitura. Com a disseminação de novos ideais pela Revolução Francesa e o Iluminismo, o poder da leitura passou a ser relacionado com o movimento humanista e o antropocentrismo, dando aos livros, leitores ávidos e escritores um novo status social.

Antes da introdução e do fácil acesso as tecnologias, os estudantes faziam suas pesquisas de trabalhos escolares nas bibliotecas, os jovens e adultos procuravam esse mesmo local para retirar livros de fantasia, ficção científica, literatura nacional e internacional, utilizando-os como forma de passatempo e conhecimento ao mesmo

tempo.

A leitura está presente na nossa vida desde de sempre, o ato de ler não é simplesmente ler, é interpretar o texto e compreender o que se lê. Com passar dos anos a leitura foi passando pelos avanços da tecnologia como observamos anteriormente a biblioteca era cheia de livros, tínhamos prazos para a entrega, hoje com a nova era digital a leitura tomou um rumo mais amplo, podendo manter a leitura e o conhecimento em dia através da internet, onde temos acesso, a livros, artigos entre outros.

Percebe-se que com o avanço da tecnologia que a leitura está crescendo cada vez mais, seja ela positiva ou negativa. Não é difícil ler sobre pessoas que não leem, que os brasileiros leem pouco, ou que os jovens só leem se forem obrigados, que de fato é realmente a realidade em que vivemos, mas com a tecnologia na nova era digital tem mudado muito ao decorrer dos anos essa defasagem da leitura.

As utilizações das novas tecnologias apresentaram uma infinidade de possibilidades, em que não há mais limites de tempo e de espaço. A informação circula a todo instante, e o leitor não é mais só um observador, mas também faz parte diretamente da criação de um texto. Segundo Freitas (2011, p. 16):

A leitura não é mais linear e se converte agora em um outro termo: navegar. Enquanto manuseamos um livro, viramos sequencialmente suas páginas. O hipertexto informatizado nos dá condições de atingir milhares de dobras imagináveis atrás de uma palavra ou ícone, uma infinidade de possibilidades de ação, muitos caminhos para navegar. O leitor em tela é mais ativo que o leitor em papel.

Pode-se perceber que a era digital está cada dia mais avançando e que todas as idades estão conectadas a tecnologia, a leitura na nova era digital está englobada em um todo, nas redes sociais, nos artigos, nos blogs, praticamos o uso da leitura em tudo que lemos.

Ler é uma palavra pequena que tem um peso enorme, a leitura é tão importante que nunca se deve perde o costume, larga de mão. Ler é gratificante, trabalha a imaginação, exercita a memória e contribui para o crescimento do vocabulário e estimula a criatividade.

A escola é a instituição encarregada da alfabetização da criança; entretanto, os meios para a difusão da leitura provêm de um setor mais amplo. Dizem respeito ao conjunto de uma política de leitura, que transcorre

preferencialmente na escola, mas resulta de um posicionamento de toda a sociedade. (ZILBERMAN, 1990, p. 106)

Ensinar a leitura não é somente dever das escolas e sim de toda sociedade, a iniciativa e ajuda dos pais ajudam muito os professores, assim a crianças terão mais interesse e será mais prazeroso. A leitura em família tem grande influência no desenvolvimento do aluno na escola, ajudando em seu desempenho durante a infância e para a aprendizagem ao longo da vida, a pratica de leitura ajuda a criança ter um imaginação fértil, o incentivo da leitura em casa pode ser inserida desde bebê introduzindo livros coloridos ,com som para chama a atenção da criança , já para uma criança maior pode ser contato uma história todos os dias antes de dormi, durante o banho e até mesmo vendo seus familiares lendo ou escrevendo, fazendo com que ele tenha curiosidade em aprender.

Percebe-se que a leitura tem grande relevância no processo de ensino aprendizagem, o ato de praticar deve ser fundamental, pois, abre horizontes no qual estava escondido e que só e descoberto quando se lê, a leitura em si traz muitos benefícios aos seus leitores desde ampliar seu vocabulário e sua imaginação, edificando a vidas de seus leitores.

### **3 CONCEITOS DE LEITURA DE KLEIMAM, KOCH e MARCUSCHI.**

Ler é um habito que envolve diversos aspectos, além de desenvolver aprendizagem, ele também aproxima pessoas, sua pratica social interliga outros textos, outras literaturas, ou seja, conjectura em ações conjuntas de valores, crenças e atitudes que refletem o grupo social em que as pessoas estão inseridas.

Para Kleimam (2013, p.16,17) ler é uma prática social que se interliga a outros textos e outras leituras, ou seja, a leitura de um texto pressupõe em ações conjuntas de valores, crenças e atitudes que refletem o grupo social em que as pessoas estão inseridas.

Já Koch (2006) traz dados interessantes sobre a leitura dentro dos documentos escolares, trazendo um trecho das diretrizes curriculares, em que:

A leitura é o processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de compreensão e interpretação do texto, a partir de seus objetivos, de seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, de tudo o que sabe sobrea

linguagem etc. Não se trata de extrair informação, decodificando letra, palavra por palavra. Trata de uma atividade que implica estratégias de seleção, antecipação, inferência e verificação, sem as quais não é possível proficiência. É o uso desses procedimentos que possibilita controlar o que vai sendo lido, permitindo tomar decisões diante de dificuldades de compreensão, avançar na busca de esclarecimentos, validar no texto suposições feitas. (KOCH, 2006 P. 29-30)

Para Marcuschi (2008) a compreensão satisfatória de um texto não é uma atividade natural, tampouco uma herança dos genes, assim como não é isolada do meio social em que vivemos. A atividade da leitura, assim como a da escrita, é situada em um determinado contexto, que é primordial em todo o processo. As estratégias de leitura segundo Isabel Solé são um agrupamento de diversas técnicas e métodos que irão facilitar o processo de leitura e, conseqüentemente, a compreensão por parte dos alunos, dos textos. Segundo Solé (1988):

As estratégias de leitura são as ferramentas necessárias para o desenvolvimento da leitura proficiente. Sua utilização permite compreender e interpretar de forma autônoma os textos lidos e pretende despertar o professor para a importância em desenvolver um trabalho efetivo no sentido da formação do leitor independente, crítico e reflexivo (Solé, 1988).

Para que se tenha uma compreensão do texto, o leitor utiliza seus conhecimentos de mundo e os conhecimentos do texto para se atingir uma finalidade, é fundamental que ao ler, o leitor se proponha a alcançar determinadas estratégias responsáveis pela compreensão do que se está lendo.

A produção textual, é a exposição, por meio de palavras, de ideias que a pessoa tem sobre um determinado assunto.

O texto é uma unidade de sentido, produzida por um autor e interpretada por um leitor, ou seja, é tudo aquilo a que atribuímos um sentido ao ler e escrever. A coesão e a coerência são elementos diferentes, mas muito importantes para a produção de um texto. A coesão é o instrumento relacionado aos elementos que asseguram a ligação entre palavras e frases, de modo a interligar as diferentes partes de um texto. Já a coerência, é responsável por estabelecer a ligação lógica entre ideias, para que, juntas, elas garantam que o texto tenha sentido. Apesar de os dois conceitos estarem relacionados, eles são independentes, ou seja, um não depende do outro para existir.

#### **4 O QUE SÃO CONTOS?**

O conto, é um gênero textual marcado pela de narrativa curta, escrita em prosa

e de menor complexidade em relação aos romances. Tendo começo, meio e fim, com uma narrativa breve e concisa, contendo um só conflito, uma única ação, com espaço geralmente limitado a um ambiente, unidade de tempo, e número restrito de personagens.

A nova era digital com os benéficos que a tecnologia oferece no mundo que vivenciamos hoje em dia, está cada dia mais inovando em todos os aspectos, com base em tudo que está acontecendo a nova era digital veio para facilitar a vida de todos.

As novas tecnologias utilizadas na área da educação, principalmente após esse período pandêmico, com aulas remotas, trouxeram à tona a importância dessas ferramentas para dinamizar o processo de ensino-aprendizagem.

Um dos benefícios que a tecnologia trouxe para ensino aprendizagem, foi a praticidade para a aprendizagem, com uso da internet como auxílio para pesquisas ou até mesmo leitura de livros.

Não é só de virtudes que vive a tecnologia que utilizamos no nosso dia a dia, os malefícios vindos dessa ferramenta podem atrapalhar a vida dos seus usuários, tornando pessoas viciadas em celulares, nas redes sociais, jogos e aplicativos, sendo a falta de atenção um dos problemas enfrentados nessa nova era digital na tecnologia.

A tecnologia passou por diversas mudanças, no passado as coisas eram totalmente diferentes, os estudos, a leitura, para obter informações a dificuldade era muito grande, o uso reverso da tecnologia pode trazer malefícios com o mal uso da tecnologia.

Um dos grandes malefícios é o mal uso da tecnologia, não sendo usado para o ensino aprendido e sim para fins desnecessário como jogos ou até mesmo para as Fake News. As Fake News são as informações falsas que “viralizam” entre a população como se fosse verdade. Atualmente, elas estão, principalmente, relacionadas às redes sociais, onde essa ferramenta torna a propagação desse conteúdo de forma muito mais rápida.

## **5 O FACEBOOK COMO FERRAMENTA DE LEITURA E PRODUÇÃO DE TEXTO**

O uso das tecnologias e suas plataformas de redes sociais, a exemplo do Facebook, podem possibilitar inúmeras oportunidades para a aprendizagem, como ferramentas educacionais, facilitando assim a comunicação, a criação de comunidades de aprendizado e promovendo a uma alfabetização moderna.

As redes sociais facilitam a construção de um aprendizado coletivo, sendo um processo de aprendizagem criado a partir de diálogos encontrados em

comunidades, e ao criar diálogos no processo de aprendizagem, os alunos complementam ideias e argumentos previamente constituídos. Santaella (2013) apresenta o Facebook como um aplicativo fácil de usar, onde é possível a troca de informações entre os usuários:

Na sua arquitetura, o Facebook incentiva o usuário a ver e prestar atenção no que os seus amigos fazem, pensam e dizem, querem e sentes. É possível, inclusive, compartilhar e disseminar essas informações. Nesse ambiente o usuário nunca está só. Seu perfil é um lugar social entre seus amigos, de modo que as entidades são construídas na soma das interações com os outros. A arquitetura permite que estes se façam de vários modos, nas opções curtir e comentar, etc. (SANTAELLA, 2013, p. 319).

Com isso, é possível criar grupos, comunidades, voltados para a leitura e a escrita, produção de textos, clube do livro para debater livros que tenham sido lidos pelos participantes no grupo, pesquisas, dentre outros.

## **6 ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO**

A alfabetização é um processo de aprendizagem no qual um indivíduo aprende a compreender e reproduzir o que é falado de forma simbólica, isto é, através da leitura e da escrita, decifrando dos códigos com eficiência e conseguindo de expressar com as palavras.

Há alguns anos atrás, o indivíduo alfabetizado era aquele que codificava e decodificava, mesmo que não compreendesse os textos lidos e não tivesse sucesso na produção de textos. Com a evolução das teorias e surgimento de novos estudiosos, tal modo de abordar a alfabetização passou a não ser mais suficiente.

Na atualidade, o processo de alfabetização mudou seu objetivo, e entendesse

agora que uma pessoa recém alfabetizada, além de saber escrever seu nome e ler palavras simples, ela seja capaz de ler e compreender pequenos textos, além de conseguirem produzir pequenos textos.

A significado de letramento não é encontrada no dicionário, por ser muito recente, mas é possível datar sua chegada, pois apareceu pela primeira vez no livro de Mary Kato, no mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística, de 1986. Após esse evento, a palavra começou a tomar vida e tornou a aparecer novamente em 1988, no livro de Leda Verdini Tfouni, Adultos não alfabetizados. Hoje, podemos dizer que essa palavra faz parte do mundo da educação, aparecendo com frequência em títulos de livros. Mas, por que resolvemos inventar uma palavra para definir algo novo? Como surgem as novas palavras? Na língua sempre surgem novas palavras quando aparecem novos fenômenos, novas ideias, um novo fato no qual faz-se necessário explicar e nomear. Faz parte do ser humano a necessidade de dar nome a tudo. Um exemplo é a palavra globalização, com o surgimento de um novo fenômeno foi preciso dar um nome a esse movimento.

A palavra letramento é uma tradução do inglês *literacy*, que significa a condição de ser letrado, educado. *Literate*, em inglês, caracteriza a pessoa que sabe ler e escrever e *literacy*, significa a que a pessoa faz uso de forma competente da leitura e escrita. Ou seja, a pessoa que sabe ler e escrever é alfabetizada, mas aquela que faz uso dando sentido as práticas sociais da leitura, essa é letrada. Portanto, letramento é o resultado da ação de letrar-se, dando sentido de torna-se letrado.

Letrar então, é mais que alfabetizar, é ensinar a ler e escrever dentro de um contexto onde a escrita e a leitura tenham sentido amplo e façam parte da vida do aluno. O termo alfabetização, sempre entendido de uma forma restrita como aprendizagem do sistema da escrita, foi ampliado. Já não basta aprender a ler e escrever, é necessário mais que isso para ir além da alfabetização funcional (denominação dada às pessoas que foram alfabetizadas, mas não sabem fazer uso da leitura e da escrita). O sentido ampliado da alfabetização, o letramento, designa práticas de leitura e escrita.

Letramento é um estado em que o aluno capta a importância da leitura e da escrita em suas práticas, ou seja, adquire competências para ler e escrever envolvendo-se com as práticas sociais, na leitura de um jornal, de revistas ou no

preenchimento de um simples formulário, telegrama, etc.

O professor pode chamar a atenção de seus alunos usando textos literários variados, observando as diferenças de linguagem, para o uso de palavras e seus sentidos conforme o contexto, o uso de conotação e denotação, pode fazer uso do dicionário, registrar e anotar essas descobertas. A abordagem de vários textos literários expressa e recria o mundo das palavras usadas pelo escritor. É necessário conhecer os múltiplos recursos da linguagem: o uso do sentido figurado, o ritmo, a sonoridade, as sequências, as repetições expressivas das palavras ou dos sons e assim colocamos diante dos alunos um mundo vasto de experiências e possibilidades, recursos esses, que os escritores laçam mão para criar seus textos literários.

Para o aluno entrar nesse universo do letramento, ele precisa apropriar-se do hábito de buscar um jornal para ler, de frequentar revistarias, livrarias, e com esse convívio efetivo com a leitura, apropriar-se do sistema de escrita.

Para a adaptação adequada ao ato de ler e escrever, “é preciso compreender, inserir-se, avaliar, apreciar a escrita e a leitura”. O letramento compreende tanto a apropriação das técnicas para a alfabetização quanto esse aspecto de convívio e hábito de utilização da leitura e da escrita.

Aos poucos os alunos concluirão que as palavras podem ser expressas de diferentes formas conforme a visão de mundo e de pensamentos. Ampliando assim suas competências e habilidades com a língua materna.

O processo de letramento inicia-se na Educação Infantil, especialmente nas chamadas Bebetecas, que são espaços para os pequeninos desde cedo entrarem em contato com o mundo das letras, das lindas gravuras e dos livros. Nas bebetecas, os livros são manuseados por bebês e devem ser de pano, plásticos ou papelão – material resistente – por ser alvo de crianças que estão na fase oral e que levam tudo à boca. São livros grandes, com lindas gravuras coloridas e poucas palavras. Como bebês não sabem ler, o simples ato de oferecer esse tipo de material, sem o medo de serem rasgados ou sujos, leva os a ter curiosidade de manusear os livros e observar as figuras coloridas. A Educação Infantil é uma das mais importantes fases de desenvolvimento do ser humano e como professores, devemos compreender as necessidades dos pequeninos e garantir uma educação eficiente. Considerar que as

crianças de hoje sofrem transformações culturais e que são mais ligadas no mundo, constroem seu conhecimento e sua história.

Portanto, a escola deve ser um lugar agradável, com momentos de brincadeiras, relacionamentos com os colegas, deve ser um espaço estimulante, cheio de diálogo, que valorize a realidade de cada criança e a veja como ser único e não coletivo, cheio de possibilidades de expressão e de criatividade. E como são curiosas por natureza e trazem em sua bagagem cultural, suas experiências pessoais, fica fácil organizar atividades que ofereçam situações de socialização, de uso de diferentes linguagens e de formas de expressão. Nesta fase podemos aprimorar as trocas afetivas, a formulação de hipóteses e explicações imaginárias sobre o mundo que a cerca.

O momento da brincadeira, a criança fantasia e expressa o que sente, o que pensa e todas as suas vontades, desenvolvendo uma linguagem fundamental para a inserção, compreensão e invenção que serão tão úteis em situações didáticas no Ensino Fundamental. Outro momento importante na Educação Infantil é a participação de situações de leitura de diferentes gêneros, como poemas, histórias, parlendas, contos de fadas, fábulas, etc., no qual a criança se comunica, relata seus desejos, vontades e sentimentos, dá opiniões e ideias, relata experiências, ordena o pensamento ao recontar a história, elabora perguntas, constrói um o pensamento reflexivo, dramatiza, aprende a ouvir com atenção e amplia o seu vocabulário.

O que percebemos é que a criança mesmo antes de entrar em contato com a escolarização, mesmo sem saber ler e escrever, mas tendo contato com os livros e com a escrita, interessa-se pela leitura, através da encenação, criando seus próprios textos adaptados de leituras feitas pelo professor ou pelos pais e imita o adulto que, constantemente lê perto dela, pegando um livro e lendo as imagens.

A criança que passa pela Educação Infantil e tem a oportunidade de desenvolver habilidades e competências adequadas a sua faixa etária, chega ao Ensino Fundamental preparada para a alfabetização, no qual aprenderá a ler e escrever, continuando o processo de letramento, atingindo o alvo que será ler e escrever no contexto das práticas sociais da leitura e da escrita, de modo que se

torne ao mesmo tempo, alfabetizada e letrada. Pois o letramento envolve dois

momentos de forma natural, que é uma multiplicidade de habilidades, comportamentos e conhecimentos.

Ler é simplesmente decodificar sílabas ou palavras e escrever é um conjunto de habilidades que faz a pessoa expressar seus conhecimentos, ideias e conceitos.

O ato de ler é muito complexo. Os olhos saltam e determinam a velocidade da leitura, conforme a habilidade do leitor. Há dois fatores básicos que determinam a leitura: o texto impresso, que é visto pelos olhos e aquilo que está por trás dos olhos, ou seja, o que vemos e o que o cérebro reconhece. Quando interagimos com diferentes tipos de textos no ambiente escolar ou familiar descobrimos o real sentido da leitura.

Então, podemos dizer que a leitura se torna verdadeira quando participamos dela, quando vemos uma finalidade na leitura, sendo o letramento, o ato de atribuir significado ao texto, é muito mais do que decodificar, é antecipar conteúdos, fazer inferências, deduções, checagem e conclusões, selecionando tudo o que nos interessa. Portanto, o processo de leitura depende de várias condições: habilidade, estilo pessoal do leitor, o objetivo da leitura, o nível de conhecimento prévio do assunto e o nível de complexidade oferecido pelo texto.

## **7 METODOLOGIA**

Os processos de ensino e aprendizagem mudaram com o passar tempo, foram se modernizando, ultrapassando as barreiras do papel e lápis, para os teclados e computadores. No meio dessas mudanças, os educadores e estudiosos procuram novas formas de passarem seus conteúdos, fazendo que os alunos aprendam de forma efetiva.

O emprego das novas tecnologias em sala de aula, só tem contribuído para a formação desses alunos, e faz com que o vínculo entre aluno e professor, buscando trazer o aluno para a sala de aula e o professor para as redes sociais e as novas tecnologias.

Para a construção desse trabalho foi empregado o método de coleta de dados, abordagem qualitativa, pesquisa bibliográfica e análise preliminar sobre o tema de

pesquisa.

A pesquisa para este trabalho foi desenvolvida com a criação de uma página no Facebook, voltada para um público de uma determinada escola de ensino fundamental da rede pública de ensino, localizada no município de São Vicente, com alunos que estão matriculados no 5º ano do ensino fundamental, onde os alunos precisavam acessar essa página, e juntos, criarem um texto colaborativo.

A ferramenta utilizada e a internet podemos agregar ela como favorecimento ao educando através de aulas criativas em que faremos eles adentrar no mundo da leitura de uma maneira descontraída e divertida usando a imaginação e desenvolvendo a oralidade.

Para explicar o conjunto de procedimentos metodológicos organizados, a partir dos objetivos traçados, que ajudam na investigação do problema apresentado.

Foi realizada também uma pesquisa bibliográfica, que, segundo Gil (1999), é aquela desenvolvida a partir de material já elaborado e disponível, constituído principalmente de documentos impressos em livros, artigos científicos, dissertações e teses. Utiliza-se de dados ou de categorias teóricas já trabalhadas por outros pesquisadores e, devidamente registradas.

Entre o período de teste do nosso projeto, deixamos postado na rede social a atividade aos alunos do 5º ano do ensino fundamental, com a proposta de que os educandos criassem uma história, independente do tema que quisessem abordar, mas que chamasse a atenção do público alvo, onde precisariam utilizar a imaginação e o que aprenderam até o momento sobre interpretações e produção de textos nas aulas, e que seus colegas dessem continuidade a história de onde esse aluno parou anteriormente, com a intenção de que a história sugerida tivesse continuidade, feita de forma criativa, em que os educandos usassem seu raciocínio lógico a fim de se divertir aprendendo.

Essa turma pertence a uma escola da rede municipal de ensino, sendo todo o processo feito de forma remota devido ao período de pandemia, a proposta oferecida para a professora Ana Maria Oliveira, que está à frente da turma. O projeto ficou ativo por 15 dias corridos após a sua postagem inicial.

**A atividade oferecida:** Vamos criar um texto com diversão, conto com a sua

imaginação para a gente fazer uma viagem no mundo da lua. Lembrando que é um texto colaborativo, então temos que ler antes texto do amigo para poder dar continuidade.

Você vai criar um tema e a seguir, usar sua imaginação para contar sua história e o amiguinho continuar, vamos ver até aonde essa história vai nos levar...

Analisaremos os resultados sob duas categorias:

1. Leitura e produção de contos no 5º ano do Ensino Fundamental 2. O uso do Facebook como ferramenta para o ensino da leitura e da produção escrita na escola.

Ao observar um dos prints dos comentários da postagem do texto, é possível perceber alguns erros gramaticais e de acentuação, levando a entender que, alguns desses alunos ainda não tem um certo domínio da língua portuguesa ou estejam com dificuldades na aprendizagem.

Observamos, também foi possível perceber que partes do texto estavam sem contextualização, levando a acreditar que muitos dos alunos não tenham familiaridade com produções de texto, ou que não tenham o hábito de criar textos, escrever em diários, ou até mesmo, não fazerem partes de redes sociais, pois são em atividades como essas, corriqueiras, que aplicam as aprendizagens adquiridas em sala de aula.

As crianças que conseguiram participar do projeto, utilizaram de sua criatividade e levaram os personagens para locais e situações adversas daquelas que são costumeiras nas histórias que, provavelmente, ouviram alguma vez em suas vidas. Percebe-se que fizeram uma relação daquilo que já aprenderam, que é mais convencional e/ou tradicional, com coisas mais modernas, como o príncipe e a princesa que vivem na lua.

A intenção com essa pesquisa era a colaboração de todos os alunos na produção de um texto colaborativo, e imaginávamos, como hoje em dia todos tem acesso as redes sociais, que essas crianças teriam perfis em contas próprias, e foi uma surpresa perceber que a grande maioria dos perfis eram dos pais ou familiares, levando a crer que muitos responsáveis ainda não achem seguro que seus filhos tenham uma conta nesses aplicativos.

Esse tipo de postura é comum por parte dos pais que zelam pela segurança de

seus filhos, ainda mais com a internet, que é algo que pode ser utilizado de forma errada por pessoas mal-intencionadas, que utilizam essa ferramenta como arma para cometer crimes, e por ser um ambiente tão amplo, que não irão ser pegos ou punidos por seus atos. Todo cuidado se torna necessário para manter as crianças seguras e podem usufruir da internet e as coisas boas que ela tem para oferecer.

Alguns professores fizeram observações sobre a pesquisa feita com os alunos, contanto um pouco sobre as suas experiências no ensino remoto e falando sobre a importância dos textos colaborativos para a estimulação da leitura por parte dos alunos, além das novas tecnologias e redes sociais como aliadas nos processos de ensino aprendizagem.

Ao analisar os dados coletados nessa pesquisa, é possível perceber que os alunos ainda encontram dificuldades em fazer uso da língua portuguesa, com os erros gramaticais apontados, além dos erros de concordância e acentuação.

Essa pesquisa pode ser utilizada pelos professores para que eles saibam aonde se encontram essas dificuldades em seus alunos e que isso possa ser trabalhado melhor nas aulas, sanando assim as dúvidas que os alunos estejam tendo na produção de textos.

Ao realizarmos esse tipo de pesquisa, foi possível concluir que o Facebook pode sim ser uma ferramenta interativa para a aprendizagem de conteúdos escolares, principalmente na Língua Portuguesa, pois, além de ser uma forma diferente e divertida para construir trabalhos, é possível analisar de forma efetiva e avaliar a escrita dos alunos, bem como a gramática e acentuação, dentre outros, podendo o professor fazer as correções de forma privada, para que não constranja os seus alunos publicamente.

O Facebook, quando utilizada como ferramenta de ensino, agrega recursos que permitem ações interativas como formar grupos, postar fotos, criar documentos com textos coletivos e colaborativos, a criação de eventos agendando atividades na própria plataforma, enquetes, pesquisas, bate papo, dentre outros. Contribuindo para interações e aprendizagens de forma coletiva, mas respeitando a individualidade de cada um.

Mas para que esse tipo de rede social seja utilizado como ferramenta de ensino,

é preciso que todos tenham acesso à internet, tenham aparelhos para poderem se conectar, além de aulas para saber como acessar essas ferramentas, pois a impressão que essa pesquisa passou, é de que essas crianças utilizam a internet como uma forma de divertimento por ser algo de fácil acesso e compreensão por parte deles, não explorando todo o potencial que os aplicativos, redes sociais e de pesquisas na web tem.

## **8 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O ensino e a aprendizagem da leitura e escrita são processos indissociáveis e complexos que são adquiridos, normalmente, no decorrer da vida, desde a infância até o término dos estudos, e que são levados para a vida, entretanto, a modernidade juntamente com os avanços tecnológicos nos

mostram que esses processos estão se perdendo com as facilidades que o uso dessas tecnologias está trazendo para a vida das crianças.

O desafio dos educadores pelo mundo tem sido o de manter o interesse de seus alunos nas aprendizagens tradicionais que são inerentes ao desenvolvimento dos seres humanos para uma vida em sociedade, pois as novas tecnologias têm feito com que esse público se torne cada vez mais disperso, e com informações de forma rápida e “mastigada”.

Com esse trabalho foi possível perceber o quanto as crianças que participaram da pesquisa utilizaram a criatividade no momento da sua contribuição na produção do texto, fugindo um pouco do estereótipo dos contos de fadas e dando outros rumos para o enredo do texto. Os alunos, ao lerem os comentários dos outros colegas com o trecho que escreveram sobre, foi uma forma de estimular as crianças participantes a ler, e com isso, pode-se inserir nelas a sementinha do hábito da leitura.

Também foi possível analisar que as redes sociais, utilizadas de forma correta, podem ser uma ferramenta útil para a aprendizagem dos alunos, assim como outros tipos de tecnologias, e que as escolas e os professores não devem ter medo do novo, mas sim abraça-lo e inseri-los em suas práticas de ensino, pois, além de facilitar a aplicação dos conteúdos programáticos, também são uma forma de aproximarem os alunos da escola, da sala de aula, evitando assim, a evasão escolar.

Nesse contexto, o ensino e a aprendizagem são processos que vão muito além das salas de aulas e não podem se restringir somente a ela, e o uso das redes sociais e as novas tecnologias estão reformulando a aprendizagem e contribuindo para o seu desenvolvimento, possibilitando aos alunos se expressarem de forma criativa e de livre pensamento, estimulando a reflexão e a ação da realidade, para que assim, possa transformá-la.

Para todos que trabalham com educação, não basta somente se reciclar aprendendo conteúdos didáticos novos, mas estar atento as mudanças da sociedade em que estão inseridos, o que desperta o interesse de seus alunos, para que, com essas informações, o professor e as escolas possam formular conteúdos que sejam interessantes, interativos, divertidos e desmistificar a premissa de que a sala de aula é um ambiente monótono, que só o professor detém o conhecimento e o poder, mas sim, que a sala de aula é um local democrático, onde todos aprendem com todos, e que estão sempre atentos as mudanças que o mundo tem a oferecer.

## REFERÊNCIAS

BENVENISTE, É. Problemas de linguística geral I São Paulo: Pontes, 1991; BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular, Brasília. Disponível em: [http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_EI\\_EF\\_110518\\_versaofinal\\_site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf). Acesso: 14/10/2021;

\_\_\_\_\_. Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: introdução aos parâmetros curriculares nacionais, Brasília: MEC/SEF, 1998;

\_\_\_\_\_. Produção textual na educação escolar, Brasília: MEC, 2008. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=591-producao-textual-na-educacao&Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=591-producao-textual-na-educacao&Itemid=30192). Acesso: 05/11/2021; BRASIL. Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940. Institui o Código Penal. Brasília-DF, 1940. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto-lei/del2848compilado.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/del2848compilado.htm). Acesso em 02/11/2021;

CAMPOS, Lorraine Vilela. O que são Fake News?; Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/curiosidades/o-que-sao-fake-news.htm>. Acesso em 02/11/2021;

CARVALHO, Marlene. Alfabetizar e letrar: um diálogo entre a teoria e a prática. Petrópolis. Editora Vozes, 2015;

CASTILHO, Ataliba T. de A língua falada no ensino de português. São Paulo, Editora Contexto, 2004;

COELHO, Nelly Novaes. O conto de fadas: Símbolo, mitos e arquétipos. São Paulo: Difusão Cultural do Livro, 2003. Literatura infantil. São Paulo: Moderna, 2000;

COPE, B. KALANTZIS, M. Multiliteracies: Literacy Learning and the Design of Social Futures. Routledge: London, 2000;

Crianças e eletrônicos: entenda qual é o tempo de tela recomendado e os fatores de risco no desenvolvimento infantil. Disponível em: <https://hospitalsantamonica.com.br/criancas-e-eletronicos/>. Acesso em: 17/10/2021;

DEHAENE, S. Os neurônios da leitura: como a ciência explica a nossa capacidade de ler. Porto Alegre: Penso 2012;

FÁVERO, Leonor L. Coesão e coerência textuais. São Paulo: Ática, 1991;  
FERREIRO, Emília, Relação de interdependência entre a oralidade e a escrita. Porto Alegre, Artmed,2004;

FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler em três artigos que se completam. Editora Cortez. São Paulo, 1989;

FREITAS, M. T. Leitura e escrita de adolescentes na internet e na escola. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011;

GERALDI, João Wanderley. O texto na sala de aula. São Paulo, Ática, 2ª ed., 1999;

KLEIMAN, Ângela. Oficina da leitura: teoria e prática. Campinas, SP: Pontes, 1993.  
\_\_\_\_\_, Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura. 11.ed. Campinas: Pontes, 2008;

KOCH, Inger. A interação pela linguagem,9 ed. São Paulo: Contexto,2004;

\_\_\_\_\_, ler e Compreender os sentidos do texto. São Paulo: Contexto, 2006;

LÉVY, Pierre. As Tecnologias da Inteligência: O futuro do Pensamento na Era da Informática. Rio de Janeiro: 34, 2008;

\_\_\_\_\_, Cibercultura. Rio de Janeiro: 34, 2008b;

MARCUSCHI, L. A. Produção textual, análise de gêneros e compreensão. São Paulo: Parábola, 2008;

MARINHO, Fernando. "O que é um texto?"; Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/o-que-e/portugues/o-que-e-um-texto.htm>. Acesso em 05/11/2021;

MARINHO, Marildes. Ler e navegar: espaços e percursos da leitura, Campinas: Mercado de Letras,2001;

MORAN, José Manuel et al. Novas tecnologias e mediação pedagógica. 6. ed. Campinas: Papyrus, 2000;

MOURA, Eduardo. (Orgs.) Multiletramentos na Escola. São Paulo: Parábola, 2012;

OSAKABE, H.; FREDERICO, E. Y. Literatura. Orientações curriculares do ensino médio. Brasília: MEC/ SEB/ DPPEM, 2004;

PORFÍRIO, Francisco. Cyberbullying; Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/sociologia/cyberbullying.htm>. Acesso em 01/11/2021.

ROJO, Roxane; MOURA, Eduardo. (Orgs.) Multiletramentos na Escola. São Paulo: Parábola, 2012;

ROJO, Roxanne. (Org). Escola Conectada, os multiletramentos e as TICs. São Paulo: Parábola, 2013;

SANTAELLA, L. Comunicação ubíqua: repercussões na cultura e na educação. São Paulo: Paulus, 2013;

SILVA, Alexandre Meireles da. O conto de fada e a problemática do pertencimento social. Revista Espaço Acadêmico, nº39, 2004. Disponível em: <http://www.espacoacademico.com.br/039/39esilva.htm> . Acesso em: 31/10/2021;

SOARES, Magda Beker. Letramento, um tema em três gêneros. Belo Horizonte, 1998;

\_\_\_\_\_ Alfabetização: A questão dos métodos. São Paulo, Editora Contexto, 2016;

SOLÉ, Isabel; SCHILLING, Cláudia. Estratégias de leitura. 6ª ed. Porte Alegre: Artes Médicas, 1998;

SOUZA, Warley. "Coesão textual"; Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/redacao/coesao.htm>. Acesso em 13/11/2021

TEIXEIRA, Adriano Canabarro; MARCON, Karina (Org.) Inclusão Digital: experiências, desafios e perspectivas. Passo Fundo: Editora UPF, UCHOA, Carlos Eduardo F. A linguística e o ensino de português. In: Cadernos de Letras, n. 2. Niterói: UFF/Instituto de Letras, 1991;

ZILBERMAN, Regina. **A formação da leitura no Brasil**. 3. Ed. São Paulo: Ática, 1999.

## **PEDAGOGIA HOSPITALAR: A PRÁTICA DOCENTE NOS HOSPITAIS DE CÂNCER INFANTIL**

### **HOSPITAL PEDAGOGY: TEACHING PRACTICE IN CHILDHOOD CANCER HOSPITALS**

**GABRIELA RAMOS SPINDOLA<sup>1</sup>**

**BRUNA TAUTENHAIN MONTEZANO<sup>2</sup>**

**Dr. HÉLIO RODRIGUES JR<sup>3</sup>**

#### **RESUMO**

A pesquisa apresentada destaca os valores, desafios e interesses da abordagem do pedagogo em ambientes hospitalares, em específico o trabalho pedagógico no hospital de câncer infantil GRAACC, hospital pioneiro em tal tipo de tratamento, além de ser considerado modelo sobre a prática educativa através da escola móvel. Com base em nossos estudos demonstramos a importância da pedagogia hospitalar para o processo de ensino-aprendizagem com crianças e adolescentes hospitalizados e abordamos sobre a relevância do pedagogo na educação para cada criança em sua situação específica. Elaboramos algumas questões que compõem perguntas relacionadas ao tema abordado, onde houve um questionário feito com a participação de pais e responsáveis de ex-alunos/pacientes do hospital, ocorrendo essa etapa em maio de 2021. Mostramos que dentre inúmeros fatores, o pedagogo cada vez mais se torna necessário nas classes hospitalares, não somente para que haja uma continuidade nos estudos dos alunos internados, mas também para que o aluno tenha estímulos e se desligue um pouco da realidade dolorosa.

**Palavras-chave:** Pedagogia hospitalar; GRAACC; Ensino-aprendizagem.

#### **ABSTRACT**

The research presented highlights the values, challenges and interests of the pedagogue's approach in hospital environments, specifically the pedagogical work in the children's cancer hospital "GRAACC", a pioneer institution in such type of treatment, besides being considered a model on the educational practice through the mobile school. Based on our studies, we demonstrate the importance of hospital pedagogy for the teaching-learning process with hospitalized children and adolescents, focus on the relevance of the pedagogue in education for each child in their specific situation. We elaborated some questions related to the theme - a questionnaire made with the participation of parents and guardians of former students/patients of the hospital, taking this stage in May 2021. The data point out that

---

<sup>1</sup> Graduanda em Licenciatura em Pedagogia – FSV UNIBR

<sup>2</sup> Graduanda em Licenciatura em Pedagogia – FSV UNIBR

<sup>3</sup> Dr. em Língua Portuguesa PUC-SP - Faculdade de São Vicente – UNIBR – E-mail: h-rodrigues-junior@uol.com.br

the pedagogue is becoming more and more necessary in hospital classes, not only for the continuity of the hospitalized students' studies, but also that they can have incentive and disconnect a little from the painful reality.

**Keywords:** Hospital Pedagogy; GRAACC; Teaching-Learning

## 1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa trata da ação do pedagogo nas classes hospitalares e o diferencial do trabalho do hospital de câncer infantil GRAACC, localizado na cidade de São Paulo, onde temos por problematização a percepção dos pais/responsáveis

de alunos hospitalizados a respeito das práticas pedagógicas desenvolvidas e contextos hospitalares.

Apresentamos como objetivo geral avaliar a compreensão dos pais/responsáveis de alunos hospitalizados a respeito das práticas pedagógicas desenvolvidas com os filhos, onde especificamente buscamos compreender a pedagogia hospitalar e seus fundamentos; analisar as perspectivas educacionais que norteiam a percepção dos pais/responsáveis; refletir sobre os limites de alcances das práticas desenvolvidas em hospitais.

Relatamos a importância dos estudos, como é importante também que se tenha um espaço voltado a essa prática, lúdico (como uma brinquedoteca, por exemplo) e adaptado, com a presença de professores especializados na área e juntamente com a família participando ativamente de todo esse processo.

Apresentaremos, então, todo o processo de verificação, um pouco da história da pedagogia, as classes hospitalares e a aparição desses profissionais que atualmente estão transformando vidas dia após dia.

## 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

No presente capítulo serão abordados os conceitos de pedagogia e pedagogia hospitalar, bem como a forma em que o pedagogo deve desenvolver a ação educativa dentro desse ambiente e os diferenciais necessários para ensinar e conseguir a

atenção do aluno mesmo diante de um processo difícil.

Será apresentado a prática pedagógica de um hospital específico, chamado GRAACC (Grupo de Apoio ao Adolescente e à Criança com Câncer) a fim de torná-lo conhecido e mostrar através do mesmo, que é visto como hospital modelo, como obter sucesso dentro da educação em ambientes como esse.

## **2.1 Pedagogia**

Ao dizer-se a palavra Pedagogia nos referimos ao ensino, e ainda mais, ao ato de ensinar. Pode-se dizer que tal definição corresponde ao campo do conhecimento da educação. Sem pedagogia não há práticas educativas, e sem práticas educativas não temos seres com senso crítico acerca da realidade, ou seja, a pedagogia é um importante componente que integra a atividade humana para um ser inserido na sociedade, indo muito além de práticas escolares.

O nome usado tem origem grega antiga. “Paidós” significa “criança” e “agein”, “conduzir”. A prática apresenta métodos unindo técnicas e propostas educacionais e busca processos eficazes e transformadores, capacitando pessoas e oferecendo um rumo, um norte. Um de seus objetivos é desenvolver conhecimentos voltados para a educação de forma com que seja atendida a inserção do indivíduo na sociedade por meio do ensino.

Pode-se considerar que a Grécia clássica deu início à pedagogia e atuou trabalhando com a cultura e a educação durante anos. Quando chegou no Brasil como profissão, criaram o curso para uma determinada faculdade com marco primeiro no ano de 1939.

Para Franco Cambi (1999), quando se fala em história da educação, história da pedagogia, resulta em um encontro de ideias fundamentadas com um romper de barreiras, quebrar limites de qualquer rotina escolar. É necessário trazer lembranças do cotidiano mundo clássico de antes, trazendo e inovando a cultura com suas técnicas, seu trabalho e valores praticados pelo homem em geral.

### **2.1.1 Espaço não-escolar**

O espaço de atuação do pedagogo e sua prática pedagógica durante muitos anos se restringiu somente ao campo escolar, porém de acordo com Farfus (2012, p. 81), a educação nos dias atuais, não acontece somente dentro dos muros escolares, mas vai além, ou seja, espaço não-escolar diz respeito a um espaço educativo fora da instituição escolar como estamos habituados a ver.

A necessidade da educação fora do campo escolar se deu de acordo com os avanços da sociedade, tornando-se necessário a existência da atuação desse profissional em espaços não-escolares, como ONGs, empresas, grupos culturais e hospitais.

### **2.1.2 Pedagogia Hospitalar**

Pedagogia hospitalar diz respeito a crianças e/ou adolescentes hospitalizados, tratando de dar importância não somente ao corpo que deve ser cuidado, como

também de dar prosseguimento ao que lhes é assegurado por direito: a educação. Só porque uma criança/adolescente está internada não quer dizer que terá que interromper seu desenvolvimento em tocar as coisas, apalpar, brincar, criar, pensar e aprender.

A Constituição Federal de 1988 (BRASIL, art. 205), diz:

A educação é direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

A partir do que está determinado na lei maior do Brasil, podemos entender que o direito à educação é de todos e para todos, em quaisquer circunstâncias que estejam, que necessitem ou onde estejam. Entende-se que, por direito, todos têm a preparação necessária por meio da educação de se tornarem qualificados como cidadãos e aptos para exercerem e colaborarem com o meio social.

Na pedagogia hospitalar, o pedagogo precisa de dedicação ao transmitir o ensino e desenvolver os educandos que, por conta de alguma doença ou problema

de saúde, não podem comparecer à escola. Tal segmento é fundamental para acompanhar a criança ou adolescente em sua ausência no ambiente escolar, acontecendo em lugares de internação e em áreas de recreação do hospital.

Esta área da educação, além dos efeitos esperados, também auxilia na recuperação da saúde do paciente e em seu tempo de internação, demonstra e trabalha a cidadania, oferece e disponibiliza bem-estar.

Segundo Matos e Mugiatti (2009, p. 69):

Nesta perspectiva, a atenção pedagógica, mediante a comunicação e o diálogo, é essencial para o ato educativo e se propõe a ajudar a criança (ou adolescente) hospitalizada para que, imerso na situação negativa que atravessa no momento, possa se desenvolver em suas dimensões possíveis de educação continuada, como uma proposta de enriquecimento pessoal.

Como citado acima, a comunicação é fundamental para que haja um melhor auxílio à criança, que se encontra sob cuidados médicos. O diálogo e suas práticas, nesse momento delicado e que requer afeto com seu estado de saúde, surte efeitos para com o desenvolvimento do mesmo.

Esse educador tende a oferecer e proporcionar bem-estar ao enfermo, passando um pouco do seu dia a dia para dentro daquele cenário, trazendo alegrias e momentos de felicidade, mesmo que em estado debilitado. Portanto, essa continuação dos estudos auxilia muito na sua recuperação.

A importância da atuação do Pedagogo alia-se a um princípio básico de amor ao seu aluno, entendendo que a criança é um ser em formação e precisa de um profissional da educação ao seu lado enquanto estiver hospitalizado; pois de acordo com o Estatuto da Criança e Adolescente o ECA segundo o seu artigo 53 diz que a criança tem o direito à educação, seja em qualquer circunstância. (OLIVEIRA *et al.*, 2017, p. 26).

O profissional pedagogo em sua área hospitalar, além de todo cuidado e dedicação, com sua autoridade busca estar suprindo as necessidades educacionais em cada ponto da história. Esse professor atua com o aluno tendo total responsabilidade para que essa criança/adolescente se desenvolva continuamente no processo de ensino. Sua técnica transforma o espaço de internação em sala de aula e com isso articula sua função no intuito de fazer um bom trabalho acadêmico para contribuir na vida social e cultural do aluno paciente.

A pedagogia hospitalar vem trabalhando para que tudo em volta seja acolhedor e aconchegante, para que possivelmente possa estar contribuindo, de alguma forma,

com o lado mental e físico.

[...] a necessidade de formular propostas e aprofundar conhecimentos teóricos e metodologias, visando em atingir o objetivo de dar continuidade aos processos de desenvolvimento psíquico e cognitivo das crianças e jovens hospitalizados. (CECCIM, R.B.& FONSECA, 1999, p.117).

O desenvolvimento das crianças e adolescentes doentes depende, em questão, de estudos e pesquisas fundamentais para que exista uma compreensão de um conhecimento amplo e maior entendimento sobre os desafios que sempre se atualizam e se renovam.

No mundo em geral, a classe tem como principal objetivo fazer um acompanhamento pedagógico munido de propostas para o crescimento intelectual e cognitivo trazendo novas ideias e projetos para que as crianças e adolescentes consigam manter melhores relações familiares, vivência escolar, ainda que sob cuidados e tratamentos médicos.

Na escola, na sociedade, na empresa, em espaços formais ou não formais, escolares ou não escolares, estamos constantemente aprendendo e ensinando. Assim, como não há forma única nem modelo exclusivo de educação, a escola não é o único em que ela acontece e, talvez, nem seja o mais importante. As transformações contemporâneas contribuíram para consolidar o entendimento da educação como fenômeno multifacetado, que ocorre em muitos lugares, institucionais ou não, sob várias modalidades. (FRISSON, 2004, p.88).

Não importa hora e lugar, estamos em um processo constante de ensinar e aprender. Da mesma forma, a educação não acontece somente nas instituições escolares e sim em diversos locais, de modo a não ser uso exclusivo dentro de um ambiente escolar. Logo, o processo de ensinar e educar não se enquadra somente dentro da escola.

## **2.2 Hospital GRAACC**

A história do Hospital GRAACC (Grupo de Apoio à Criança e ao Adolescente com Câncer) teve início informalmente quando em 1974, o Dr. Antônio Sérgio Petrilli foi convidado pelo Departamento de Pediatria da Escola Paulista de Medicina para criar um setor exclusivo de Oncologia Pediátrica na UNIFESP (Universidade Federal do Estado de São Paulo), onde desde então o mesmo começou a realizar atendimento

voluntário às crianças que estavam enfrentando esse quadro clínico. Infelizmente a situação era muito difícil, desde o atendimento até as enfermarias, e com isso, muitas crianças morriam por falta de recursos gritantes no Brasil.

O que interessou o Dr. Petrilli a atuar na área de oncologia pediátrica em uma época onde quase ninguém seguia a carreira de medicina para essa área foi o trabalho de um médico que conheceu em sua residência de pediatria, chamado Aloisio Corradini. Sobre seu inspirador, o fundador do GRAACC relatou:

Eu gostava muito do jeito que ele trabalhava, uma pessoa muito atenciosa, muito humana, tinha um jeito de trabalhar com os pacientes e com as famílias muito importante. Sempre quis trabalhar com ele e um dia fui convidado. Só que o trabalho era exatamente num hospital de câncer e foi lá que despertei meu interesse pela oncologia pediátrica. (REVISTA ESQUINAS, 2019, online)

Após iniciar essa jornada, Dr. Petrilli recebeu a oportunidade concebida pela médica Norma Wollner, que trabalhava no Memorial Sloan Kettering Cancer Center, em Nova York, de realizar um ano de observação. Não hesitando, vendeu seus bens e foi junto de sua família para os EUA para viver esse novo desafio.

Posteriormente ao realizar a observação no hospital de Nova York, resolveu realizar mais pesquisas de campo em hospitais nos Estados Unidos, organizada pela American Cancer Society, e conheceu vários centros para aprender a captar recursos, estruturar e montar organizações que davam suporte ao tratamento contra o câncer. A partir disso, conseguiu mobilizar pessoas para participar do projeto do GRAACC em 1991. Ao retornar para o Brasil, decidiu colocar tudo o que aprendeu em prática.

Em 14 de junho de 1991, realizou uma reunião com médicos e funcionários do HSP (Hospital São Paulo), onde logo se deu a inauguração de um “Sobradinho” no qual posteriormente veio a ser a primeira sala de atendimento exclusivo do GRAACC. Fundou o mesmo baseado no modelo de organização não governamental em parceria técnico-científica com a Unifesp, onde é mantido através de recursos constituídos por doações da sociedade, instituições e organizações empresariais. Desde então, o hospital se tornou um dos braços da saúde pública brasileira, tendo seus pacientes em 90% encaminhados pelo SUS e apenas 10% das crianças se tratam através de convênios médicos.

Grande parte dos pacientes do GRAACC é da faixa etária de 0 a 10 anos,

apresentando o câncer no Sistema Nervoso Central, onde a incidência costuma se manifestar com mais frequência, seguido pela Leucemia. O Hospital recebe mais de 400 novos pacientes por ano, sendo em sua maioria de alta complexidade, com chance média de cura de 70%.

Em 2017, o trabalho desenvolvido pelo hospital foi reconhecido em três importantes frentes: pela excelência dos serviços hospitalares, ao receber a acreditação Joint Commission International (JCI); pelas técnicas de gestão, respeito e ambiente de trabalho, ao ser premiado com o Great Place to Work; e pela credibilidade junto à sociedade, ao ser eleito como a melhor ONG na área da saúde para se doar.

### **2.2.1 Escola Móvel**

Uma das maiores dificuldades das crianças e adolescentes no tratamento do câncer é manter a rotina escolar em dia. Para garantir a continuidade de estudos dos pacientes que realizam o tratamento no hospital, foi criada a Escola Móvel, que oferece aulas dentro do GRAACC, com estudos e pesquisas conduzidas por educadores em convênio com a Universidade Federal de São Paulo (Unifesp/EPM).

Sobre o funcionamento do processo educativo durante a jornada do paciente e aluno no hospital, a Coordenadora da Escola Móvel, Amália Covic, explica:

Quando o paciente começa a fazer tratamento no GRAACC, ele é entrevistado. Nesta entrevista inicial, a gente colhe o nome da escola, entra em contato, e aí durante todo o período de tratamento, que pode ir de oito meses a três anos e meio, a gente mantém contato periódico com a escola durante o ano. (COVIC *apud* REDE GLOBO, 2014).

Podemos observar que o hospital e a escola estabelecem uma parceria para prosseguir e contribuir para a formação e aprendizagem do aluno. Além disso, o contato com a escola de origem é dado não somente após a entrevista, mas durante todo o processo, como podemos observar no relato a seguir:

Perguntamos onde ele parou, o que estava estudando e quanto tempo ele está fora da escola”, conta Amália. “A cada três meses, enviamos um relatório para a escola sobre as habilidades que estão sendo trabalhadas e, a partir deles, a escola fecha a nota do aluno”, explica a Coordenadora. (COVIC *apud* INSTITUTO CLARO, 2015)

De acordo com o relatado pela Coordenadora, é dada grande importância ao

trabalho que a escola de origem estava dando antes da internação do aluno, além de ser respeitado o conteúdo de aprendizagem anterior para assim dar andamento.

A Classe Hospitalar respeita todo o conteúdo programático da escola de origem, de onde recebem as atividades e planejamento. Além das questões educativas, por meio da Escola Móvel, a escola na qual o aluno está matriculado recebe uma notificação sobre suas condições clínicas.

Para a realização das aulas, o professor encontra o aluno e leva o material didático, que pode ser livros, brinquedos ou *tablets*. Quando o aluno se encontra em UTI, usam apenas *tablet*, pois é mais fácil de higienizar.

Os docentes possuem uma reunião diária, para relatar ao grupo quais conteúdos e atividades trabalharam com cada criança, e outra semanal, onde aprofundam os relatos dos casos mais complexos. Além disso, todos os professores participam do programa de especialização da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp) de 30 horas semanais.

A iniciativa é reconhecida pelos órgãos competentes, como o Ministério da Educação e Cultura (MEC) e segue a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. A Escola Móvel inspirou política pública, com a lei municipal nº 2865, de 16 de outubro de 2012, da cidade de Santos, litoral de São Paulo. Com esse projeto, a cidade passou a garantir o direito das crianças e adolescentes hospitalizados de manter os estudos durante o período de tratamento ou permanência prolongada em domicílio.

Os alunos matriculados no Ensino Médio podem realizar o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) dentro do hospital. Mesmo em situação frágil, eles têm o direito de realizar a prova e de ter 60 minutos a mais para finalização:

Eles usaram todo o tempo para brigar por uma vaga. É um grande desafio se você pensar que muitos deles estão há meses sem ir a uma escola regular e sem fazer uma prova desta extensão”, conta a coordenadora da Escola Móvel do Graacc, Amália Covic. (COVIC *apud* INSTITUTO CLARO, 2015)

De acordo com os números apresentados pelo hospital, no ano de 2018, foi realizado atendimento para 551 alunos, havendo 16.195 aulas e 33 alunos inscritos no ENEM.

### 2.2.2 Brinquedoteca

A brinquedoteca em ambiente hospitalar é de grande importância, visto que tratamentos de doenças infantis podem ser longos, e esse processo não precisa ser mais difícil do que já é. Crianças e adolescentes precisam ter os seus direitos assegurados em qualquer que seja o espaço em que estejam inseridos, e dentre esses direitos estão inclusos os de aprender e brincar.

Segundo Cunha (2007, p. 12):

Os brinquedos são parceiros silenciosos que desafiam a criança possibilitando descobertas e estimulando a autoexpressão. É preciso haver tempo para eles, e espaço que assegure o sossego suficiente para que a criança brinque e solte a sua imaginação, inventando, sem medo de desgostar alguém ou de ser punida. Onde possa brincar com seriedade.

Diferentemente do que muitos pensam, o espaço não é somente um local cheio de objetos coloridos, mas sim um lugar onde crianças e adolescentes hospitalizados poderão ser e fazer o que devem, brincar, imaginar, criar e assim obter forças para continuar na jornada dura contra o câncer.

A brinquedoteca do GRAACC foi instalada em 1998, em parceria com o Instituto Ayrton Senna, sendo a primeira Brinquedoteca em hospital no Brasil. O seu modelo inspirou a criação da Lei nº 11.104, de 21 de março de 2005, estabelecendo a obrigatoriedade de instalação de brinquedotecas em hospitais de todo o país que ofereçam atendimento pediátrico em regime de internação.

A brinquedoteca do hospital conta com uma equipe de dois profissionais (coordenadora e ludotecária) e mais de 45 voluntários, onde também estão inseridos os professores para realização de aulas com utilização de materiais lúdico pedagógicos. A brinquedoteca do hospital é ampla, contemplando espaço para todas as faixas etárias, dentre os espaços podemos mencionar: O canto dos bebês, canto do faz de conta, canto do teatro, canto dos adolescentes e espaço de convívio e relaxamento.

O ambiente em si tem como foco a Humanização Hospitalar, além de ter como objetivo a melhora na qualidade de vida dos pacientes durante a internação e contribuir para o aumento de chances de sobrevivência e cura dos mesmos. No espaço são realizadas orientações psicológicas e psicopedagógica, além de um trabalho

informativo voltado para a compreensão da doença e do tratamento, visando auxiliar em seu enfrentamento, o que envolve pacientes, acompanhantes e familiares.

Dentro da Brinquedoteca são realizados atendimento pedagógico no Projeto Escola Móvel. É mantida, também, uma Brinquedoteca Circulante, que consiste de carrinhos com brinquedos que circulam por outros espaços do hospital (Internação, Unidade de Transplante e Quimioteca). Também são emprestados brinquedos (exclusivamente para áreas internas do hospital), livros, vídeos e gibis (também para casa). Segundo OLIVEIRA:

[...] a alegria, animação e o envolvimento dão mais agilidade não só a nossos pensamentos, como a nossos movimentos. A importância do brincar no ambiente hospitalar vem, portanto, colaborar com o bem-estar integrado e biopsicossocial da criança, favorecendo inclusive a sua melhor compreensão do que está se passando consigo. (2008, p. 30.)

A criação de uma brinquedoteca dentro de um hospital possibilita a interação da criança ou adolescente hospitalizado com um ambiente lúdico, que além de lhe proporcionar momentos de alegria e prazer, faz com que entendam sua condição e aceitem, dessa forma facilitando o tratamento e aumentando as chances de cura.

A importância das informações apresentadas é significativa, uma vez que esses ambientes foram frequentados pelos pacientes cujos responsáveis foram entrevistados para o capítulo de resultados.

### **3 PERCURSO METODOLÓGICO**

O presente trabalho delimitou-se a uma pesquisa de natureza básica, a partir de uma abordagem qualitativa de caráter exploratório, concentrando-se nas opiniões de responsáveis por alunos e conceitos pedagógicos, além de que produzimos conhecimento novo dentro da nossa área, principalmente pelo fato de não haver uma abundância a respeito desse tema na região que estudamos.

A partir de diversos levantamentos bibliográficos, buscamos mostrar o que o hospital faz para que torne o processo de aprendizagem mais fácil e prazeroso para o paciente, como por exemplo, os inúmeros espaços pedagógicos em que disponibilizam para que as aulas sejam mais didáticas.

Apresentamos em nosso percurso teórico os locais com recursos pedagógicos

e infantis que se fazem presentes no hospital, como a Brinquedoteca, um espaço amplo e acolhedor onde é dividido em espaços tendo o objetivo a humanização hospitalar.

Para o desenvolvimento do trabalho, optamos em iniciar com uma revisão bibliográfica, pois em decorrência da pandemia de Covid-19, não foi possível haver o deslocamento até o hospital, visto que tal atitude representaria um risco às pesquisadoras e às crianças que apresentam uma imunodeficiência como consequência de seus quadros clínicos.

Como procedimento de pesquisa, foi realizada uma pesquisa de campo onde utilizamos entrevistas concedidas por diversos profissionais do hospital para redes televisivas, jornais, revistas e blogs. Encaminhamos também questionários digitais para os responsáveis por ex-pacientes dos hospitais, realizados através do *Google Forms*, contendo 8 perguntas abertas.

Embora a coleta de dados tenha sido bem-sucedida, ela tem pontos negativos, como demora para retorno ou interpretação incorreta do que se pede, então buscamos colher o máximo de dados possíveis através de poucas perguntas sendo elas claras e objetivas.

Os contatos utilizados são de conhecimento pessoal de uma das integrantes do trabalho, a qual vivenciou de perto o câncer infantil e esteve inserida no hospital ao acompanhar a doença de seu irmão.

Houve dificuldade para a realização, pois há responsáveis que não se mostram confortáveis para responder às questões, sendo de total compreensão já que muitas crianças vêm a óbito, dessa forma, conseguimos dados de somente 4 casos. Como resultado, obtivemos os dados apresentados na seção seguinte.

## **4 RESULTADOS**

Ao todo contribuíram para a pesquisa 4 responsáveis por ex-pacientes, onde o caso 1 e 2 referem-se a ex-pacientes do hospital GRAACC, enquanto o caso 3 e 4 referem-se a antigos pacientes de outros hospitais mas também localizados em São Paulo. Como resultados obtivemos as respostas apresentadas abaixo:

**Quadro 1 – Idade dos pacientes durante o período de internação**

Pergunta: Qual a idade do paciente durante o período de internação?	
Caso 1	9 anos
Caso 2	10 aos 14 anos
Caso 3	12 anos
Caso 4	12 anos

Fonte: Os autores

**Quadro 2 – Série em que cursava durante a internação**

Pergunta: Qual série o aluno cursou durante o período de internação?	
Caso 1	4º ano
Caso 2	5ª à 9ª série
Caso 3	6º ano
Caso 4	5ª série

Fonte: Os autores

**Quadro 3 – Opinião sobre a efetividade do ensino durante a internação**

Pergunta: Você considera que o ensino durante o período de internação foi efetivo?	
Caso 1	Sim
Caso 2	Foi fundamental.
Caso 3	Foi muito efetivo devido ao preenchimento do tempo com algo distante do tratamento.
Caso 4	Sim

Fonte: Os autores

**Quadro 4 – Opinião sobre os resultados da educação hospitalar**

Pergunta: Na sua opinião, os resultados dessa educação, se compara com os resultados das escolas? É tão aproveitado e oferecido quanto?	
Caso 1	Sim.
Caso 2	São processos diferentes. A Educação Hospitalar se adapta à realidade do paciente, com qualidade e critérios, mas respeitando os limites de recursos e o contexto.
Caso 3	Não sei comparar pois tenho somente um filho mas acredito que o aprendizado não ficou distante do executado na escola.
Caso 4	Não

Fonte: Os autores

**Quadro 5 – Opinião sobre a comunicação sobre o desenvolvimento do aluno**

Pergunta: Há comunicação por parte dos professores para relatar o desenvolvimento do aluno?	
Caso 1	Sim
Caso 2	Sim. Os professores dos hospitais são extremamente qualificados para a função e para a comunicação.
Caso 3	Os professores não enviam nenhum tipo de comunicado. Tratava apenas com a coordenação da escola que fazia a "ponte" entre os professores e meu filho. Eles informaram as notas tiradas.
Caso 4	Sim

Fonte: Os autores

**Quadro 6 – Opinião sobre o interesse do aluno em continuar os estudos**

Pergunta: Você considera que houve interesse por parte do aluno, mesmo diante do tratamento, em continuar estudando?	
Caso 1	Sim
Caso 2	Sim. Sempre. A continuidade é essencial.
Caso 3	Sim, como já falei era uma forma de distração neste período complicado.
Caso 4	Sim

Fonte: Os autores

**Quadro 7 – Relato de aulas práticas oferecidas no hospital**

Pergunta: Quais são os tipos de aulas práticas oferecidas a esses alunos?	
Caso 1	As aulas eram dinâmicas, seguindo o cronograma da escola do aluno.
Caso 2	Oficinas de Arte, de Música, de Pintura, de Fotografia, atividades lúdicas, experimentos, criação de livros/revistas/painéis, entre outras.
Caso 3	Os profissionais do hospital entregavam as atividades e se houvesse alguma dúvida eles procuravam sanar do contrário enviavam as dúvidas para a escola e os professores respondiam. Mas raramente meu filho teve dúvidas em relação as atividades.
Caso 4	Matemática, Português, Geografia, Ciências e História.

Fonte: Os autores

**Quadro 8 – Opinião sobre melhorias nas aulas para avanços da instituição**

Pergunta: De que forma o hospital pode avançar com melhorias para a realização de aulas no hospital?
--

Caso 1	Na minha opinião, a escola móvel do Graacc onde meu filho teve apoio pedagógico é excelente. Os professores são muito dedicados aos pacientes, são dedicados a ensinar até que o aluno compreenda. Todos os hospitais deveriam oferecer esse apoio com ensino escolar aos pacientes em tratamento e impossibilitados de frequentar a escola.
Caso 2	Só haverá avanço quando a sociedade tiver um olhar humanizado para os

	tratamentos hospitalares, reforçado com a existência efetiva e compromissada de projetos maiores de políticas públicas quanto à Educação Hospitalar.
Caso 3	Creio que é feito um trabalho muito bom nesse sentido, talvez com mais profissionais para acompanhar mais individualmente os alunos/pacientes.
Caso 4	É importante manter o fortalecimento de vínculo dos profissionais que ministram as aulas com as famílias.

**Fonte:** Os autores

No presente capítulo foi apresentado todos os resultados obtidos e no capítulo a seguir será feito a análise e discussões dos resultados apresentados acima de acordo com os conceitos apresentados no capítulo de fundamentação teórica e as experiências obtidas através de nossas revisões bibliográficas.

## 5 ANÁLISES DOS RESULTADOS E DISCUSSÃO

No primeiro caso, podemos observar que o responsável pelo paciente do GRAACC viu o ensino como efetivo, sendo tão bom quanto o ensino regular, embora sejam ambientes diferentes, onde há outras vivências.

As aulas do GRAACC buscam trabalhar o lúdico através de atividades dinâmicas, respeitando a grade curricular da escola de origem do aluno. É de grande importância respeitar a grade, visto que seguirá a intensidade de estudos que o aluno já estava habituado, não prejudicando seu aprendizado, e entendendo que a criança já estará passando por mudanças suficientes ao precisar se adaptar a uma nova realidade.

Ao ver da responsável, a escola móvel do GRAACC é excelente, onde deveria ser até mesmo vista como exemplo por outros hospitais de internação infantil.

Sabemos que a saúde vem em primeiro lugar, pois, não havendo saúde, não há estudos. Porém, muitos hospitais investem somente na saúde e acabam não oferecendo um bom ensino para as crianças, que muitas vezes ficam anos dentro do hospital, e infelizmente trabalham conteúdos de forma superficial, sem estímulo ao interesse do aluno através de materiais pedagógicos diferenciados.

No caso 2, podemos observar que os relatos da responsável são semelhantes ao caso 1, onde ela afirma que o ensino durante a internação foi efetivo e fundamental, mesmo que sejam processos diferentes, onde há uma adaptação para a realidade do aluno naquele momento, havendo necessidade de respeitar os limites que surgem devido ao quadro.

Uma afirmação que também é de grande relevância e que buscamos mostrar ao decorrer do nosso trabalho é de quando a responsável diz que os profissionais do hospital são extremamente qualificados para a função e buscam exercer o máximo de comunicação possível com os pais para deixá-los a par de todo o desenvolvimento educativo de seu filho.

Como mostramos em alguns tópicos, o hospital GRAACC dispõe de diversos recursos para que as crianças exerçam seus direitos de estudar e brincar, sendo um dentre tantos as oficinas de artes. O ensino através do método tradicional onde o aluno fica sentado e a professora somente ensinando através de giz e lousa pode sim ser efetivo, mas nos dias atuais é necessário haver inovações para trazer o aluno para perto, despertar interesse e tornar o processo de ensino-aprendizagem algo prazeroso.

O processo educativo onde haja inovações através do lúdico também é necessário em hospitais, pois o aluno pode estar desanimado, com problemas emocionais devido às circunstâncias sendo mais difícil haver concentração e interesse, além de que muitas vezes não é possível que ele saia da cama para ir sentar em uma mesa e estudar, tornando imprescindível haver esses diferenciais.

Por fim, para finalizar a análise e discussão do caso 2, a responsável citou que os únicos avanços necessários não são com relação ao hospital e sim sobre a sociedade, onde deve-se haver um olhar mais humanizado em relação aos tratamentos hospitalares, havendo assim projetos e políticas públicas com relação a

pedagogia hospitalar.

Dessa forma, vemos que houve um ótimo trabalho pedagógico durante a internação da criança no GRAACC, onde além de cuidar de sua saúde, houve também um cuidado com os seus estudos dando continuidade em algo que é considerado fundamental.

Com relação ao caso 3, tratamos de relatos de outro hospital que trata câncer infantil, também localizado em São Paulo. O caso apresentado trata-se de um aluno que na época tinha 12 anos e cursava o 6º ano do Ensino Fundamental.

A responsável considera o tempo de ensino durante a internação como sendo efetivo, demonstrando ter sido algo importante pelo fato de preencher o tempo do paciente com algo distante do tratamento, onde havia muita demonstração de interesse pelo aluno.

Relata que não sabe comparar os resultados do hospital com os resultados da escola, pois tem somente um filho, mas reforçou que não ficou distante do executado na escola de origem. Podemos tirar a conclusão de que os resultados não ficaram distantes do executado pela escola, quer dizer que o ensino foi bom, mas que não tão bom quanto.

Quando questionada sobre a comunicação dos professores para com os responsáveis, fomos informadas de que não há nenhum tipo de comunicação, a não ser sobre as notas tiradas nas avaliações. Há apenas comunicação da coordenação pedagógica da escola com a do hospital.

Ao perguntarmos sobre aulas práticas, entendemos que não há, pois são apenas atividades onde as professoras, caso haja dúvidas, procuram sanar, e quando não era possível, enviavam para a escola de origem para que a mesma respondesse. Em nosso ponto de vista, é uma falha a ser tratada, pois nenhum professor conseguiu sanar a dúvida de um aluno é algo fora do comum.

Ao retratar os avanços e melhorias de aulas realizadas pelo hospital, foi no passado que no geral é um trabalho muito bom, porém que pode melhorar ao incluir mais profissionais para que haja um acompanhamento individualizado dos alunos/pacientes. Ou seja, podemos entender que o aluno tem aula, porém não tem atenção exclusiva devido aos professores terem mais alunos para dar aula e ensinar,

onde cada um fica em um quarto, tendo a professora, então, um curto tempo para atender cada um.

Para concluirmos esse caso, compreendemos que o hospital realiza atendimento pedagógico bom, mas que precisa aumentar o quadro de funcionários, buscar aulas mais didáticas e dinâmicas para os alunos, onde respeitando seus limites possam aprender brincando e também realizar reuniões de aperfeiçoamento e reciclagem com os professores.

Ao analisarmos o quarto e último caso, nos deparamos com um aluno/paciente que realizou seu tratamento hospitalar também na região de São Paulo, não se tratando no GRAACC. A criança durante essa fase cursou a 5ª série do Ensino Fundamental e tinha 12 anos durante o período.

Ao responder a pergunta sobre considerar o ensino durante o período de internação efetivo ou não, foi relatado que sim, mas, em contrapartida, podemos observar que na pergunta seguinte, quando interrogada sobre os resultados se

compararem com os da escola e de ser tão proveitoso quanto, a resposta foi que não, ou seja, não se compara e não são tão proveitosos quanto.

Com relação à comunicação entre professores e responsáveis para relatar o desenvolvimento do aluno, o hospital em questão, levando em consideração sua ala pedagógica, atende as necessidades e interesses de todos os envolvidos.

Aulas práticas são de grande importância como já relatado anteriormente, pois é a maneira mais viável para se trabalhar o lúdico e desenvolvimento do aluno, então se tratando disso, houve o questionamento sobre quais os tipos de aulas práticas oferecidas aos alunos, e a responsável somente respondeu as disciplinas que o aluno teve, podendo considerar que não há aulas práticas ou houve uma interpretação incorreta da pergunta apresentada.

Por fim, sobre os avanços que o hospital pode apresentar para que haja melhorias na realização de aulas, foi nos apresentado que é importante que haja o fortalecimento dos vínculos entre os profissionais e as famílias. Ao levarmos em conta o que foi apresentado, entendemos que talvez os profissionais apenas executem seu trabalho de ensinar, não havendo preocupação com o lado humano em que todos nós necessitamos, e ainda mais os pais e crianças que estão enfrentando um momento

de grande dificuldade.

Podemos observar que há uma consonância entre as respostas dos participantes, onde consideram o ensino hospitalar eficaz, apesar das dificuldades existentes.

## **6 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Percebemos através de nossa pesquisa que a percepção dos pais/responsáveis de alunos hospitalizados a respeito da prática educativa é de que a mesma além de ser eficaz é uma aliada do processo de cura.

Mediante nossas observações com bases nas entrevistas notamos que todo tratamento oferecido nesse tempo de internação, desde a assistência, até as equipes profissionais, tem se adequado tem se disponibilizado a cada necessidade dessas crianças/adolescentes enfermos e cada dia dão o seu melhor para que exista uma educação de qualidade e avanço na recuperação de cada diagnóstico/quadro clínico.

Notamos que a prática que se desenvolve por meio da pedagogia hospitalar, cria um tipo de vínculo extensivo entre o paciente com o mundo exterior, traz as atualizações por meio de integrações.

Também percebemos que o GRAACC proporciona uma programação que trabalha com a criança e o adolescente de modo que sinta como se tivesse em situações escolares. No mesmo, vimos que estão sempre trazendo inovações a fim de se manter/tornar um hospital de referência no processo de educação de seus pacientes.

Aos nossos queridos amigos, leitores e professores, que nossa pesquisa seja agradável e de grande valia em suas mãos, e que tomem nota, ciência dessa modalidade pedagógica: A pedagogia no hospital.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, G.; MACHADO, L.; STELZER, M. DE um sonho nasce o GRAACC.

**Revista Esquinas**, 2019. Disponível em:

<https://revistaesquinas.casperlibero.edu.br/saude/de-um-sonho-nasce-o-graacc/>. Acesso em: 22 mar. 2021.

ALUNOS estudam e fazem quimioterapia em escola móvel. **FOLHA DE SÃO PAULO**. 07 jul. 2013. Disponível em: <https://www.andi.org.br/clipping/sp-alunos-estudam-e-fazem-quimioterapia-em-escola-movel>. Acesso em: 21 abr. 2021.

ARAÚJO, K; RODRIGUES, J. Pedagogia hospitalar no Brasil: breve histórico so século XX aos dias atuais. *Políticas Educativas*, Paraná, v. 14, n. 1, p. 140-148, 2020. Disponível em:

[https://www.seer.ufrgs.br/Poled/article/viewFile/109584/59364#:~:text=A%20pedagogia%20hospitalar%20n%C3%A3o%20%C3%A9,Janeiro%20\(RODRIGUES%2C%202012\)\\_Acesso em: 04 out. 2021](https://www.seer.ufrgs.br/Poled/article/viewFile/109584/59364#:~:text=A%20pedagogia%20hospitalar%20n%C3%A3o%20%C3%A9,Janeiro%20(RODRIGUES%2C%202012)_Acesso em: 04 out. 2021)

ATENDIMENTO escolar em hospital permite aluno prosseguir com aprendizagem.

**INSTITUTO CLARO**. 16 nov. 2015. Disponível em:

<https://www.institutoclaro.org.br/educacao/nossasnovidades/reportagens/atendimento-escolar-em-hospital-permite-aluno-prosseguir-com-aprendizagem/>. Acesso em 21 abr. 2021.

BISCARO, D. Pedagogia Hospitalar e suas Bases Legais. **iParadigma**. Disponível em: <https://iparadigma.org.br/wp-content/uploads/Ed-inclusiva-13.pdf>>. Acesso em: 21 abr. 2021.

BRASIL, Constituição (1989), Capítulo III – DA CULTURA, DA EDUCAÇÃO E DO DESPORTO, Art. 205. Disponível em:

[https://www.senado.leg.br/atividade/const/con1988/con1988\\_26.06.2019/art\\_205\\_a\\_sp](https://www.senado.leg.br/atividade/const/con1988/con1988_26.06.2019/art_205_a_sp). Acesso em: 26 de abr. 2021.

BRINQUEDOTECA terapêutica senninha - instituto de oncologia pediátrica - GRAACC – UNIFESP. *A Brinquedoteca*, 2005. Disponível em:

<http://www.abrinquedoteca.com.br/brinquedotecas3.asp?id=1>. Acesso em: 25 abr. 2021.

DIAS, M; RODRIGUES, K. Pedagogia hospitalar: o pedagogo e suas práticas educativas em espaços não escolares. In: EDUCERE - CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, XIII, 2017, Curitiba. Disponível em:

[https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2017/23541\\_13120.pdf](https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2017/23541_13120.pdf). Acesso em: 21 abr. 2021.

ESCOLA Móvel - Setor de Atendimento Escolar Hospitalar do GRAACC. **Professor Hospitalar**, 2019. Disponível em: <https://professorhospitalar.wordpress.com/>. Acesso em: 21 abr. 2021.

ESCOLA Móvel permite que jovens em tratamento contra o câncer estudem. **REDE GLOBO**. 08 nov. 2014. Disponível em: <http://redeglobo.globo.com/como-sera/noticia/2014/11/escola-movel-permite-que-jovens-em-tratamento-contra-o-cancer-estudem.html>. Acesso em: 21 abr. 2021.

FONSECA, E. A situação brasileira do atendimento pedagógico-educacional hospitalar. *Educação e pesquisa*, São Paulo, v. 25, n. 1, p. 117-129, jan./jun. 1999. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/JyyRPGpGDGtWVKHTd7RBqsb/?lang=pt#:~:text=Considerando%20este%20fato%2C%20o%20presente,funcionamento%20em%2013%20unidades%20federadas>. Acesso em: 19 mai. 2021.

HOSPITAL do GRAACC completa 27 em novembro. **Sindhosfil**, 2018. Disponível em: <https://sindhosfil.com.br/hospital-do-graacc-completa-27-anos-em-novembro/>. Acesso em: 21 abr. 2021.

INSCRIÇÕES abertas para a pós-graduação de educação em saúde no graacc. Portal Hospitais Brasil, 2019. Disponível em: <https://portalhospitaisbrasil.com.br/inscricoes-abertas-para-a-pos-graduacao-de-educacao-em-saude-no-graacc/>. Acesso em 21 abr. 2021.

JESUS, C.S; MATIAS, D.; OLIVEIRA, H. *Pedagogia Hospitalar: metas e desafios para o pedagogo*. Brasil Escola, 2021. Disponível em: <https://m.meuartigo.brasilecola.uol.com.br/pedagogia/pedagogia-hospitalar-metas-desafios-para-pedagogo.htm>. Acesso em: 22 mar. 2021.

JOSÉ, L. GRAACC – Um breve texto sobre sua origem. **Medium**, 2019. Disponível em: [https://medium.com/@leo\\_silva997/graacc-um-breve-texto-sobre-sua-origem-f420132419da](https://medium.com/@leo_silva997/graacc-um-breve-texto-sobre-sua-origem-f420132419da). Acesso em: 22 mar. 2021.

MUELLER, P.; ENDLICH, E.; MACIEL, V.; CAMAS, N.; *Paradigmas educacionais e a prática pedagógica: uma proposta de reconfiguração da docência*. In: EDUCERE - CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, XII, 2015, Curitiba. Disponível em: [https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/20240\\_10362.pdf](https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/20240_10362.pdf). Acesso em: 04 out. 2021

OLIVEIRA, E; SILVA, V; FANTACINI, R. *Pedagogia hospitalar: a brinquedoteca em ambientes hospitalares*. *Research, Society and Development*, Minas Gerais, v. 1, n. 1, p. 88-104, 2016. Disponível em: <https://www.redalyc.org/jatsRepo/5606/560658988006/html/index.html> Acesso em: 25 abr. 2021.

OTEIRO, L.; DUTRA, M.; SILVA, P.; FANTACINI, R. *Pedagogia hospitalar: conhecendo as suas modalidades de atendimento*. *Research, Society and Development*, vol. 5, núm. 1, pp. 18-32, 2017. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/5606/560659000002/html/>. Acesso em: 04 out. 2021

VASCONCELOS, S. *Classe hospitalar no mundo: um desafio à infância em sofrimento*. **SBPCNet**, 2008. Disponível em:

[http://www.sbpnet.org.br/livro/57ra/programas/conf\\_simp/textos/sandramaia\\_hospitalar.htm](http://www.sbpnet.org.br/livro/57ra/programas/conf_simp/textos/sandramaia_hospitalar.htm). Acesso em: 20 abr. 2021.

WIESE, M.; MATOS, E. Trabalhando sob novos olhares e novos desafios na pedagogia hospitalar, Int. J. Knowl. Eng. Manag, ISSN 2316-6517, Florianópolis, v. 2, n. 3, p. 66-82, jul./out. 2013. Disponível em:  
<file:///C:/Users/User/Downloads/81463-Texto%20do%20Artigo-297656-1-10-20210520.pdf>. Acesso em: 19 maio. 2021.

**POLÍTICAS PÚBLICAS E BNCC: A ORGANIZAÇÃO DA GESTÃO  
DEMOCRÁTICA DESVELADA EM PRÁTICAS PARTICIPATIVAS**

**PUBLIC POLICIES AND BNCC: THE ORGANIZATION OF DEMOCRATIC  
MANAGEMENT UNVEILED IN PARTICIPATORY PRACTICES**

**IOMARA RIOS DA SILVA<sup>1</sup>**

**RAIANY ADRIELLY MOURA DE SOUSA<sup>2</sup>**

**RAYRA NASCIMENTO MENEZES<sup>3</sup>**

**Dr. HÉLIO RODRIGUES JR.<sup>4</sup>**

**RESUMO**

A democracia é vista como um regime que favorece mudanças nos âmbitos político, social e econômico. Quando uma pessoa consegue tomar decisões, construir regras e assumir responsabilidades, gerando resultados, pode-se ver a autonomia como ponto chave para o desenvolvimento humano, possibilitando a experiência de um processo democrático. O presente trabalho aborda pontos do contexto escolar, relacionados a gestão democrática e a participação dos alunos em sua construção, discorrendo sobre uma análise de como as políticas públicas e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) são organizadas em uma gestão democrática e desveladas em práticas participativas na escola formando alunos conscientes para o exercício da cidadania. Para isso, refletiu-se a forma que as instituições implementam a participação do aluno, tornando-o o agente principal do seu processo de aprendizagem, com a intenção de responder o seguinte questionamento: “De que forma as políticas curriculares da BNCC são empreendidas no cotidiano escolar, a fim de exercer uma gestão democrática e as habilidades socioemocionais dos alunos?”. Investigou-se então, as políticas curriculares de documentos normativos para o desenvolvimento das habilidades socioemocionais e gestão democrática; o modo que essa prática é fundamentada no cotidiano das instituições escolares; e os métodos para um desdobramento concreto de uma gestão democrática escolar. A metodologia abordada contou com a participação de gestores, professores e alunos, com a intenção de compreender as fases de planejamento, execução e impacto de ações participativas e democráticas implementadas pelas escolas. Em suma, foi visível a carência quanto ao entendimento do significado e comprometimento necessário para que a participação dos alunos aconteça, tornando a intencionalidade dessas práticas frágil e insustentável, dificultando a missão de formar alunos transformadores e críticos.

---

<sup>1</sup> Graduanda em Licenciatura em Pedagogia – FSV UNIBR

<sup>2</sup> Graduanda em Licenciatura em Pedagogia – FSV UNIBR

<sup>3</sup> Graduanda em Licenciatura em Pedagogia – FSV UNIBR

<sup>4</sup> Dr. em Língua Portuguesa PUC-SP - Faculdade de São Vicente – UNIBR – E-mail: h-rodrigues-junior@uol.com.br

**Palavras-chave:** Políticas educacionais; BNCC; Competências socioemocionais; Gestão democrática; Estratégias participativas.

## **ABSTRACT**

Democracy is seen as a government that favors changes in the political, social, and economic spheres. When a person manages to make decisions, create rules, and take responsibilities achieving results, autonomy can be seen as a key point for human development, enabling the experience of a democratic process. This paper addresses points from the school context, related to democratic management and student participation in its construction, discussing how public policies and the Common National Curriculum Base (BNCC) are organized in democratic management and unveiled in participatory practices at school forming aware students for the exercise of citizenship. In order to do this, the way in which institutions implement student participation was considered, making them the main agent of their learning process, with the intention of answering the following question: “How are BNCC's curriculum policies undertaken in the daily school life, in order to exercise democratic management and the students' socio-emotional skills?”. It was then investigated the curricular policies of normative documents for the development of socio-emotional skills and democratic management; the way that this practice is based on the daily life of school institutions; and the methods for a concrete development of a democratic school management. The approached methodology had the participation of managers, teachers, and students, with the intention of understanding the planning, execution and impact phases of participative and democratic actions implemented by the schools. To sum up, there was a visible lack of understanding of the meaning and commitment necessary for student participation to happen, making the intention of these practices fragile and unsustainable, making the mission of training transformative and critical students more difficult.

**Keywords:** Educational policies; BNCC; Socio-emotional skills; Democratic management; Participatory strategies.

## **1 INTRODUÇÃO**

Compreender a diversidade é fundamental para ter uma orientação mais contundente quando se trata da transformação de uma sociedade naturalmente voltada à exclusão. Nessa perspectiva, o presente trabalho busca abordar os pontos diretamente ligados ao que pode-se considerar importante no contexto escolar, quando relacionado a uma gestão democrática e a participação ativa do aluno em sua construção. Visando a prática de uma gestão educacional que se vincule aos meios legais que fundamentam ações participativas para a garantia de qualidade social da educação como disposto na Lei nº 7716/89.

A Constituição Federal de 1988 institucionalizou em seu Artigo 206 inciso VI, a gestão democrática deve ser adotada como regra básica nas instituições de ensino. E para isso, a BNCC também orienta sobre a interação do sistema/escola com a família, comunidade e sociedade (2017), descentralizando a organização escolar e promovendo a democracia no processo de educação. Contudo, pontuou-se que o tema trata sobre uma análise minuciosa de como as políticas públicas e a BNCC são organizadas em uma gestão democrática e desveladas em práticas participativas na escola formando alunos conscientes para o exercício da cidadania.

Logo, é necessário refletir a forma com que a instituição escolar implementa a participação e autonomia do aluno, fazendo com que ele seja não apenas um receptor da prática pedagógica, e sim, o agente principal do seu processo de aprendizagem. Sendo assim, o projeto de pesquisa foi guiado a fim de responder a seguinte pergunta: De que forma as políticas curriculares da BNCC são empreendidas no cotidiano escolar, a fim de exercer uma gestão democrática e desenvolver as competências socioemocionais dos alunos?

O objetivo geral deste projeto é esquadrihar as práticas pedagógicas referente ao desenvolvimento socioemocional dos alunos e sua participação ativa no exercício das tomadas de decisões. A partir desta perspectiva, foram especificados os seguintes objetivos: Investigar as políticas curriculares dos documentos normativos (BNCC e LDB) para o desenvolvimento das habilidades socioemocionais e gestão democrática; Observar de que modo essa prática é fundamentada no cotidiano das instituições escolares; Considerar métodos para um desdobramento concreto de uma gestão democrática escolar.

Para o andamento do projeto buscou-se analisar sobre as bases legais que regem a educação brasileira no que diz respeito a uma administração coletiva no ambiente escolar, que envolva não somente educadores e gestores, mas também os alunos. Também lançou-se mão de revisão de literatura, periódicos online, artigos científicos e análises estatísticas, a fim de se compreender melhor os pontos abordados. A metodologia contou com a colaboração de alunos, professores e gestores de escolas públicas e privadas dos municípios de Santos e São Vicente, com a única intenção de compreender as fases de planejamento, execução e impacto das ações participativas e democráticas implementadas pelas escolas.

## **2 POLÍTICAS PÚBLICAS NO CONTEXTO ESCOLAR**

As Políticas Públicas educacionais são ações coletivas governamentais que orientam e garantem direitos no que tange uma educação de qualidade e o pleno desenvolvimento do educando. Geralmente são votadas pelo poder legislativo nas esferas federal, estadual e municipal, porém as ações também contam com a participação do poder executivo e da população para que possam ser melhor implementadas e para que possam de fato solucionar questões que são pautadas pelos conselhos e assembleias. Tais reuniões envolvem tomadas de decisões que devem ser planejadas sempre através de objetivos, metas, efeitos e efetividade, além de respeitar o que é proposto pela Lei de diretrizes e bases (LDB – lei 9394/96). Alguns exemplos destas iniciativas em busca de um ensino de qualidade são: Todos pela educação (TOPA); Programa Caminho da Escola (PCE); Projovem Campo – Saberes da Terra; Programa Brasil Alfabetizado (PBA); Programa Universidade para Todos (Prouni); Educação de Jovens e Adultos (EJA).

Com as políticas curriculares, as questões escolares para avaliação, verificação e readaptação do método de ensino podem ser replanejadas a fim de melhorar a qualidade educacional. Porém, compreende-se que o ambiente educador não é apenas o que sofre uma delimitação por um sistema, logo, todas as Políticas Públicas educacionais devem abranger ambientes formais e não formais, ou seja, tudo aquilo que se aprende socialmente na família, na vizinhança ou em projetos não formais de ensino.

Além disso, as Políticas também contemplam ações educativas complementares e proporcionam atividades pedagógicas e socioeducativas para desenvolver habilidades que potencializam indivíduos atuantes na sociedade. Sendo assim, oferecem oportunidades para garantir direitos fundamentais como saúde e educação, mas os métodos avaliativos ainda são insuficientes para determinarem sua efetividade.

Através das projeções das políticas educacionais, a origem do currículo associa-se ao controle do processo de ensino e a ideia de sua formalização e eficiência. A partir da época e/ou contexto, o currículo apresentou-se em diferentes definições, incluindo experiências de aprendizados escolares, objetivos do processo

de ensino, listagem de conteúdos, processos de avaliação e metodologias, tornando fundamental que a postura do educador seja de contínua compreensão das dimensões do currículo, por diferentes autores e teorias, para assim, relacionar quais conceitos vão de encontro às necessidades do contexto em que está inserido.

Portanto, ao se pensar em currículo, é importante levar em consideração a concepção de educação defendida, respeitando os documentos normativos e avaliando as teorias que abrangem esse contexto, pelo fato de serem construídos

conforme os fatores políticos, econômicos, sociais, epistemológicos e culturais, fortemente influenciados por seus períodos históricos.

Como parte desses documentos, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), possui a meta organizar de forma progressiva o desenvolvimento de aprendizagens essenciais, para todas as etapas da educação básica (Educação infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio), de modo a assegurar a equidade dos direitos educacionais de cada indivíduo. A base busca uma formação humana e a construção de uma sociedade justa e democrática, seguindo os princípios abordados pelas Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica (DCN), além de buscar o que se espera pela LDB em seu Art. 3, no que se refere ao acesso e a permanência nas escolas.

É importante que se entenda que a BNCC propõe que as escolas definam suas identidades a partir de dois pilares principais, o de um currículo por competências e o de uma educação integral. O primeiro trata do conhecimento de uma forma prática e contextualizada, ou seja, ações que vão além de teorias e conteúdos. Já o segundo leva em consideração as ações cognitivas, socioemocionais, éticas e corporais para o desenvolvimento humano.

Cada competência deve ser pensada e incentivada de modo a valorizar o que foi historicamente construído, a fim de melhor compreender a realidade atual e avançar em aspectos do mundo físico, social, cultural e digital, trabalhando a imaginação, criatividade, senso investigador, resolução de problemas e análise crítica, de modo a partilhar experiências e informações em diferentes contextos, para assim exercer com responsabilidade, liberdade e autonomia, as funções futuras relacionadas ao campo de trabalho.

As competências socioemocionais são abordadas na BNCC com o objetivo de nortear o aprendizado dos alunos e seu convívio em meio a sociedade. Esse ensino trata sobre a compreensão e maneira de lidar com as emoções, visando tomadas de decisões responsáveis e empáticas. Elas são usadas no cotidiano de todos de forma integral, na formação do indivíduo como cidadão e futuro profissional, sendo benéfico por exemplo, em casos de indisciplina e bullying, como também na melhora do desempenho cognitivo. As competências devem ser propagadas ao longo das etapas da educação básica, evidenciando a importância dessas dimensões.

Contudo, a escola tem seus objetivos específicos que são pontualmente detalhados em seus currículos. Assim, o gestor deve ter como ponto inicial a missão da própria instituição. As ações precisam ser norteadas levando em consideração se o objetivo é desenvolver possíveis líderes ou cidadãos resilientes e responsáveis. É importante garantir reuniões constantes com professores e o corpo docente para que ocorra o alinhamento de iniciativas no processo de planejamento pedagógico.

### **3 COMPREENDENDO A GESTÃO DEMOCRÁTICA**

A Gestão Democrática acontece quando efetivamente existe uma participação dos membros da organização escolar, desde a criação, planejamento e execução dos processos. Ela se relaciona diretamente aos mecanismos institucionais, unindo processos administrativos e pedagógicos, com o intuito principal de beneficiar a comunidade escolar. É fundamental levar em consideração a necessidade da descentralização das ações, para que pais e alunos, por exemplo, não participem somente em eventos e reuniões, não ficando à mercê de uma administração autoritária e impositora, que nem sempre pensam no coletivo, fazendo-os assim, colaboradores reais no cotidiano da instituição. A Constituição Federal de 1988 aponta a gestão democrática como um dos princípios da educação brasileira.

Entretanto, para Oliveira “[...] a garantia de um artigo constitucional que estabelece a gestão democrática não é suficiente para a sua efetivação” (2007, p.95). Ou seja, Apesar da existência legislativa de políticas que contribuem para uma prática pedagógica que inclua a democracia ser um avanço, é importante enfatizar que as leis aparecem somente como obrigаторiedades que nem sempre são consideradas ou

levadas à prática.

Os modelos das práticas pedagógicas são fortemente influenciados pelos momentos culturais e sociais em que estão envolvidos. Na educação brasileira existem dois grandes pilares de pensamentos pedagógicos, as Tendências Liberais e as Tendências Progressistas. Elas servem de auxílio para as práticas dos docentes, sendo usadas em união, não de forma isolada, procurando utilizar as características mais apropriadas para a sua identidade profissional e também da instituição em que está inserido.

A tendência pedagógica liberal busca preparar os indivíduos para o ser social, adaptando-se aos valores da sociedade, desenvolvendo sua cultura individual, não levando em consideração as desigualdades sociais. Nela existem quatro especificações: Tradicional, renovada, renovada não-diretiva, tecnicista.

Já as tendências pedagógicas progressistas têm uma visão crítica de análise das realidades sociais, buscando na educação uma melhor compreensão da realidade da história da sociedade, mostrando o sujeito como um ser que constrói sua realidade, assumindo além do papel pedagógico, um papel político. Essa é dividida em três tendências: Libertadora, libertária, crítico social dos conteúdos.

Nas escolas, a Gestão Democrática veio para fortalecer os vínculos, potencializar o desenvolvimento do ensino/aprendizagem dos alunos e conseguir atuar em pontos específicos, como tornar as perspectivas para o futuro dos educandos mais positivas, ampliar a qualidade de ensino com a diminuição da falta de interesse, construir relações mais humanas e ainda possibilitar a criação de vínculos mais sólidos com a sociedade, respeitando e valorizando a opinião de todos.

Para isso tudo realmente acontecer, é preciso que as instituições de ensino se abram ao diálogo, sem enfatizar determinadas hierarquias, buscando uma relação horizontal. A equipe gestora da escola tem o papel difícil de permitir que esse formato de democracia seja aplicado no cotidiano e fundamentos escolares, por meio de pensamentos e atitudes sólidos e bem fundamentados nessas intenções.

Centralizar ações em torno de si, não é um método favorável. Um gestor precisa buscar autonomia e tomada de decisão em todos do corpo docente, seus colaboradores e equipe, sempre desenvolvendo capacitações, para que a instituição

esteja alinhada com a missão que rege a escola.

Um ponto importante a se refletir, é sobre o quando a aproximação das famílias é fundamental, não somente em dias específicos do ano letivo, mas de maneira profunda, no envolvimento emocional deles com o aprendizado do educando. Isso gera um progresso considerável, vendo que as habilidades socioemocionais devem estar em constante função, tanto quanto as habilidades cognitivas.

Logo, uma escola que busca um pleno aprendizado e desenvolvimento, formando indivíduos capazes de conviver em sociedade, deve dar extrema importância às competências socioemocionais para que sejam trabalhadas com a mesma prioridade das cognitivas. Obviamente, sempre existirão dificuldades e problemas, mas é relevante pensar que formadores, em um contexto geral, tanto familiar, quanto educacional, devem ir à busca da resolução de conflitos, e caso não exista, respeitar as limitações, sem deixar que elas tomem conta de espaços que não as pertencem.

É imprescindível refletir que na formação dos educadores e gestores os alunos não sejam tratados como números ou como clientes que necessitam apenas arquivar informações. Mas muito mais do que isso, devem levar em conta o funcionamento da mente dos alunos, atentando-se a complexibilidade e individualidade de cada um deles, para que assim haja um aprendizado relevante. Contudo, há várias maneiras de começar a realizar esse trabalho, para que sejam instigados a um comportamento mais leve e compassivo. Saídas pedagógicas produtivas é sempre o alvo para trabalhar a inteligência emocional e desvelar novos horizontes.

Apresenta-se a Educação Socioemocional que é essencial para o gerenciamento de conflitos, ideias, valores e ações dentro de uma organização escolar, ou em qualquer outra. Este termo é conhecido no âmbito da psicologia e educação desde o ano de 1990 e passou a ser discutido com frequência no ano de 2019 quando começou a fazer parte do currículo nacional e obrigatório da educação brasileira que é a BNCC. Logo, a habilidade socioemocional relaciona-se naturalmente com a gestão democrática, porque ambas desenvolvem inteligência emocional, criatividade, empatia e muitos outros benefícios importantes que auxiliam na formação do aluno e também desperta nele o desejo de transformar e ajudar.

O ensino tradicional buscou transmitir conteúdos, desvalorizando o saber do aluno, definindo-o através de notas. Após anos de estudos e debates, hoje é possível que o aluno expresse seu pensamento. O conhecimento é importante, mas o sentimento também é e faz parte da formação educacional.

Algumas estratégias que contam com a participação de todos os envolvidos da instituição escolar são: Conselhos de classe, associação de Pais e Mestres, eleição de representantes de classe, assembléia de classe e grêmio estudantil. Contudo, considerando essas práticas como algumas das saídas pedagógicas para uma participação produtiva, é notável a importância da ingressão de processos de gestão democráticas nas instituições educacionais, buscando constantemente envolver a todos em planejamentos e ações, a fim de trabalhar em suas necessidades e interesses de forma coletiva, fazendo valer direitos tanto dentro, quanto fora da escola.

#### **4 REFLETINDO SOBRE OS IMPACTOS DE UMA GESTÃO DEMOCRÁTICA**

Por conta da paralisação mundial referente a pandemia do coronavírus, que afetou em grande escala o Brasil e em especial a realidade escolar, houve uma dedicação maior para que o estudo pudesse acontecer de forma segura e prática, possibilitando uma posterior ação.

A fim de responder o questionamento inicial sobre a forma como a gestão democrática é desenvolvida e trabalhada nos ambientes escolares, e, por conseguinte, esclarecer quais metodologias são utilizadas para a interação dos alunos e professores nas tomadas de decisões e se de fato são recursos que demonstram a real participação dos mesmos nas instituições, utilizou-se recursos tecnológicos quantitativos para a análise concreta das práticas de uma gestão democrática. Esses dados foram adquiridos a partir de questionários que foram respondidos remotamente, através da plataforma google forms, que possibilita o gerenciamento das informações coletadas. Por uma melhor visualização do contexto escolar, foi disponibilizado os questionários para alunos, ex-alunos, professores e gestores das redes pública e privada de ensino, na tentativa de sanar quaisquer dúvidas que relacionem a carência da democracia e da participação por fatores financeiros e sociais.

Além disso, como fundamento qualitativo, os ideais abordados por Lauro Carlos Wittmann e Sandra Regina Klippel (2012) foram levados em consideração no momento de investigação. Segundo os autores “A participação coautora implica o envolvimento que, além da presença atenta e consciente, bem como das opiniões e sugestões, exige tomada de decisão, acompanhamento da execução e avaliação dos resultados” (2012, p. 107). Esses pontos são relevantes pois mostram a importância da construção coletiva de aprendizagens significativas, onde não se pontua um ensinador, e sim, todos os envolvidos aprendendo juntos.

**Quadro 1 – Sistematização do Corpus**

**AOS PROFESSORES E GESTORES**

<p>1 - A escola em que você trabalha pertence a:</p> <p><input type="checkbox"/> Rede pública.</p> <p><input type="checkbox"/> Rede privada.</p> <p>2- Por favor, selecione as opções que existem na escola em que você atua:</p> <p><input type="checkbox"/> Grêmio estudantil.</p> <p><input type="checkbox"/> Conselho de classe.</p> <p><input type="checkbox"/> Reunião de pais.</p> <p><input type="checkbox"/> Assembleia de classe.</p> <p><input type="checkbox"/> Eleições de representante de turma.</p> <p><input type="checkbox"/> Conselho escolar.</p> <p><input type="checkbox"/> Outros.</p> <p>3- Há participação dos professores, alunos e seus familiares na formação dos projetos, currículos escolares, planos de gestão escolar, etc.?</p> <p><input type="checkbox"/> Sim.</p> <p><input type="checkbox"/> Não.</p> <p>4- A participação dos pais na avaliação de docentes e gestores escolares é assegurada?</p> <p><input type="checkbox"/> Sim.</p> <p><input type="checkbox"/> Não.</p>	<p>5- Como se dá a escolha dos recursos didáticos?</p> <p><input type="checkbox"/> De forma participativa pelos professores.</p> <p><input type="checkbox"/> Somente por alguns membros da equipe escolar.</p> <p><input type="checkbox"/> Por órgãos externos à escola.</p> <p><input type="checkbox"/> Em conjunto pelos professores membros da equipe escolar e órgãos externos à escola.</p> <p><input type="checkbox"/> Escolhido de outra maneira.</p> <p>6- Você e/ou instituição em que atua, investem em capacitações voltadas ao exercício de uma gestão democrática?</p> <p><input type="checkbox"/> Sim, a instituição investe em constantes capacitações.</p> <p><input type="checkbox"/> Sim, porém, grande parte das capacitações são investimentos próprios.</p> <p><input type="checkbox"/> Não, ainda não houve a possibilidade de uma capacitação voltada à gestão democrática.</p>
---	--

<b>AOS ESTUDANTES</b>	
<p>1- A escola em que você trabalha pertence a:</p> <p><input type="checkbox"/> Rede pública.</p> <p><input type="checkbox"/> Rede privada.</p> <p>2- Você já participou de uma assembleia de classe?</p> <p><input type="checkbox"/> Sim.</p> <p><input type="checkbox"/> Não.</p> <p>3- Já fez parte de uma eleição de representante de turma?</p> <p><input type="checkbox"/> Sim, inclusive já fui representante. <input type="checkbox"/> Sim, já tive interesse em ser representante, mas nunca me candidatei.</p> <p><input type="checkbox"/> Não, nunca participei de uma eleição.</p> <p>4- A escola em que você estudou ou estuda, fez/faz eleições anuais de grêmio estudantil?</p> <p><input type="checkbox"/> Sim, eu já participei ou tive interesse em participar.</p> <p><input type="checkbox"/> Sim, mas nunca tive interesse em participar.</p> <p><input type="checkbox"/> Sim, mas não sei para que serve.</p> <p><input type="checkbox"/> Não, mas gostaria de participar caso a escola fizesse.</p> <p><input type="checkbox"/> Não, nem sei o que é grêmio estudantil.</p>	<p>5- Por favor, selecione as opções que você sabe que existem na sua escola ou na escola em que você estudou:</p> <p><input type="checkbox"/> Grêmio estudantil.</p> <p><input type="checkbox"/> Conselho de classe.</p> <p><input type="checkbox"/> Reunião de pais.</p> <p><input type="checkbox"/> Assembleia de classe.</p> <p><input type="checkbox"/> Eleições para representante de turma.</p> <p><input type="checkbox"/> Conselho escolar.</p> <p><input type="checkbox"/> Outros.</p> <p>6- Conte sobre a sua experiência enquanto aluno, na participação nas tomadas de decisão da escola. Quais são os momentos de conversa que a escola tem com você aluno?</p> <hr/> <hr/> <hr/> <hr/> <hr/> <hr/> <hr/> <hr/>

A pesquisa quantitativa busca obter respostas sobre o tema desejado, em forma de números e porcentagens, possibilitando um maior alcance do público-alvo e resultados descritos de maneira factual. Suas características centram-se na objetividade, por meio de questionários e entrevistas, com a padronização da medição numérica, permitindo uma margem de erro bastante pequena. Já quando nos referimos ao método qualitativo, não se estrutura questionários, pois o que se torna um guia são os roteiros e embasamentos teóricos utilizados para tal. O importante é entender o que acontece, e não medir. Pode-se identificar uma pesquisa qualitativa por meio da narrativa, onde é pontuado o entendimento mais aprofundado do tema proposto.

A resolução prática foi construída remotamente por meio do Google forms, através de questionários, com o intuito de averiguar se as escolas possuem projetos de grêmio estudantil, assembleias, reuniões, entre outros, para assim identificar as ações democráticas. Para visualizar diferentes perspectivas em torno da organização

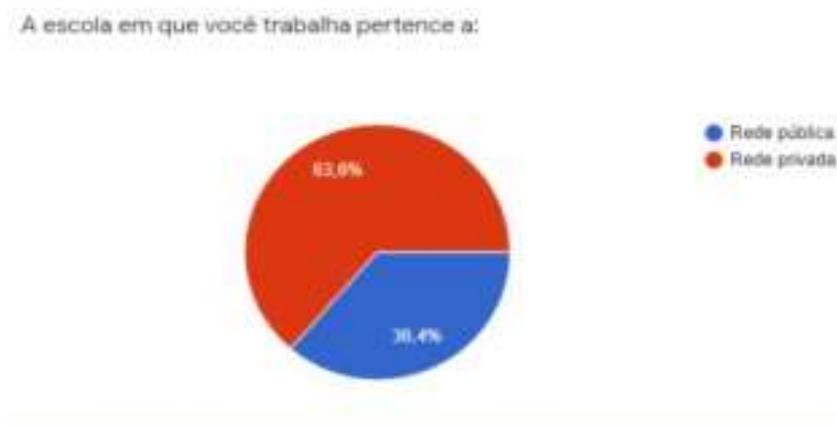
dessas ações, foram elaborados três questionários destinados aos gestores, professores e alunos/ex-alunos.

O questionário voltado aos gestores teve como objetivo explorar o campo de planejamento que irá possibilitar a participação coletiva nas tomadas de decisão. Já as questões direcionadas aos professores evidenciam o planejamento na prática. Para os alunos/ex-alunos, as perguntas tiveram por objetivo revelar o real impacto do que fora previamente citado. Após os questionários serem devidamente concluídos, o grupo analisou as respostas discursivas e as informações geradas a partir de gráficos.

## 5 ANÁLISE DOS RESULTADOS

### 5.1 Gestores

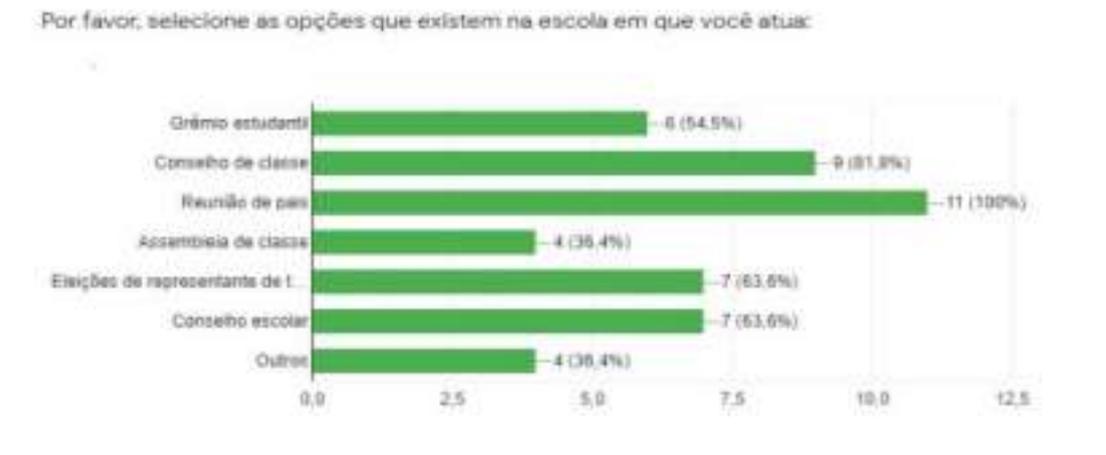
Figura 3 – Rede de ensino



Fonte: Os autores

Dos gestores que participaram da pesquisa 63,6% fazem parte da rede privada de ensino e apenas 36,4% pertencem à rede pública.

**Figura 4 – Práticas Participativas**



Fonte: Os autores

Segundo os gestores que participaram da pesquisa, a reunião de pais é a única metodologia entre as alternativas praticada em todas as escolas (100%), contrapondo a assembleia de classe com apenas 36,4% de aderência.

Esses meios de participação são fundamentais para que haja verdadeiras ações democráticas no ambiente escolar, onde os membros possam efetivamente se relacionar com a construção dos processos pedagógicos e até mesmo organizacionais das instituições. Apesar de relevantes, esses métodos são frequentemente utilizados e dificilmente contam com alterações inovadoras, além de manter uma organização por cargos, o que reforça a visão das tomadas de decisões serem feitas a partir de uma hierarquia vertical.

Mais da metade dos resultados (54,5%), mostram que não há participação de professores, alunos, pais e familiares na construção de projetos, currículos escolares e planos pedagógicos. Da mesma forma, não há uma participação considerável dos pais quanto a avaliação de docentes e gestores (54,5%).

Uma vez que as práticas pedagógicas utilizam as habilidades socioemocionais para estabelecer significatividade e assimilação entre a teoria e a prática das crianças no cotidiano, é necessário que os familiares estejam ainda mais envolvidos com a avaliação dessas ações docentes, pois são eles que acompanham diariamente a execução do que fora estudado pelo educando nos âmbitos de argumentação, desenvolvimento emocional, resolução de conflitos e/ou problemáticas.

**Figura 5 – Projetos e Currículos**

Há participação dos professores, alunos e seus familiares na formulação dos projetos, currículos escolares, planos de gestão escolar, etc? (Sim/Não)



A participação dos pais na avaliação de docentes e gestores escolares é assegurada? (Sim/Não)

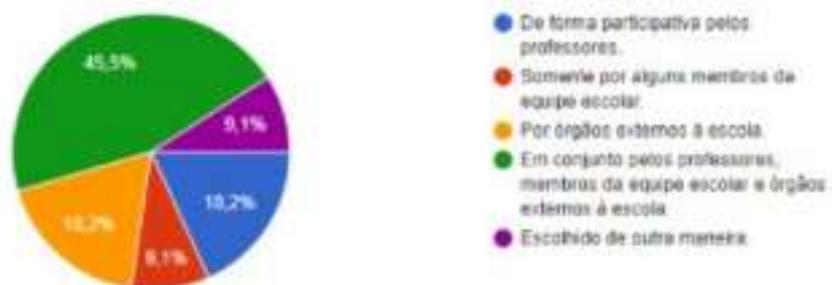


Fonte: Os autores

Ou seja, mesmo que atualmente as escolas procurem por adaptações que levem a um modelo que alcance e busque através da sociedade novas práticas que colaborem com a ação educativa, ainda mostra-se necessário repensar a participação dos membros externos à escola nos momentos de avaliação no que diz respeito à gestão curricular, seu planejamento e abordagem, visto que essas se encontram restritas apenas corpo docente.

**Figura 6 – Recursos Didáticos**

Como se dá a escolha dos recursos didáticos?



Fonte: Os autores

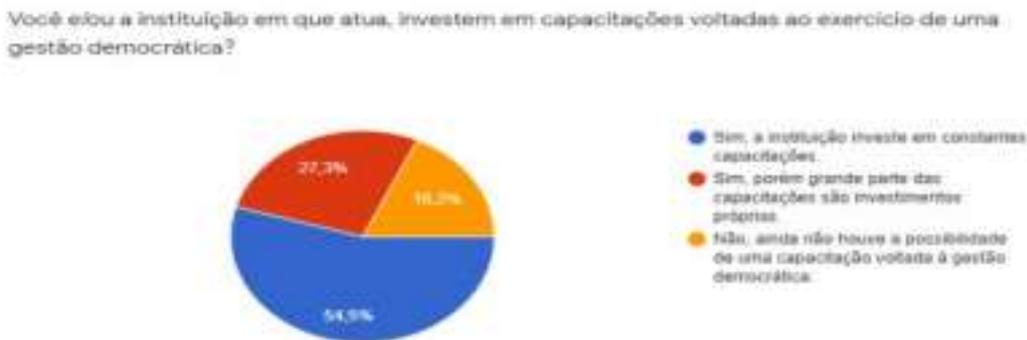
45,5% dos gestores pontuaram que os recursos didáticos são escolhidos em conjunto aos membros da escola, juntamente aos órgãos externos, diferindo da porcentagem de 9,1% que restringe essas escolhas apenas a alguns membros da equipe.

Ações mais coletivas auxiliam e potencializam a qualidade do ensino, além de

permitir que a comunidade escolar tenha mais interesse no que diz respeito ao aprendizado dos educandos e ao avanço de profissionalismo assumido por cada função exercida dentro da instituição.

É fundamental que o corpo docente por inteiro se una em favor das construções de conteúdos e planejamento, permitindo que tenham mais propriedade dos recursos didáticos utilizados no cotidiano para assim abandonar a ideia de sempre seguir uma escala de poderes no desenvolvimento de uma escola favorável à gestão democrática.

**Figura 7 – Capacitações para Gestores**



Fonte: Os autores

Referente às capacitações voltadas ao exercício da gestão democrática, 54,5% apontaram que é um hábito constante proporcionado pelas instituições de ensino. Entretanto, 45,5% disseram que não houve possibilidade dessas aquisições ou que para as mesmas, é necessário a busca por recursos próprios.

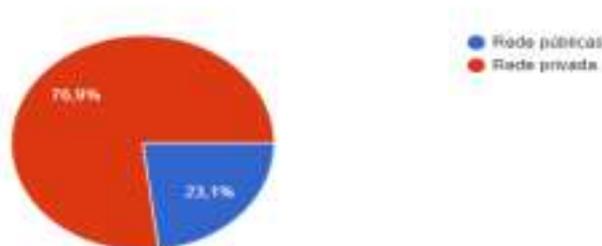
O incentivo à formação continuada é um dos princípios necessários para que a carreira docente esteja alinhada à missão que rege a escola, além de potencializar práticas inovadoras que colaborem com o que de fato é almejado para o desenvolvimento de profissionais compenetrados, dedicados e capacitados.

Contudo, é importante também que haja autonomia na busca de uma constante qualificação, pois, esperar que esse investimento venha apenas das instituições não deve ser o caminho mais apropriado, visto que ainda não é a realidade em todas as escolas.

## 5.2 Professores

**Figura 8 – Rede de ensino**

A escola em que você trabalha pertence a:



Fonte: Os autores

76,9% dos professores participantes são atuantes na rede privada de ensino.

**Figura 9 – Projetos e Currículos**

Há participação dos professores, alunos e seus familiares na formulação dos projetos, currículos escolares, planos de gestão escolar, etc.?



Como se dá a escolha dos recursos didáticos?

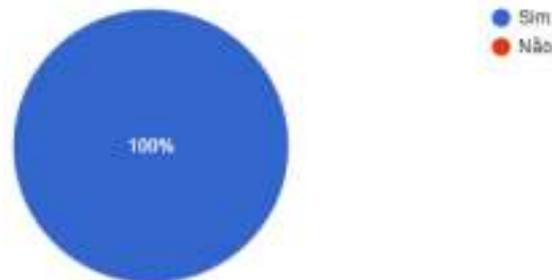


Fonte: Os autores

Para os docentes, existe uma quantidade relevante de participação dos mesmos, de alunos e familiares na formulação de projetos, currículos escolares e planos de gestão escolar. Ao pensar nos recursos didáticos 46,2% dos professores disseram que escolhem em conjunto a toda a equipe escolar, ao contrário de 7,7% que não consideram nenhuma das alternativas.

**Figura 10 – Desenvolvimento de atividades**

O desenvolvimento de atividades é elaborado de forma cooperativa entre os professores e coordenação pedagógica?



Fonte: Os autores

Em unanimidade (100%) os professores confirmaram a cooperação com a coordenação pedagógica quanto às atividades elaboradas. Essa atitude é a esperada quando se diz respeito à união dos membros do núcleo escolar, que buscam por ações participativas e ações mais democráticas em seu cotidiano, tudo isso enfatizando a importância de trabalhar a autonomia dos indivíduos, complementando as habilidades já existentes e por consequência, auxiliando em seu desenvolvimento como cidadão.

**Figura 11 – Capacitações aos professores**

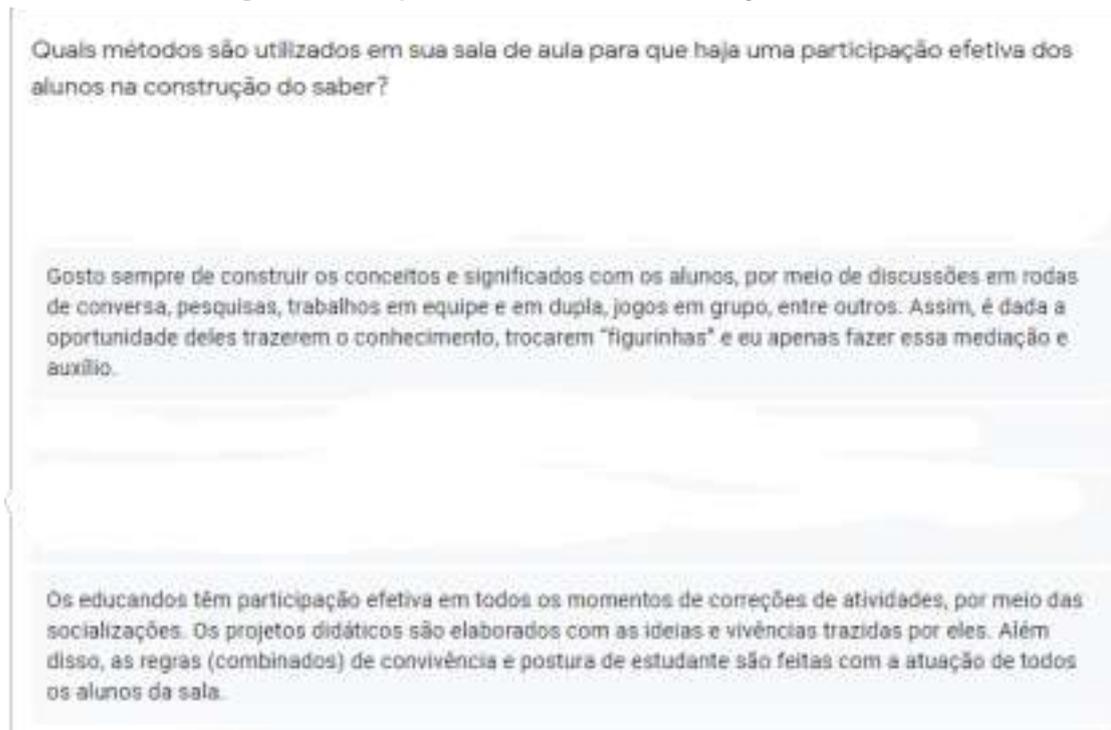
Você e/ou a instituição em que atua, investem em capacitações voltadas ao exercício de uma prática pedagógica participativa?



Fonte: Os autores

69,2% dos docentes mostraram que as instituições investem em constantes capacitações relacionadas ao exercício da prática pedagógica, em contrapartida 7,7% ainda não conseguiram buscar as mesmas capacitações.

**Figura 12 – Depoimentos sobre a construção do saber**

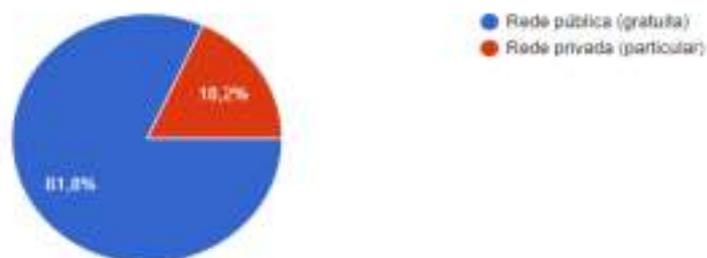


Fonte: Os autores

### 5.3 Estudantes

**Figura 13 – Rede de ensino**

A escola em que você estudou ou estudava pertence a:

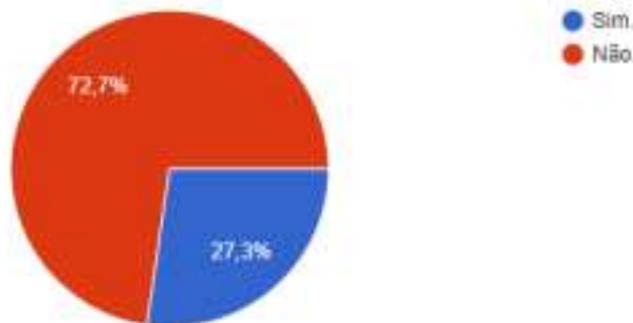


Fonte: Os autores

81,8% dos estudantes participantes de pesquisa fazem parte da rede pública de ensino

**Figura 14 – Assembleia de classe**

Você já participou de uma assembleia de classe?

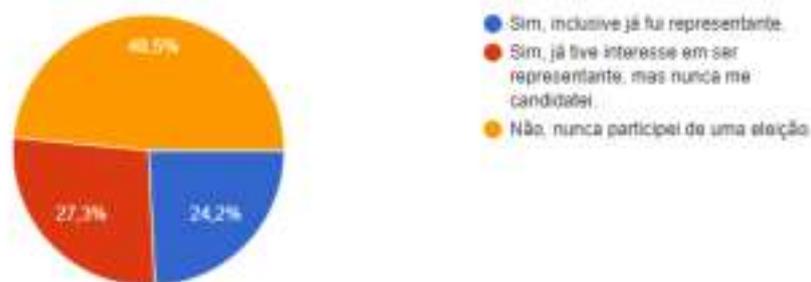


Fonte: Os autores

72,7% nunca participaram de assembleias de classe. Levando em consideração que esse é um momento oportuno para refletir sobre possíveis soluções para os problemas no cotidianos da escola, a grande ausência dos estudantes no processo dessas assembleias torna-se um fator preocupante pois, a participação dos alunos nas tomadas de decisões e no exercício da cidadania, ficam limitados a um contexto escolar pré estabelecido por terceiros onde, por vezes, não correspondem às suas expectativas.

**Figura 15 – Eleições de representante**

Já fez parte de uma eleição de representante de turma?



Fonte: Os autores

51,5% dos educandos já foram representantes de turma ou tiveram interesse, porém, 48,5% nunca participaram de uma eleição.

Levando em consideração os dados acima, a falta de apropriação a um cargo de representante traz a possibilidade de que os candidatos não compreendam o real motivo e importância de se ter um representante de turma, dificultando assim o

processo de valorização do protagonismo estudantil e da efetivação da democracia durante as votações, sendo que para essa existir é necessário mais de um candidato.

**Figura 16 – Grêmios estudantis**

A escola em que você estudou ou estuda, fez/faz eleições anuais de grêmios estudantis?



Fonte: Os autores

Quanto às eleições anuais de grêmios estudantis, 30,3% já participaram ou tiveram interesse, ao contrário da maioria (48,5%) que apesar de terem participado, nunca tiveram interesse real sobre o assunto. Uma observação relevante está entre os 9,1% dos alunos nem mesmo sabem para que serve o grêmios estudantis. Isso demonstra, mais uma vez, o quanto a falta de diálogo e informações podem refletir no comportamento evasivo quanto aos meios de representatividade dos alunos nas escolas.

Logo, considerando que parte da missão docente é formar indivíduos politicamente críticos e interessados em se envolver diretamente em tomadas de decisões que refletirão em seus posicionamentos ao decorrer de suas histórias, é preocupante a ausência dessa participação ainda na fase escolar.

**Figura 17 – Práticas participativas.**

Por favor, selecione as opções que você sabe que existem na sua escola ou na escola em que estudou:



Fonte: Os autores

100% dos estudantes reconhecem a reunião de pais como realidade em suas

escolas, ao contrário da assembleia de classe com uma aderência apenas de 24,2%.

Porém, apesar de todas essas tentativas para tornar a escola um ambiente de corresponsabilidade e aprendizado mútuo, com os relatos anteriores torna-se evidente a carência de projetos inovadores que busquem o interesse dos alunos e ainda assim colaborem no estímulo do ser argumentativo, empático e cooperativo dos educandos.

Os relatos apresentados ressaltam as carências nas ações que estabelecem a democracia desde seu planejamento, até se pensar nos processos de avaliação que poderão colaborar para um replanejamento que venha permitir

que todos tenham propriedade nas situações vivenciadas no cotidiano escolar, tanto na parte pedagógica quanto na construção humana. Isso torna-se incentivo e investimento para formações continuadas e direcionadas ao bem comum, trabalhando metas, autonomia e a prática cidadã.

A compreensão dos alunos aparenta demonstrar que as ações participativas que hoje ocorrem nas escolas servem meramente para ocupá-los, quando na realidade deveriam estar voltadas ao exercício da busca de um pensamento crítico na construção de um protagonismo democrático.

A falta de participação dos pais na avaliação das práticas institucionais e dos professores e alunos na construção dos projetos, currículos e planos de gestão, demonstram que ainda existe um teor centralizador no que se trata das ações educacionais. Entretanto, os fatos mencionados possibilitam a reflexão sobre o quanto as políticas públicas e a BNCC são organizadas em uma gestão democrática e desveladas em práticas participativas na escola, pelo menos, em sua maioria.

Apesar disso, essas ações não são muito reconhecidas pelos alunos, em especial da rede pública de ensino, que foi a maioria do público estudantil pesquisado, em oposição dos gestores(as) e professores(as), em maioria da rede privada, que apontaram um maior envolvimento dos membros internos e externos da escola nas mesmas ações.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo da pesquisa torna-se possível compreender o ato educacional como fator político, social e histórico, que de forma contínua é modificado pelo poder governamental. Tais mudanças devem ser exercidas a fim de atingir objetivos, metas e tomadas de decisões que tornem a educação mais qualificada, justa e democrática. Essas ações proporcionam oportunidades para práticas pedagógicas que desenvolvam competências e estimulem indivíduos que atuem na sociedade.

Pensando-se em uma gestão democrática que acontece quando há participação efetiva dos membros da instituição escolar, é imprescindível que as pessoas estejam de fato comprometidas com os processos institucionais, administrativos e pedagógicos, com o objetivo primordial de construir uma sociedade capaz de intervir na realidade atual sem comprometer de forma negativa o futuro. É fundamental que a gestão aplique pensamentos e atitudes participativas no cotidiano escolar, com diálogo e um trabalho contínuo na busca de uma relação horizontal. Porém, mesmo com a Constituição de 98 propondo a gestão democrática como um princípio para a educação brasileira, ao decorrer da pesquisa, percebeu-se que um modelo democrático de gestão ainda não é vivenciado de forma integral, visto que as ações do corpo docente são centralizadas, geralmente, aos cargos mais elevados da hierarquia escolar, negligenciando a integração familiar neste contexto.

Contudo, apesar de ser de conhecimento dos alunos os métodos utilizados pela maioria das escolas, tanto públicas quanto privadas, ainda são visíveis a carência quanto à comunicação do real significado e comprometimento necessário para com essas ações. O esclarecimento da intencionalidade dessas práticas se faz frágil e insustentável, corrompendo com a missão de formar alunos capazes de transformar historicamente o meio social, de forma politicamente crítica. Ou seja, as mudanças serão possíveis a partir do momento que a formação inicial dos professores se volte a entender e propiciar ferramentas onde a inclusão dos alunos nas tomadas de decisões, planejamento, ações, uma real participação no contexto escolar, proporcionem um esclarecimento que desperte interesse, que mostre a eles a importância de fazerem parte, de terem firmado o seu papel como estudante construtor de conhecimento e não apenas um receptor de mensagens prontas e

padronizadas.

## REFERÊNCIAS

- BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018. \_\_\_\_\_.
- Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Senado Federal, 1988. \_\_\_\_\_.
- \_\_\_\_\_. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília: MEC/SEF, 1997. \_\_\_\_\_.
- Lei Nº 7.398, de 4 de novembro de 1985: Dispõe sobre a organização de entidades representativas dos estudantes de 1º e 2º graus e dá outras providências. Lei grêmio estudantil** – Planalto, 1985. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L7398.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L7398.htm) Acesso em: 07/06/2021.
- \_\_\_\_\_. **Lei 9394/96 | Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996: Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Jusbrasil, 1997. Disponível em: <https://presrepublica.jusbrasil.com.br/legislacao/109224/lei-de-diretrizes-e-bases-lei-9394-96> Acesso em 07/06/2021.
- \_\_\_\_\_. Ministério da Educação. **PROUNI**, [S.d]. Disponível em: <http://prouniportal.mec.gov.br/> Acesso em: 21/04/2021.
- \_\_\_\_\_. Ministério da educação. **Todos Pela Educação: Independente, plural e decisivo**, c2021. Disponível em: <https://todospelaeducacao.org.br/quem-somos/> Acesso em: 21/04/2021.
- \_\_\_\_\_. Ministério da Educação. **Projovem Campo – Saberes da Terra**, 2018. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/projovem-campo--saberes-da-terra> Acesso em: 21/04/2021.
- DALBEN, Ângela Imaculada L. F. **Conselho de classe e avaliação: perspectivas na gestão pedagógica da escola**. Campinas, SP: Papirus, 2004.
- DEMOCRACIA. In: DICIO, **Dicionário online de Português**. Porto: 7Graus, 2009. Disponível em <https://www.dicio.com.br/democracia/> Acesso em: 22/05/2021.
- FNDE. **Brasil Alfabetizado**, 2017. Disponível em <https://www.fnde.gov.br/index.php/programas/bolsas-e-auxilios/eixos-de-atuacao/brasilalfabetizado#:~:text=O%20Programa%20Brasil%20Alfabetizado%20%28PBA%29%20visa%20alfabetizar%20jovens%2C,cursos%20de%20educa%C3%A7%C3%A3o%20de%20jovens%20e%20adultos%20%28EJA%29> Acesso em 21/04/2021
- FNDE. **Caminho da Escola**, 2017. Disponível em: <https://www.fnde.gov.br/programas/caminho-da-escola> Acesso em 21/04/2021.
- FOGAÇA, Jéssica. **Método Friends**, 2016. Disponível em: <http://www.jessicafogaca.com/metodo-friends/> Acesso em: 05/05/2021.

GATTI, B. A. **Estudos quantitativos em educação**. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 30, n. 1, p. 11-30, jan./abr. 2004.

\_\_\_\_\_. **A construção metodológica da pesquisa em educação: desafios**. Revista Brasileira de Política e Administração da Educação. v. 28, n. 1, p. 13-34, jan/abr. 2012.

LEMANN, Fundação. **Os Alunos estão na escola?**, 2019. Disponível em: [https://fundacaoemann.org.br/noticias/como-esta-a-nossa-educacao-basica?gclid=Cj0KCQjwweyFBhDvARIsAA67M72RfXsYEjlopv226CHrkot6Ve55qIB3HVDSH0Xnn0WYwZiJwVFCsAaAolzEALw\\_wcB](https://fundacaoemann.org.br/noticias/como-esta-a-nossa-educacao-basica?gclid=Cj0KCQjwweyFBhDvARIsAA67M72RfXsYEjlopv226CHrkot6Ve55qIB3HVDSH0Xnn0WYwZiJwVFCsAaAolzEALw_wcB) Acesso em: 07/06/2021.

LIBÂNEO, José Carlos. **Tendências pedagógicas na prática escolar**. In:\_\_\_\_\_. **Democratização da escola pública – a pedagogia crítico-social dos conteúdos**. São Paulo: Loyola, 1992. Cap1. Disponível em: <http://www.ebah.com.br/content/ABAAAehikAH/libaneo> . Acesso em 04/06/2021.

LUCK, Heloísa. **Gestão educacional: uma questão paradigmática**. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 2006.

OLIVEIRA, C. **Democratização da educação: acesso e permanência do aluno e gestão democrática**. In: RESCIA, A. P. O. et al. (Orgs.). **Dez anos de LDB: contribuições para a discussão das políticas públicas em educação no Brasil**. 1. ed. Araraquara: Junqueira & Marin, 2007. p.93-103.

PAULA, DéborahHelenise Lemes de; PAULA, Rubian Mara de. **Currículo na escola e currículo da escola**. Editora intersaberes. Edição 2016.

PRAVALER. **EJA 2020: Guia Completo para você se dar bem**,2020.Disponível em: <https://www.pravaler.com.br/eja-2020-guia-completo-para-voce-se-dar-bem/> Acesso em 07/06/2021.

PÚBLICA, Educação.**Políticas Públicas para a Educação de Jovens e Adultos (EJA)**, 2019.Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/19/16/politicas-publicas-para-a-educacao-de-jovens-e-adultos-eja> Acesso em: 07/06/2021.

SÃO PAULO. Secretaria da Educação do Estado. **Associação de Pais e mestres**, [S.d].Disponível em <https://www.educacao.sp.gov.br/apm> Acesso em 07/06/2021.

\_\_\_\_\_. Secretária da Educação.**Gestão Democrática: a escola é sua**,2018. Disponível em: <https://www.educacao.sp.gov.br/gestaodemocratica> Acesso em: 05/05/2021.

\_\_\_\_\_. Secretária da Educação. **Gestão Democrática: juntos somos melhores**, 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=YAPEQWyPt8A> Acesso em: 05/05/2021.

WITTMANN, Lauro Carlos; KLIPPEL, Sandra Regina. **A prática da gestão democrática no ambiente escolar**. Curitiba: Editora Intersaberes. 1º Edição, 2012.

## **REPENSANDO OS PADRÕES DA EJA NA ALFABETIZAÇÃO – A EDUCAÇÃO NÃO É DESENVOLVIDA APENAS EM AMBIENTES ESCOLARES**

### **RETHINKING EJA STANDARDS IN LITERACY – EDUCATION IS NOT DEVELOPED ONLY IN SCHOOL ENVIRONMENTS**

**LARISSA CAMPOS FERNANDES LOPES<sup>1</sup>**

**MAITHÊ OLIVEIRA DE ARAÚJO<sup>2</sup>**

**PATRÍCIA NASCIMENTO REIS<sup>3</sup>**

**Dr. HÉLIO RODRIGUES JR.<sup>4</sup>**

#### **RESUMO**

Cada pessoa tem seu tempo de aprendizado e isso é fato, uma das maiores dificuldades de se alfabetizar uma criança, ou um aluno da EJA, é respeitar o seu tempo, a sua bagagem e trazer experiências reais que se assimilam ao seu cotidiano, não adianta você começar a introduzir palavras na vida de uma criança com coisas que não estão a sua volta, que ela nem sequer saberá do que se trata. Quando um jovem ou adulto começa seu processo de ensino e aprendizagem, não é apenas seus conhecimentos que se ampliam ou sua vida que muda um pouco a cor, mas sua autoestima se eleva, ele se considera capaz de romper as barreiras, grandes feitos, conquistar seus sonhos, a educação não abre somente portas, ela abre horizontes inimagináveis para um adulto. Aqueles alfabetizados na educação básica, com o ensino considerável regular, aquele onde a criança vai para a creche, depois ensino fundamental 1 e 2 em diante já se sente incrivelmente modificado quando percebe que está lendo, escrevendo, Agora vejamos pelo lado da pessoa que não teve acesso a educação, que ao longo da vida se sentiu menosprezado pela sociedade e deixado do lado, quando essa pessoa começa a ler, escrever e interpretar, o mundo dela se modifica três vezes mais, pois para uma pessoa que não tinha visão de como as coisas podiam ser diferentes, as portas começam a se abrir na sua vida. As pessoas aprendem de diversas formas e em diversos ambientes, até nos considerados ambientes não escolares. Não adianta um educador aplicar apenas um conceito esperando que todos aprendam, isso não irá acontecer. Pois cada um é um indivíduo único e tem seu próprio modo de ver e entender o mundo e o que está ao seu redor. No processo de alfabetização o professor deve levar em conta tudo o que observa no aluno, por isso é de grande importância, o professor querer e ver o aluno como um só, nem sempre é fácil, pois às vezes uma sala com 40 alunos, você não consegue atender individualmente cada um, mas é claro que você consegue perceber o modo

---

<sup>1</sup> Graduanda em Licenciatura em Pedagogia – FSV UNIBR

<sup>2</sup> Graduanda em Licenciatura em Pedagogia – FSV UNIBR

<sup>3</sup> Graduanda em Licenciatura em Pedagogia – FSV UNIBR

<sup>4</sup> Dr. em Língua Portuguesa PUC-SP - Faculdade de São Vicente – UNIBR – E-mail: h-rodrigues-junior@uol.com.br

como aquele aluno tem mais facilidade em aprender, junto com o modo que aquele aluno desperta interesse no que está sendo transmitido.

**Palavras-chave:** Ambientes Não Escolares; Alfabetização; Professor; Aluno; EJA

## ABSTRACT

Each person has their own learning time and this is a fact, one of the biggest difficulties in literating a child, or an EJA student, is respecting their time, their baggage and bringing real experiences that are assimilated to their daily lives, there is no point in starting introducing words into a child's life with things that aren't around them, that they don't even know what it's about. When a young person or adult begins their teaching and learning process, it is not only their knowledge that expands or their life color that changes a little bit, but their self-esteem rises, they consider themselves capable of breaking down barriers, great achievements, conquering their dreams, education not only opens doors, it opens unimaginable horizons for an adult. Those literate in basic education, with considerable regular education, the one where the child goes to daycare, then elementary school, already feel incredibly modified when they realize that they are reading, writing. Now let's see from the side of the person who didn't have access to education, which throughout life felt undervalued by society and left aside, when this person begins to read, write, interpret, their world changes three times more, because a person who had no vision of how things could be different, the doors begin to open in their lives. People learn in different ways and in different environments, even in non-school environments. It is no use for an educator to apply just one concept hoping that everyone will learn, this will not happen. Because each one is a unique individual and has their own way of seeing and understanding the world and what is around them. In the literacy process, the teacher must take into account everything he observes in the student, so it is very important for the teacher to want and see the student as one, it is not always easy, because sometimes a room with 40 students, you can't meet each one individually, but of course you can see how that student finds it easier to learn, how that student arouses interest in what is being taught.

**Keywords:** Non-School Environments; Literacy; Teacher; Student; EJA.

## 1 INTRODUÇÃO

O tema do nosso trabalho trata da educação da EJA em ambientes não escolares e repensando os padrões que são seguidos atualmente.

E tem como justificativa dá-se a importância de melhorar a Educação de Jovens e Adultos que muitas vezes acontece somente dentro do ambiente escolar de uma forma tradicional e que não desperta interesse nos alunos.

Para ser válida, toda educação, toda ação educativa deve necessariamente estar precedida de uma reflexão sobre o homem e de uma análise do meio de vida concreto do homem concreto a quem queremos educar (ou melhor dito: a quem queremos ajudar a educar-se). (FREIRE, 1980, pp. 33-34).

O nosso foco com esse projeto é apresentar que a educação de jovens e adultos não deve ter o foco apenas em um ambiente escolar, pois, a educação é o um campo vasto, onde até em um simples vídeo conseguimos compartilhar conhecimento, sendo de forma clara e respeitando a limitação de cada indivíduo.

A realidade de cada pessoa é diferente, muitos alunos da EJA acabam abandonando o ensino por sua rotina atarefada, horários impróprios para frequentar as aulas, falta de tempo, distância e até mesmo medo de não aprender. Podemos contribuir para que os alunos dessa modalidade não percam o interesse, apresentar quais são as melhores maneiras de ensinar e que isso não precisa acontecer somente dentro de um ambiente escolar?

Nosso objetivo geral busca conhecer as dificuldades e desafios dos alunos da EJA, assim colocando o aluno como o foco principal, para que consigamos levar a educação diretamente a eles, também entendermos que muitas vezes o que é interessante aos nossos olhos, não é visto da mesma maneira que o outro, queremos levar um ensino leve e de qualidade, que apenas contribua na vida do aluno da EJA.

Os nossos objetivos específicos visam:

- Estudar a educação de jovens e adultos;
- Relacionar a EJA com espaços não escolares;
- Analisar a alfabetização de jovens e adultos em ambientes não escolares. Na EJA não basta aplicarmos conteúdos vazios sem contato com a realidade do aluno, devemos trazer histórias reais, pessoas, objetos com um verdadeiro significado.

Durante nossa grande academia, passamos por diversos conteúdos de grande importância na nossa rotina como profissionais da educação, mas o tema EJA nos chamou mais atenção, pois como um adulto consegue trazer a realidade de outro jovem ou adulto a tona para assim formar o aprendizado e até alfabetizá-lo. Nós ficamos interessadas em saber mais sobre esse universo gratificante que é a Educação de Jovens e Adulto.

## 2 EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Neste capítulo falaremos um pouco da EJA bem como especificamente a história da EJA e sua importância até o dias atuais, o aluno da EJA e seu foco no aprendizado, a educação de jovens e adultos na BNCC, o professor como base para o aluno, a importância da alfabetização para o indivíduo.

Neste capítulo nos baseamos em grandes nomes como Emília Ferreiro, Magda Soares, Piaget, Paulo Freire, entre outros...

A EJA é muito importante nos dias de hoje, pois dar a oportunidade para aqueles que pararam o estudo porque precisavam trabalhar, ajudar em casa ou diversos outros motivos para que essas pessoas possam retornar os estudos, conseguindo um diploma e melhorando sua qualidade de vida pessoal e profissional.

Mas é muito difícil fazer com que esses alunos mantenham o foco no aprendizado e para que eles continuem empenhados é preciso que o professor tenha um planejamento e boas estratégias de ensino, além de saber quais são os melhores métodos para trabalhar, conhecer seus alunos e muito mais.

Para ser válida, toda educação, toda ação educativa deve necessariamente estar precedida de uma reflexão sobre o homem e de uma análise do meio de vida concreto do homem concreto a quem queremos educar (ou melhor, dito: a quem queremos ajudar a educar se) (Freire, 1980, pp. 33-34).

É preciso que o professor busque conhecer seu aluno e acomodadas em que ele está inserido e a partir desse conhecimento fazer o planejamento das aulas, saber como interagir e ter uma boa convivência. Para isso precisa considerar todo o sistema de acessibilidade, o que é oferecido, o empenho da gestão em fazer da EJA um ensino de qualidade.

Quando falamos da educação desses jovens e adultos é preciso planejamento, estratégias de ensino, único de toda equipe para que o aluno mantenha o foco além de estabelecer uma boa relação entre aluno e professor, dedicação, afeto e responsabilidade.

O professor tem o papel incentivar seu aluno e fazer com que ele permaneça na escola.

Conseguimos observar que muitos desses alunos têm o foco é dedicação

em aprender ler e escrever, conhecer o significado das palavras e não estão ali somente para conseguir um diploma porque eles querem mais que isso como, por exemplo, conseguir um futuro melhor, uma formação crítica e social.

A alfabetização é de extrema importância para o indivíduo, pois é a partir dela que os alunos reconhecem as letras, desenvolvem a habilidade de ler, escrever, símbolos e como é importante diferenciar cada um deles.

Para que a alfabetização ocorra de forma eficaz é preciso que o professor saiba utilizar diversos métodos de ensino, pois cada aluno aprende de uma forma e para isso o educador precisa ter uma boa capacitação.

Muitos alunos da EJA desistem no meio do caminho porque são ensinados com métodos infantilizados é isso causa desmotivação. O método de ensino para uma criança é diferente do método de ensino de um jovem ou adulto.

A aprendizagem só acontece quando é desenvolvida e busca ao máximo trazer conteúdos interessantes para fazer com que os estudantes tenham uma reação positiva, ensinar a partir de projetos interdisciplinares traz grandes satisfações para ambas as partes.

Uma das principais vantagens de trabalhar por meio de projetos é que a aprendizagem passa a ser significativa centrada nas \*relações e nos procedimentos. Uma vez identificado o problema e formuladas algumas hipóteses, é possível traçar planos para os \*passos seguintes, como a definição do material de apoio para a pesquisa, que será utilizado para a busca de respostas e confirmação ou não das hipóteses levantadas (Mota, 2007, p.7).

A partir desses projetos é sovela analisar resultados, desenvolver interações, ampliar conhecimentos, pois muitos podem contribuir com conhecimentos pessoais e isso torna a aprendizagem mais significativa para todos.

Emília Ferreiro é uma das pessoas que criticavam o método de alfabetização tradicional, pois com esse método o professor é visto como dono de todo o conhecimento. De acordo com Emília Ferreiro, a leitura deve começar a partir de coisas que estão inseridas no cotidiano do aluno. Segundo ela, as pessoas aprendem de uma forma construtivista que ocorre a partir do momento que aluno tenha uma participação ativa e desta maneira conseguem construir seus próprios conhecimentos e aprendizados.

Já para Magda Soares, a alfabetização consiste na habilidade do cidadão

conseguir ler e escrever e para isso deve se alfabetizar letrando.

Não são processos independentes [alfabetização e letramento], mas interdependentes e indissociáveis: a alfabetização desenvolve-se no contexto de e por meio de práticas de leitura e de escrita, isto é, através de atividades de letramento, e este, por sua vez, só se pode desenvolver no contexto da e por meio da aprendizagem das relações fonema-grafema, isto é, em dependência da alfabetização. (SOARES, 2017, p. 45).

A alfabetização e letramento são coisas diferentes, mas uma complementa a outra e faz com que elas se tornem indissociáveis.

Alfabetizar é mais do que somente saber ler e escrever, é também aplicar a linguagem ao seu uso social e logo esse processo de alfabetização não tem fim porque nós estamos sempre em processo de aprendizagem.

Jeans Piaget também influencia na educação tendo em vista que para ele, a alfabetização ocorre quando os estudantes são produtores do seu conhecimento e não são apenas receptores.

De acordo com Piaget, o conhecimento ocorre a partir dos conhecimentos que o ser humano já possui e deve acontecer a assimilação entre ambos.

O Paulo Freire também contribui muito com a educação de jovens e adultos e ele criou um método de alfabetização que são as palavras geradoras que trás palavras que estão presentes no cotidiano do aluno e buscando utilizar a bagagem de conhecimento que aluno já possui.

## **2 A EDUCAÇÃO EM ESPAÇOS NÃO ESCOLARES**

Destacamos a importância do pedagogo, sua responsabilidade como formador intelectual e cultural, a importância de mediar o aprendizado.

É com seu planejamento que encontrará o melhor caminho para o trabalho significativo. Na aplicação dentro da EJA, o ideal é trazer métodos que se adequam a realidade os hábitos dos alunos, para que se torne algo mais atraente e desperte seu interesse.

Pontuamos a importância da educação em espaços não escolares, o pedagogo tem as mesmas capacidades, porem, com novos métodos de ensino e diferentes

técnicas a serem utilizadas. A educação em espaços não escolares pode ser apresentada através de ONGS e projetos sociais, que visam o compartilhamento do conhecimento e ações.

Como uma relação de disputa em função de projetos com direções antagônicas. De um lado a posição de parte dos órgãos oficiais, separando o ensino da pedagogia e, de outro, a representação acadêmica, entendendo o ensino religioso integrado à pedagogia (SILVA, 2002, p. 148).

A educação é um direito de todos, e para nós, não importa o método, o importante é desenvolver o conhecimento.

A EJA tem a finalidade de expandir a democratização. Destacamos alguns movimentos que ocorreram para que a educação fosse apresentada para todos: - Centros populares de cultura (CPC)

- Movimentos de cultura popular (MCP)
- Movimentos de educação de base (MEB)

O professor está como mediador de conhecimento, quando falamos da educação de jovens e adultos. Eles, como já são em sua maioria adulta e jovem, já tem seus pensamentos formados e precisam apenas estímulos para adquirir a visão sociocultural.

O pedagogo fora do ambiente escola atua como mediador de aprendizagem e para que isso ocorra é necessário que o professor tenha conhecimento da sua realidade é uma boa capacitação para assim oferecer um trabalho eficaz, promovendo a interação de todos, melhorando as relações e aprendizagem.

O curso de pedagogia tem duas bases, uma tecnicista e outra generalista, formada por disciplinas básicas e formação profissional.

Formada por disciplinas profissionais e técnicas da área da educação, contribui para a descaracterização do profissional em pedagogia.

Marcada pela falta de contextualização em relação aos estudos da educação, como também na tecnicista.

Muitos se perguntam como é a indenidade do pedagogo, mas isso não foi definido. O que se refere ao decreto lei nº1190/39 que é primordial que haja formação de bacharel em Pedagogia para atender ao cargo.

Outro ponto importante é que deve ser tratado é a educação formal, não formal e a alfabetização.

De modo sintético, a educação formal é aquela que se dá nos espaços tradicionais de ensino, e a informal é aquela que acontece por meio de trocas do sujeito com seu meio (clube, família, amigos). A educação não formal difere da educação informal, sobretudo porque traz consigo uma intencionalidade, ainda que o método para tal seja flexível ou aberto (Frei, 2020, p.18).

A educação formal acontece muitas vezes com legislações, padrões e regras bem definidos bem como as escolas tradicionais, já a educação informal acontece de forma espontânea, no cotidiano e pode acontecer em diversos locais onde acontecem interações sociais.

A Pedagogia, assim como inúmeras profissões, está passando por mudanças por conta da tecnologia instalada na nossa atualidade. Por isso, se faz necessário a implementação dessa novidade dentro do planejamento escolar e durante as aulas. Então, o papel do pedagogo se tornou em auxiliar os colaboradores formando os em alunos aprendizes, a ação educativa tem presença em todos os setores da sociedade "formadora de força de trabalho".

Previsto inclusive em nossa Constituição Federal: Art. 205. "A educação, direito de todos e dever do Estado e da Família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho."

E quando falamos de pessoas analfabetas no Brasil, nós temos um número muito alto e uma forma de diminuir isso é com projetos de EJA como outros programas também. A EJA, nesse sentido, é uma forma de promover a inclusão de uma parte da população que ficou fora da escola ou que saiu dela antes de concluir, por razões diversas é isso consequentemente causa sua alfabetização e muitas dessas pessoas que tiveram abandonar a escola por diversos motivos são jovens e adultos.

A EJA tem sua segurança firmada por lei, com o foco em quem não teve oportunidade de concluir os estudos em tempo hábil.

Mas para que ocorra um bom ensino como falado anteriormente é necessário à relação de aluno e professor, onde o professor também consegue aprender com os conhecimentos que aluno possui e assim dar início a um aprendizado em conjunto,

afeto, pois é assim que ocorre uma educação eficaz então é necessário que o professor ensine por amor e não almejando somente um alimento de salário.

Para ser um grande mediador de aprendizagem é preciso estimular desafios, aperfeiçoe suas práticas para fazer com que o estudante seja construtor do seu próprio conhecimento, tenha conhecimento de métodos de ensino.

### **3 EM BUSCA DE UMA ALFABETIZAÇÃO DIFERENCIADA PARA A EJA**

Como uma forma de colocar em prática tudo que estudamos até então, decidimos usar das constantes ações que a realização da prática nos permite. Nosso intuito era sanar dificuldades de Alunos, estudantes de pedagogia, com a ajuda de professores que já tivessem ingressado na área. Com todos os recursos tecnológicos que temos por conta da era digital que estamos no momento, decidimos criar uma página que compartilhasse dúvidas e soluções sobre diversos assuntos dentro da EJA.

Para que pudéssemos ter certeza dos conteúdos que necessitavam estar ali, utilizamos uma pesquisa qualitativa, e com nossa pesquisa de campo, recolhemos dúvidas importantes.

A pesquisa qualitativa envolve o estudo do uso e a coleta de uma variedade de materiais empíricos – estudo de casos; experiência pessoal; introspecção; história de vida; entrevista; artefatos; textos e produções culturais; textos observacionais/registros de campo; históricos interativos e visuais – que descrevem momentos significativos rotineiros e problemáticos na vida dos indivíduos. Portanto, os pesquisadores dessa área utilizam uma ampla variedade de práticas interpretativas interligadas na esperança de sempre conseguirem compreender melhor o assunto que está ao seu alcance. (DENZIN; LINCOLN. et al. 2006, p. 17).

Sendo assim, na pesquisa qualitativa buscamos ampliar o que conhecíamos e adquirir novos aprendizados, que pudessem ser visto com a devida importância e que fizessem as pessoas pensarem de que forma isso é válido, mesmo que não seja para o próprio indivíduo, mas para o próximo.

O resultado foi interessante, pois aqueles que têm e buscam acesso a informações da EJA, demonstraram a realidade que muitos alunos e professores enfrentam que é o desafio de estar e pertencer na EJA principalmente no momento que vivemos atualmente, onde tudo virou tecnológico. A página não serve somente

para aqueles que já conhecem sobre o assunto, como também serve para aqueles que têm certa curiosidade, dúvidas, e até mesmo para os próprios alunos perceberem que não são os únicos que se sentem “perdidos”, ou com dúvidas.

Para responder algumas dessas dúvidas, contamos com a ajuda de diversos professores que estão ou já estiveram no meio da educação de jovens e adultos, e fizemos perguntas, exemplos:

Quais dicas para o desenvolvimento do ensino pode nos passar? Como está sendo o ensino durante a pandemia?

Qual a maior dificuldade em trabalhar com o público da EJA?

Todas as respostas podem ser postadas na página e acessadas por qualquer pessoa de diversos lugares ao mesmo tempo.

Retiramos desse contexto, pontos positivos que é a oportunidade que o aluno tem de ingressar no mercado de trabalho com melhor qualidade, oportunidade de estudo e boa visão sociocultural.

Porém observamos pontos negativos que são a falta de recursos que infelizmente não é tido como prioridade, que desmotivam o aluno, leva o sentimento de não importância e muitas vezes pode fazer com que ele não sinta vontade de estar ali e desista.

É possível notarmos que uma coisa leva a outra e que muitas vezes é possível solucionarmos essas dificuldades e pontos negativos com um bom planejamento, plano de aula, dedicação de todos aqueles que fazem parte desse processo de ensino, mas nos aprofundaremos neste assunto mais adiante com levantamentos e entrevista feita com professores da EJA.

Atualmente, muitos desafios ainda precisam ser enfrentados para que este ensino se torne ainda mais apreciado por muitos e na visão dos alunos esses desafios são: alcançar mais jovens e adultos que queiram voltar aos estudos, o interesse das pessoas continuarem, a evasão escolar, dificuldade com conteúdo adequado, método de ensino muito padronizado e para alunos que tenham dificuldade de ensino e desenvoltura.

Em todo momento desta nossa parte prática, trabalhamos visando nós

colocarmos no lugar dos alunos, responder aquelas dúvidas como se fossem nossas, compreender a falta de apoio, a falta de recursos, a falta de motivação como se nós fôssemos os alunos, pois assim, a resolução se torna cada vez mais positiva.

Apresentamos ideias de atividades, como o bingo dos nomes.

A proposta do bingo é para o início das aulas, quando principalmente os jovens e adultos ficam no momento de constrangimento onde normalmente não conhecem a turma, nesse novo momento é importante tanto para os alunos, quanto para o professor essa interação com a turma, então, ao mesmo tempo em que ele trabalha a socialização, ele vem trabalhando a alfabetização, onde o aluno assimila o que ele lê ao que vê. A atividade é algo informal onde os alunos observam entre si com uma ponta de competição para ver quem completaria o bingo primeiro, duraria em média 35 a 45 minutos, mas ao longo do tempo eles iriam analisar a importância que uma simples atividade tem.

Também mostramos como a realidade diária de contar dinheiro pode se tornar algo diferenciado e prazeroso ao aluno.

Desde pequenos somos apresentados ao dinheiro, sabemos que ele é necessário para a nossa existência e no caso dos jovens e adultos essa ideia é apresentada diariamente, então unindo a matemática ao que o aluno vivencia trouxemos um posts atividade baseado nisso.

Em diversos momentos as dúvidas são frequentes na nossa cabeça, mas acabamos deixando de lado por considerar coisas óbvias, que todos deveriam saber, mas a realidade é diferente, vivemos em um mundo onde a mudança é constante, informações que recebemos hoje, são alteradas com facilidade. Então para realizarmos nosso questionário usamos o critério de que todas as dúvidas devem sim ser solucionadas, seja ela da simples à mais complexa.

Nosso objetivo com esse projeto é de avaliar a opinião das pessoas e mostrar que por diversas vezes acabamos vendo apenas o que queremos e não avaliamos o que realmente acontece, não damos a devida importância para os reais problemas e dificuldades e não nos colocamos no lugar do outro.

Com o final de nossas entrevistas, podemos concluir que em uma sala de aula da EJA, a aprendizagem é feita de uma troca, de conhecimentos, de histórias, em que

um amplifica a história do outro, aprendem juntos, cada um com a bagagem que tem para ofertar.

É preciso ter o entendimento para diferenciar as diversas áreas e comportamentos que serão encontrados em sala de aula, seja para fases iniciais como para o público adulto. Todos estão ali para aprender, os professores constroem o conhecimento na mente do aluno, e o aluno adiciona memórias e bagagens para a carreira daquele professor.

Como diria um Antropólogo, “Ninguém é ninguém sem outro alguém”. Essa frase, junto com essa filosofia de vida, foi o nosso apoio para completar esse projeto, é compreender que nunca seremos nada, se estivermos sozinhos.

Nesta fase final do nosso projeto, como forma de agradecimento e reconhecimento por todo apoio, ensinamento, entendimento que tivemos até aqui, iremos ressaltar como ninguém é ninguém, sem outro alguém. Não é do dia para a noite que se absorve conhecimentos, não é sozinho que se conquista o mundo. Na EJA, professor e aluno precisam um do outro. Assim como nós, estudantes, precisamos de uma rede de apoio tão grande, de diversas opiniões, para concluir esse projeto.

Uma pessoa que compreende o “UBUNTU”, compreende que somos afetados quando um semelhante nosso é afetado também. Por isso, quando percebemos a falta de ensino, a baixa matrícula dos adultos e a falta de estímulo para o estudo, nós, educadores, somos afetados também, pois envolve o futuro, a cultura nossa que se perde. Precisamos andar juntos, mesmo que não estejamos no mesmo barco. Precisamos respeitar e ajudar da maneira que estiver ao nosso alcance. O egoísmo, em só estar naquela sala de aula apenas para ganhar o "pão de cada dia", que torna a educação tão desmotivada e simples. É preciso comprometimento para mudar o seu mundo, a sua sala de aula e os seus alunos, isso já é mudar o mundo, de cada aluno e o seu também, multiplicando esperança.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com isso, conseguimos concluir que ao nos aprofundarmos sobre a EJA e todas suas fases, é possível observar que vai muito além de uma pessoa à espera de um diploma. É alguém que passou por diversidades e não conseguiu estudar no tempo certo, alguém que infelizmente teve que deixar de lado suas prioridades quanto à criança e ajudar em casa, a família e agora está indo atrás de uma boa qualificação no mercado de trabalho, reconhecimento e afins.

E em contrapartida, para o professor, é o momento que ele tem de ensinar de igual para igual, de reconhecer que a educação vai além do papel e caneta, é entender vivências, aceitar e planejar junto à realidade, compreender que naquela sala de aula, dentro daquele projeto, um precisa do outro para estar ali e um tem muita bagagem de conhecimento para compartilhar com o outro.

Compreendemos que a educação vai além de escrever na lousa, é vivência, compartilhamento de ideias, atividades diferenciadas fora da sala de aula. Concordamos que nesse momento, o ideal é abraçar a era digital que estamos, para agregar cada vez mais conhecimentos, trazer como naturalidade dentro do planejamento escolar, para atrair a atenção do aluno, despertar seus interesses no ensino e assim, diminuir o índice de analfabetismo, diminuir índices de desistências escolares e colocar nosso sistema educacional com reconhecimento positivo, indo além do que se imagina.

#### REFERÊNCIAS

AMARGO, Poliana da Silva Almeida Santos. **Representações Sociais de Docentes da EJA: afetividade e formação docente**. Scielo, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edreal/a/ggPwcmdxDfmZr9zWnkyTdHR/?lang=pt#> . Acesso em 16 de julho de 2021.

ANHANGUERA. **Conheça a importância e as vantagens do EJA**. Blog da Anhanguera, 2021. Disponível em: <https://blog.anhanguera.com/a-importancia-do-eja/> . Acesso em 14 de setembro de 2021.

BASTTISTI, Vânia Franco De. **A influência de Piaget na alfabetização**. Web Artigos, online, 14 de fevereiro de 2017. Disponível em: <https://www.webartigos.com/artigos/a-influencia-de-piaget-na-alfabetizacao/149359> . Acesso em: 05 de junho de 2021.

BECK, Caio. **Método Paulo Freire de Alfabetização**. Disponível em: <https://andragogiabrasil.com.br/metodo-paulo-freire-de-alfabetizacao/> . Acesso em: 05 de junho de 2021.

BRANDÃO, C. R., ed. (1981). **O que é método Paulo Freire**. São Paulo: Brasiliense. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/M%C3%A9todo\\_Paulo\\_Freire](https://pt.wikipedia.org/wiki/M%C3%A9todo_Paulo_Freire) . Acesso em: 05 de agosto de 2021.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil (CRFB)**. Brasília: Senado Federal de 1988. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Constituicao/Constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm) . Acesso em: 09 de maio de 2021.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDBEN** (Lei nº 9.394/96). Brasília, 20 de dezembro de 1996.

BUTURE, Elaine Teotonio da Silva. **Alfabetizar Letrando: Concepções e Reflexões Teóricas**. Pontifícia Universidade Católica do Paraná – PUC/PR, Curso de Licenciatura de Pedagogia, 2017. Disponível em: [https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2017/26073\\_13695.pdf](https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2017/26073_13695.pdf) . Acesso em: 29/05/2021

CARDOSO, Marcélia Amorim; PASSOS Gisele de Andrade Louvem dos. **Reflexões sobre a Educação de Jovens e Adultos e a formação docente**. Educação Pública, 06 de dezembro de 2016. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/16/25/reflexes-sobre-a-educacao-de-jovens-e-adultos-e-a-formao-docente> . Acesso em 09 de setembro de 2021.

CERONI, Prof<sup>a</sup>. Dra. Mary Rosane. **O perfil do pedagogo para atuação em espaços não-escolares**. Cong. Intern. De Pedagogia, 2006. Disponível em: [http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?pid=msc0000000092006000100040&scrypt=sci\\_arttext](http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?pid=msc0000000092006000100040&scrypt=sci_arttext) . Acesso em: 05 de agosto de 2021.

Comunicação, Catho. **O que é a Andragogia?** Catho, 25 de setembro de 2012. Disponível em: <https://www.catho.com.br/carreira-sucesso/carreira/uncategorized/o-que-e-andragogia/> . Acesso em: 05 de junho de 2021.

CRUZ, Antonio Carlos dos Santos. **EJA: A Formação Docente e seus Desafios na Preparação do Aluno para o Mundo Moderno**. Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento. Ano 03, Ed. 03, Vol. 01, pp 5-17, Março 2018.

CURY, Augusto. **Abordagem construtivista: como a criança aprende com essa proposta**. Escola da Inteligência Educação Socioemocional, 13 de junho de 2018. Disponível em: <https://escoladainteligencia.com.br/blog/alfabetizacao-construtivista-como-a-crianca-aprende-com-esse-metodo/> Acesso em: 05 de junho de 2021.

DINIZ, Patrícia da Silva; DIAS, Ticiane Bomfim Menezes. **Pedagogos em espaço não-escolares**. Brasil, 2003. Disponível em: <https://portal.fslf.edu.br/wp>

content/uploads/2016/12/Pedagogos\_em\_espacos\_nao\_escolares.pdf . Acesso em: 16 de julho de 2021.

FELICIANO, Creuza Bonono; FERREIRA, Denilza Oliveira Costa. **O Perfil e os Desafios Enfrentados pelos Alunos da Educação de Jovens e Adultos – EJA.** Curso de Pedagogia da Faculdade Multivix de Cariacica/ES– MULTIVIX CARIACICA/ES, 2007. Disponível em: <https://multivix.edu.br/wp-content/uploads/2018/12/o-perfil-e-os-desafios-enfrentados-pelos-alunos-da-educacao-de-jovens-e-adultos-eja.pdf>. Acesso em 29 de setembro de 2021.

FERRARI, Márcio. **Emilia Ferreiro, a estudiosa que revolucionou a alfabetização.** Nova Escola, 01 de outubro de 2008. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/338/emilia-ferreiro-estudiosa-que-revolucionou-alfabetizacao> . Acesso em 25 de maio de 2021.

FERRARI, Márcio. **Paulo Freire, o mentor da Educação para a consciência.** Nova Escola, 01 de outubro de 2008. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/460/mentor-educacao-consciencia>. Acesso em: 09 de setembro de 2021.

FONSECA, Paulo Roberto da. **A Formação da educação de jovens e adultos no Brasil.** Meu Artigo Online, São Paulo, 2016. Disponível em: <https://meuartigo.brasilecola.uol.com.br/educacao/a-formacao-educacao-jovens-adultos-no-brasil.htm> . Acesso em: 10 de junho de 2021.

GABIRU, Professor. **Reflexões sobre a EJA e Pandemia da covid-19.** VLOG 01 – 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=DFJwkqoZdyl> . Acesso em 30 de setembro de 2021.

GEBRAN, Raimunda Abou; ARANTES, Ana Paula Pereira; STÁBILE, Randall Freitas. **A formação do pedagogo no Brasil: Fundamentos legais.** , Revista Facfama, online, Pedagogia em Foco, 2013. Disponível em: <https://revista.facfama.edu.br/index.php/PedF/article/view/1> Acesso em: 16 de julho de 2021.

GUZZI, Sirlei Alves. **Alfabetização e letramento na educação: a leitura de textos e histórias infantis e sua contribuição como recurso pedagógico no processo ensino aprendizagem.** Disponível em: <https://meuartigo.brasilecola.uol.com.br/educacao/alfabetizacao-letramento-na-educacao-infantil-leitura-textos-historias-infantis-contribuicao-como-recurso.htm>. Acesso em: 28 de maio de 2021.

KUHN, Angélica; CRUZ, Breda Maiara da; TSUCHIYA, Bruna Kaori; BASTIÃO, Marina Bianca. **Um Estudo Sobre Centros Públicos de Educação de Jovens e Adultos no Estado de São Paulo.** Faculdade de Educação da USP, edição única, São Paulo, fevereiro de 2017. Disponível em: <http://www.livrosabertos.sibi.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/download/148/127/638-1?inline=1> . Acesso em: 20 de agosto de 2021

MANSANI, Mara. **5 princípios para a hora de pensar numa sondagem na alfabetização**. Nova Escola, 08 de agosto de 2016. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/16/5-principios-para-a-hora-de-pensar-numa-sondagem-na-alfabetizacao> . Acesso em: 27 de maio de 2021.

MENEZES, Ebenezer Takuno de. **Verbete Mobral (Movimento Brasileiro de Alfabetização)**. Dicionário Interativo da Educação Brasileira - EducaBrasil. São Paulo: Midiamix Editora, 2001. Disponível em <https://www.educabrasil.com.br/mobral-movimento-brasileiro-de-alfabetizacao/>. Acesso em 09 de setembro de 2021.

MIRANDA, Leila Conceição de Paula; SOUZA, Leonardo Tavares de; PEREIRA, Isabella Rodrigues Diamantino. **A Trajetória histórica da EJA no Brasil e suas perspectivas na atualidade**. Seminário de Iniciação Científica, 5., 2016, Montes Claros. Eventos do IFNMG (Instituto Federal do Norte de Minas Gerais). Disponível em: <https://www.ifnmg.edu.br/arquivos/2016/proppi/sic/resumos/e4e0c388-a724-45cb-8189-46e3a70afa64.pdf> .Acesso em: 10 de junho de 2021. MOTA, Nelson Pinto da. **Gráfico índice de retorno aos estudos**. Instituição Federal de Educação, Ciências e Tecnologia de São Paulo, 2016. Disponível em: <https://docplayer.com.br/60964606-Instituto-federal-de-educacao-ciencias-e-tecnologia-de-sao-paulo-nelson-pinto-da-mota.html> . Acesso em 30 de setembro de 2021.

MOURA, Vera Lucia Pereira da Silva; SERRA, Maria Luiza A. A. **Educação de Jovens e Adultos: As Contribuições de Paulo Freire**. Brasil, 2015. Disponível em: [https://www.inesul.edu.br/revista/arquivos/arq-idvol\\_33\\_1426693042.pdf](https://www.inesul.edu.br/revista/arquivos/arq-idvol_33_1426693042.pdf) . Acesso em 10 de maio de 2021.

MUNDO Ubuntu **Origem da palavra Ubuntu, online**, 02 de julho de 2012. Disponível em: <https://www.mundoubuntu.com.br/sobre/curiosidades-do-ubuntu/63-origem-da-palavra-ubuntu> . Acesso em: 10 de dezembro de 2021.

NEUROSABER. **Atividades de alfabetização e letramento: quais as vantagens?** Revista Neurosaber Online, 02 de março de 2021. Disponível em: <https://institutoneurosaber.com.br/atividades-de-alfabetizacao-e-letramento-quais-as-vantagens2/#:~:text=A%20crian%C3%A7a%20alfabetizada%20e%20letrada,habilidade%20di%20ante%20as%20demandas%20sociais>. Acesso em: 29 de maio de 2021.

PEDAGOGIA ao Pé da Letra. **Considerações sobre alfabetização tradicional** Brasil, 2017. Disponível em: <https://pedagogiaaopedaletra.com/consideracoes-sobre-alfabetizacao-tradicional/> . Acesso em 25 de maio de 2021.

ROCHA, Luciene Francisca. **Magda Soares: Um olhar sobre os textos da autora e sua importância para a alfabetização**. Disponível: <https://monografias.brasilecola.uol.com.br/pedagogia/magda-soares-um-olhar-sobre-os-textos-da-autora-e-sua-importancia-para-a-alfabetizacao.htm> . Acesso em: 29 de maio de 2021.

SÓ Pedagogia. **As Práticas Educativas na Educação de Jovens e Adultos**. Brasil, Artigos, p. 3, 2008. Disponível em:

[https://www.pedagogia.com.br/artigos/as\\_praticas\\_educativas/?pagina=2](https://www.pedagogia.com.br/artigos/as_praticas_educativas/?pagina=2) . Acesso em: 27 de maio de 2021.

TERRA. **EJA enfrenta desafios de ensinar para todas as idades**. Blog Terra, 24 de maio de 2014. Disponível em <https://www.terra.com.br/noticias/educacao/eja-enfrenta-desafios-de-ensinar-para-todas-asidades,4e5fea640bb26410VgnVCM5000009ccceb0aRCRD.html> . Acesso em 14 de setembro de 2021.

UNIGRAN Ead. **Por que não infantilizar o ensino de jovens e adultos?** Disponível em: <http://blogunigranead.com/graduacao/pedagogia/eja-nao-infantilizar-o-ensino-de-adultos/> . Acesso em 25 de maio de 2021.

ZAULI, Fernanda. **Método de Paulo Freire de Alfabetização: as lembranças emocionadas da 1ª turma**. Pragmatismo Político, online, 03 de abril de 2013. Disponível em: <https://www.pragmatismopolitico.com.br/2013/04/metodo-paulo-freire-de-alfabetizacao-as-lebrancas-emocionadas-da-1a-turma.html> . Acesso em: 05 de junho de 2021.

**DIFICULDADES DE ALINHAMENTO DAS TURMAS DE 5º ANO DA REDE MUNICIPAL DE SÃO VICENTE COM OS OBJETIVOS E METAS DA PROVA DO SISTEMA NACIONAL DE AVALIAÇÃO DA EDUCAÇÃO BÁSICA (SAEB)**

**DIFFICULTIES IN ALIGNING 5TH YEAR CLASSES IN THE MUNICIPAL NETWORK OF SÃO VICENTE WITH THE OBJECTIVES AND GOALS OF THE NATIONAL BASIC EDUCATION EVALUATION SYSTEM (SAEB) TEST**

**LARISSA ALBERTINE BISPO<sup>1</sup>**

**Dr. HÉLIO RODRIGUES JÚNIOR<sup>2</sup>**

**RESUMO**

Desde 1990 a prova do Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica (SAEB) é realizada pelo INEP para avaliar a educação básica no Brasil, buscando diagnosticar tanto o desempenho dos estudantes como também fatores que podem influenciar no seu rendimento. O presente estudo tem por objetivo analisar os dados do SAEB, tanto antigos como recentes e ter uma visão do educador sobre o alinhamento das suas turmas atuais com os conteúdos exigidos nessa prova, que por mais que tenha caráter censitário e diagnóstico, há cobranças e metas que o professor tem que cumprir. O método utilizado para a pesquisa é a análise da base de dados do IDEB e formulários que tem como público alvo as professoras de 5º ano da rede municipal de São Vicente, com base nos relatos e dados chegamos à conclusão que o sistema de avaliação das professoras, apesar das diversas cobranças, vai muito além do tradicional e que individualmente elas precisam considerar outros aspectos no dia a dia que vivem em sala de aula no momento em que avaliam o aluno mesmo que as avaliações vindas de fora mantenham o modelo conteudista. As estratégias e apoio que as professoras recebem durante o ano letivo é um dos principais enfoques desse artigo.

**Palavras-chave:** Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica (SAEB); alinhamento curricular; avaliação; estratégias de ensino.

**ABSTRACT**

Since 1990, the “Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica” (SAEB) has been carried out by INEP to evaluate basic education in Brazil, aiming to diagnose both student performance and factors that can influence their achievement. This study aims to analyze both past and recent SAEB data and gain educators' insights into the alignment of their current classes with the content demanded by this assessment, which, despite being census-based and diagnostic, imposes demands and goals on teachers. The research methodology involves analyzing the IDEB database and

<sup>1</sup> Graduanda em Licenciatura em Pedagogia – FSV UNIBR

<sup>2</sup> Dr. em Língua Portuguesa PUC-SP - Faculdade de São Vicente – UNIBR – E-mail: h-rodrigues-junior@uol.com.br

administering questionnaires targeting 5th-grade teachers in the municipal network of São Vicente. Based on the reports and data collected, it is concluded that teachers' assessment practices go beyond the traditional approach and individually consider other aspects in their daily classroom practices, even though external assessments maintain a content-focused model. The focus of this article is also on the strategies and support provided to teachers throughout the school year.

**Keywords:** Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica (SAEB); curricular alignment; assessment; teaching strategies.

## 1 INTRODUÇÃO

A avaliação educacional desempenha um papel fundamental na busca pela qualidade da educação básica, durante o ano letivo é possível avaliar diversas vezes como uma turma está evoluindo e o que o professor deve mudar em sua metodologia para que toda a turma tenha resultados positivos.

O término do Ensino Fundamental I quando se chega ao 5º ano é de grande importância pois é um fechamento de um ciclo onde mudará todo o formato de aprendizado de um aluno, como o número de professores, a maneira como serão avaliados, as exigências e ritmo do Ensino Fundamental II são mais complexas e é necessário que o aluno vá preparado para essa nova fase que possui mais desafios acadêmicos, por isso os documentos oficiais de educação têm metas e direcionamentos.

É possível notar durante a experiência dentro da sala de aula que os enfoques para os alunos dos 5º anos é que atinjam os descritores exigidos pelo SAEB, como livros didáticos focados nesse objetivo, reforço escolar como projeto da Secretária de Educação de São Vicente e reuniões com as professoras para que isso aconteça. É importante ressaltar que os alunos dos 5º anos de 2023 foram os mais prejudicados pela pandemia que se iniciou em 2020 visto que estavam em fase de alfabetização e até hoje algumas turmas mostram dificuldade de desempenho.

Perante esses fatos surge o questionamento de que, mesmo seguindo o que é exigido, é essencial compreender como os educadores se alinham aos conteúdos exigidos pela prova, como lidam com a defasagem de suas turmas e principalmente se a avaliação que fazem além do modelo tradicional de notas é visto com a mesma importância que se dá ao atingir essas metas, além do apoio que recebem.

Essa avaliação de caráter censitário deve ser usada para moldar os próximos

passos para que políticas públicas invistam na educação do país, mas a problemática é se esses objetivos a serem alcançados são extremamente pressionados para que se atinja uma pontuação ou para que se recolha dados pertinentes?

A partir de um questionamento e de vivências em sala de aula surgem outras diversas problemáticas: Por que se dá tanta importância ao modelo conteudista de avaliação sendo que os educadores consideram tantas vivências na sala de aula e para onde vai essa avaliação que o professor faz no dia a dia? Qual é o apoio que o professor tem diante a tantas defasagens e no final do ano letivo como isso será discutido? Como as cobranças que vem do patamar mais alto da educação recaem sobre um professor que lida com alunos de diferentes e, infelizmente, difíceis realidades de vida? Os censos que mostram os problemas sociais e os problemas educacionais estão ligados?

Esse estudo pretende refletir sobre essas questões e contribuir para a melhoria de práticas avaliativas, a identificação de necessidades de apoio a professores e aprimoramento de políticas educacionais.

## **2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

Antes da criação do SAEB, o Brasil não tinha um sistema nacional de avaliação da educação básica. Cada governo estadual e municipal tinha seu próprio formato de avaliação e não havia padronização ou sistema para comparar o desempenho dos alunos nacionalmente.

Em sua obra “Didática”, Libâneo traz uma crítica ao fracasso escolar diante dos dados de evasão que surgiam no início dos anos 90:

Os dados mostram que a escola pública brasileira não consegue reter as crianças na escola. Ao longo dos oito anos de escolarização observam-se sucessivas perdas de alunos. Sabemos que esse fato deve ser explicado por fatores externos à escola, mas é evidente que a exclusão das crianças tem a ver, em grau significativo, com aquilo que a escola e os professores fazem ou deixam de fazer (Libâneo, 1990, p. 40).

Levando em conta que o Brasil estava passando por um processo de redemocratização e instaurando leis significativas para a educação como o Estatuto da Criança e do Adolescente (1990) e a Lei de Diretrizes e Bases (1996) havia a necessidade de um sistema onde se pudesse fazer um levantamento para que essas

políticas educacionais fossem aprimoradas de acordo com a necessidade dos estudantes brasileiros.

De acordo com informações disponíveis no site do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) em comemoração aos 80 anos da instituição, o Sistema de Avaliação da Educação Básica (Saeb) foi instituído em 1990 e é composto por um conjunto de avaliações externas em larga escala que visam a realizar um diagnóstico da educação básica brasileira e de fatores que podem interferir no desempenho dos estudantes.

Sistema de Avaliação da Educação Básica (Saeb) passou por diversas transformações ao longo dos anos até chegar aos parâmetros atuais. De acordo com as informações disponíveis no site do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), o histórico do SAEB revela seu contínuo aprimoramento e adaptação às demandas da educação brasileira:

Em 1995 a amostragem se amplia para escolas particulares e foca em encerramentos de ciclos educacionais, como o final do Ensino Fundamental I, do Ensino Fundamental 2 e do Ensino Médio.

No período de 1997 a 1999 foram incluídas as matérias de ciências naturais e humanas na avaliação, porém não se deu continuidade, e em 2001 o foco voltou para as matérias de português e matemática, onde se consolidou esse modelo, até a reestruturação que ocorreria em 2005.

Em 2005 o sistema se divide em duas avaliações, Avaliação Nacional da Educação Básica (Aneb) e Avaliação Nacional do Rendimento Escolar (Anresc), uma com caráter amostral e outra com caráter censitário, onde surgiriam os resultados por escola, que 2 anos depois, em 2007 seria conhecido como Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb).

Em 2013 se inclui a importância de levantar dados a respeito da Alfabetização, se inclui então o 3º ano do Ensino Fundamental, onde se espera que os alunos já tenham passado pela fase da Alfabetização, aplica-se então a Avaliação Nacional da Alfabetização (ANA). Se retoma também os testes voltados a ciências humanas e Ciências da Natureza.

Em 2015 surge uma plataforma de Devolutivas Pedagógicas, onde se faz uma

ligação importantíssima entre os resultados obtidos e o contexto escolar dos alunos, com o objetivo de disponibilizar funcionalidades para auxílio de professores e gestores a planejar o aprendizado dos estudantes, contudo é importante ressaltar que a troca do dia a dia entre gestão e professores é o que realmente mantém a constância em cada escola.

Em 2017 o SAEB se torna censitário para o 3º ano do ensino médio, e é gerada a oportunidade para as escolas particulares obterem um índice para o Ideb, no mesmo ano a BNCC foi criada com o objetivo de “garantir um conjunto de aprendizagens essenciais aos estudantes brasileiros, promovendo seu desenvolvimento integral” (BNCC, p.5), ainda é ressaltado no documento que ele não acabará com as desigualdades educacionais, porém é essencial para o início dessa mudança. Dois anos depois, em 2019, a prova do SAEB se alinha com a BNCC.

No entanto, em 2020, com a ocorrência da pandemia de covid-19, houve uma mudança no modelo e nos resultados educacionais. Muitas escolas que tinham condições realizavam aulas remotas por meio de videochamadas para continuar o ensino dos alunos, para a rede pública de educação, o modelo que se seguiu foi a disponibilização de materiais pelos professores e o acompanhamento via *WhatsApp* ou *Google Classroom*, diante desse ocorrido, os alunos que não tinham condições ou apoio em suas casas tiveram uma defasagem educacional.

Alguns dados que a Sinopse Estatística do Questionário Resposta Educacional à Pandemia de Covid-19 no Brasil - Educação Básica, publicada pelo Inep em 2022, traz a respeito da educação nesse período são:

- 92 % das escolas de educação básica do Brasil adotaram estratégias de mediação remota ou híbrida.
- 72,3% das escolas recorreram à reorganização curricular para priorizar habilidades e conteúdo.
- O “continuum curricular” foi adotado por 17,2% das escolas.
- A aplicação do Saeb 2021 foi desenhada de forma a manter a comparabilidade com as edições anteriores.

De acordo com o site do INEP: “Saeb 2021 se traduz como subsídio para a

elaboração e a implementação de políticas públicas que visem à melhoria do processo educacional, em particular, no cenário pós-pandemia.”

Partindo desse ponto e de resultados do Saeb 2021, estados e prefeituras precisaram criar estratégias para as turmas mais defasadas.

Na cidade de São Vicente iniciou-se o projeto “Integra São Vicente” em 2022, matriculando os alunos do 4º ano do Ensino Fundamental, isso porque estes estavam no 2º ano no ano que se iniciou a pandemia, logo tiveram uma defasagem maior que as outras séries quando se trata de alfabetização.

Atualmente, estes alunos se encontram no 5º ano do Ensino Fundamental e irão realizar a prova do Saeb no ano de 2023. Em um formulário passado para as professoras destes alunos buscamos ter um parâmetro das dificuldades de alinhamento da turma com os conteúdos exigidos pelo Saeb.

### 3 METODOLOGIA DE PESQUISA

Através da ferramenta *Google Formulários* foram elaboradas questões buscando compreender a realidade das professoras de 5º ano da Rede Municipal de São Vicente, cinco professoras de duas escolas diferentes, porém de bairros relativamente próximo responderam ao questionário e foi possível encontrar semelhanças em suas respostas no que diz respeito a dificuldades de aprendizagem de suas turmas e preparação para o Saeb.

**Tabela 1**

**Na escola em que você trabalha como professora, as turmas são formadas por níveis das hipóteses de escrita, conforme destaca Emília Ferreiro ou a turma apresenta uma heterogeneidade na aprendizagem?**

Professora A	Neste ano, as salas foram divididas em níveis, referentes às hipóteses de escrita.
Professora B	Os 5º anos estão separados por níveis das hipóteses de escrita.
Professora C	São formadas por níveis, a turma da manhã iniciou o ano silábico alfabético e a turma da tarde iniciou o no alternando entre silábico com valor e silábico alfabético.

Professora D	A turma é heterogênea.
Professora E	A turma apresenta heterogeneidade no que se refere ao desenvolvimento pedagógico.

De acordo com as respostas fornecidas, nota-se que ambas as gestões das escolas optaram por manter uma separação da turma por níveis das hipóteses de escrita, acreditando que essa heterogeneidade possa facilitar o trabalho das professoras no que diz respeito a preparação de conteúdo.

**Tabela 2**

**Como você considera as dificuldades de aprendizagem de seus alunos ao planejar as atividades?**

Professora A	Levando em consideração o que já foi alcançado pelo educando, oferto atividades adaptadas (diversificadas) para que eles possam acompanhar os demais.
Professora B	Aquelas em que estão muito distantes do pretendido para o ano de escolaridade.
Professora C	Considero especialmente as dificuldades de leitura de ambas as turmas, por isso as atividades priorizam isso.
Professora D	Considero os níveis das hipóteses da escrita e são realizadas atividades individuais
Professora E	As dificuldades são muitas, desde questões relacionadas ao pedagógico quanto ao desenvolvimento cognitivo que está aquém da criança, isso exige um planejamento diferenciado para os alunos que não acompanham a série vigente, no entanto esse olhar compete a professora que planeja atividades diferenciadas para atender as necessidades pedagógicas que não foram alcançadas.

É possível notar semelhanças na maneira como as professoras lidam com as divergências em suas turmas, são necessárias atividades adaptadas para os alunos que possuem dificuldades. Notasse que a professora “C” possui duas turmas de 5º ano com base em suas respostas, tendo que fazer adaptações conforme os avanços de cada uma. A professora “E” traz um ponto importante no que diz respeito ao desenvolvimento cognitivo do aluno, sendo necessário um olhar mais centrado tanto por parte da equipe que precisa auxiliar a professora caso esse aluno possua algum déficit, para que possa ser trabalhado junto com profissionais da área, família e escola.

**Tabela 3**

**Você acredita que programas de reforço escolar solucionam a defasagem pedagógicas pós pandemia?**

Professora A	Sim, contudo os programas de reforço deveriam adaptar os currículos, nivelando também as turmas. Pois encontramos diversos alunos em hipótese de escrita diferente.
Professora B	Têm ajudado muito sim.
Professora C	Ajudam a amenizar, solucionar requer esforço entre família/escola e nem sempre podemos contar com a família
Professora D	Não da forma como é realizado.
Professora E	Acredito que sim, embora seja relevante estabelecer uma rotina de estudos e acompanhamento da família nesse processo.

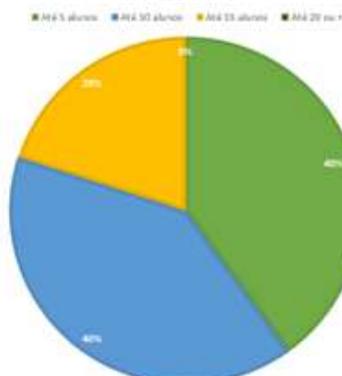
Identifica-se algumas críticas com respeito ao sistema dos programas de reforço escolar, dentre esses as dificuldades de alinhamento para com o currículo. Algo importante é notar que a família tem um papel fundamental no que diz respeito do aprendizado do aluno, isso porque boa parte do tempo o aluno passa em casa, cabe então além do interesse do aluno, o incentivo da família, o que não é a realidade de muitos.

**Tabela 4**

**Na sua turma quantos alunos você avalia que tem uma defasagem maior em relação aos conteúdos de 5º ano exigidos pelo Saeb?**

Professora A	Até 5 alunos
Professora B	Até 5 alunos
Professora C	Até 10 alunos
Professora D	Até 10 alunos
Professora E	Até 15 alunos

**Gráfico 1**



Esses dados revelam que há variações entre as turmas, com algumas professoras relatando um número menor de alunos com defasagem e outras relatando um número maior. Essas informações estão de acordo com o fato exposto a respeito da heterogeneidade das turmas e deixam claro que há a necessidade de intervenções pedagógicas específicas para atender às demandas dos alunos com defasagem, entretanto uma realidade que se nota é que enquanto algumas professoras apenas ofertam atividades relacionadas outras precisam mudar o planejamento inteiro da turma para atender as demandas exigidas para alcançarem os conteúdos do Saeb.

**Tabela 5**

**Como a coordenação pedagógica poderá auxiliar a professora em uma turma que apresenta dificuldades no desenvolvimento pedagógico?**

Professora A	Estando presente e sendo participativa (auxiliando quando necessário, a professora em sala, tendo uma visão mais ampla da turma e buscando a participação e conscientização desses responsáveis) de modo que ambas estejam voltadas para um desenvolvimento pedagógico amplo e significativo dos alunos.
Professora B	Disponibilizando materiais e trocas de experiências.
Professora C	Especialmente não atrapalhando o trabalho que já é desenvolvido na sala de aula.
Professora D	Oferecendo aos professores materiais pedagógicos como apostilas para a recomposição do conteúdo ou que auxiliem na alfabetização.
Professora E	A coordenação poderá auxiliar a professora juntamente com as orientações aos responsáveis das crianças sobre as dificuldades observadas no cotidiano escolar, solicitar acompanhamento psicopedagógico e realizar encaminhamentos à área da saúde para investigação das causas que impossibilitam a aprendizagem.

A coordenação pedagógica desempenha um papel fundamental no auxílio à professora em uma turma que apresenta dificuldades no desenvolvimento pedagógico. De acordo com as respostas diversas estratégias podem ser adotadas para oferecer suporte e orientação, desde uma maior participação até encaminhamentos pós relatórios a respeito de alunos com uma situação de aprendizagem mais complicada. Um ponto importante é perceber o ponto de vista do professor e orientá-lo sem interferir no trabalho que já vem sendo feito, mas sim somando conhecimentos e aprimorando.

**Tabela 6**

<b>Como professor (a) você considera o sistema avaliativo no modelo tradicional (com notas)? É possível considerar outros aspectos particulares?</b>	
Professora A	Sim, podemos levar em conta o progresso desses alunos, a vivência que os mesmos possuem e o meio que estão inseridos.
Professora B	Com certeza, devemos considerar outros aspectos particulares.
Professora C	O sistema por notas é utilizado nas escolas públicas, mas não é o único instrumento avaliativo. Considera-se também participação e envolvimento nas atividades realizadas durante o trimestre.
Professora D	É essencial considerarmos outros aspectos para avaliar. A nota não reflete necessariamente a realidade da aprendizagem do aluno, por isso avalio o aluno no todo.
Professora E	Em relação a notas numéricas considero porque faz parte do sistema. No entanto considero na prática diária a participação e socialização super relevante pois todos estamos inseridos num contexto social, portanto a criança pode desenvolver outras habilidades além do conhecimento formal "pedagógico".

As professoras tiveram respostas unânimes no que diz respeito ao sistema avaliativo que adotam, e são comentários que realçam o ponto de vista que o professor deve ter além do conteudismo. Todo professor deve sempre considerar o dia a dia na sala de aula, o conhecimento prévio, a participação e o interesse dos alunos e não os resumir a notas, como acontece no sistema geral.

**Tabela 7**

<b>Você acredita que a reprovação seria oportunidade para que o aluno (a) pudesse alcançar as habilidades necessárias para avançar para uma série posterior?</b>	
Professora A	Sim; pois muitos alunos ainda estão em processo de alfabetização e sabemos da dificuldade que terão em uma sala de fundamental II, onde os próprios professores terão um currículo maior e até mesmo com menos tempo para acompanhar de perto esses grupos.
Professora B	Não. O aluno necessita dar continuidade nos avanços das habilidades alcançadas (desde que isso esteja acontecendo).
Professora C	Não, principalmente porque a maior parte das crianças que seriam retidas, tem famílias que negligenciam sua parte no aprendizado na criança.
Professora D	Em alguns casos sim. Algumas crianças, ainda, não estão alfabetizadas sendo difícil que ela alcance tais habilidades em apenas um ano.

Professora E	Não. Porque isso depende de um conjunto de medidas que possivelmente foram tomadas e não houve êxito.
--------------	---

As opiniões das professoras com respeito a reprovação mostram divergências. Enquanto a Professora A e a Professora D veem na reprovação uma possibilidade de acompanhamento mais próximo e desenvolvimento progressivo, especialmente para alunos em processo de alfabetização, a Professora B e a Professora E discordam dessa visão e destacam a importância de dar continuidade aos avanços já alcançados e buscar outras medidas que possam garantir o progresso do aluno. Por outro lado, a Professora C atribui a falta de envolvimento familiar como um fator que pode prejudicar a reprovação como oportunidade de aprendizado, também realça que boa parte da turma seria reprovada se fosse o caso. Essas perspectivas destacam a complexidade da questão e a necessidade de considerar individualmente as circunstâncias dos alunos.

**Tabela 8**

<b>Em sua visão os alunos estão preparados para a realização do SAEB em 2023, considerando tudo que foi causado pela pandemia de 2020? Justifique.</b>	
Professora A	Não; possuímos alunos com uma defasagem muito grande e sabemos da cobrança interna que acontece em relação ao Saeb, os mesmos infelizmente em sua maioria, não estão preparados e até aptos para uma avaliação como está.
Professora B	Não, pois uma parcela considerável não conseguiu ou conseguirá adquirir grande parte das habilidades propostas para o ano.
Professora C	Não, a defasagem é muito grande e as dificuldades apresentadas pela turma vão transparecer nas avaliações externas
Professora D	Não, pois os alunos do 5° ano ficaram em casa nos anos que corresponderam ao 2° e 3° ano (2020 / 2021) pois nem todos retornaram no presencial no ano de 2021. São anos em que a alfabetização estaria sendo efetivada e com a pandemia muitos não alcançaram o objetivo refletindo, até hoje, na leitura e escrita. Então, fazer SAEB é complicado para esses alunos uma vez que esta avaliação exige, na sua totalidade, a leitura e interpretação de textos enormes e situações problemas.
Professora E	Atualmente não creio que estejam preparados, pois existe uma lacuna de conhecimento pedagógicos que não foram alcançados ainda pelos grupos que serão avaliados. Sobretudo crianças com aspectos neurológicos ainda em investigação.

Novamente se percebe uma unanimidade entre as respostas, apesar de todo esforço e adaptação as professoras consideram que os alunos não estão preparados para a realização da prova, esse ponto foi bem especificado pela professora D, ela realça as fases de alfabetização e o reflexo da pandemia para a realização dessa avaliação que é extensa. É evidente a preocupação de todas em relação à defasagem, dificuldades de aprendizagem e lacunas de conhecimento causadas pela pandemia de 2020. As professoras enfatizam a necessidade de considerar esses desafios e suas consequências na avaliação dos estudantes. Essas perspectivas reforçam a importância de medidas e apoio adequados para auxiliar os alunos a superarem as dificuldades e alcançarem as habilidades necessárias para o SAEB. Apesar de ser uma prova que pretende recolher dados, por gerar um índice para a escola há uma pressão muito grande tanto para as professoras quanto para os alunos, por isso fundamental que as instituições educacionais e os responsáveis pela educação adotem estratégias eficazes de recuperação e acompanhamento dos estudantes, que estejam em consonância com a visão dos educadores desses alunos, garantindo uma avaliação mais justa e coerente com as condições enfrentadas durante esse período desafiador.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Após os levantamentos pode-se perceber que o Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica tem sua devida importância para fins de levantamento sobre dados educacionais do país e que esses dados devem ser usados pelas secretarias de educação para fins de criar estratégias. O modelo da avaliação sendo extensa e conteudista infelizmente é um ponto negativo, porém para uma avaliação em larga escala aparentemente é o método mais eficiente, mesmo assim gera uma grande pressão para escola, professores e alunos. Um ponto positivo é as professoras considerarem grande parte do que é produzido e vivenciado dentro da sala de aula para avaliar seus alunos, dessa maneira, mesmo o sistema de notas tradicional se torna justo para eles visto que as professoras fazem a distribuição das habilidades observadas durante o ano. Podemos notar que anos que são finais de ciclos educacionais, como 5º e 9º ano tem uma cobrança maior por parte dos professores, isso se dá por que as avaliações são aplicadas para essas séries e quando os alunos

chegam no início do ano para as professoras, após uma avaliação diagnóstica, as mesmas precisam adaptar e fornecer atividades que os façam recuperar o que não conseguiram durante todo o ciclo, e essas atividades variam conforme as realidades de cada escola podendo ser situações problemas até a alfabetização.

Conclui-se então que as decisões tomadas para auxiliar esses alunos, sejam elas reforço, reuniões pedagógicas e alinhamentos curriculares devem ser mediadas dando espaço e ouvidos aos professores e educadores que estão presentes no dia a dia deles. Esse é um dos fatores cruciais para que o trabalho em conjunto possa beneficiá-los. As orientações vindas de órgãos educacionais maiores devem estar em consonância com o que é passado pelas secretárias de educação, que devem estar em contato constante com as gestões escolares e professoras, também é de fundamental importância a participação da família do aluno em reuniões de pais e na vida escolar do filho. Apenas mantendo essa ligação entre os responsáveis pela educação que teremos resultados eficientes para os educandos do sistema educacional.

## REFERÊNCIAS

FERREIRO, Emília. **Alfabetização em processo**. Cortez Editora, 2017.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA (INEP). **Histórico do Sistema de Avaliação da Educação Básica (SAEB)**. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-atuacao/avaliacao-e-exames-educacionais/saeb/historico>. Acesso em: 10 de Junho de 2023.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA (INEP). **Resultados do Sistema de Avaliação da Educação Básica (SAEB) 2021**: Apresentação.

LIBÂNEO, J. C. **Didática**. São Paulo: Cortez Editora, 1990.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO (MEC). **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF: MEC, 2018.

### EDITORIA

EDITORIA FACULDADE	LATTES
<b>Prof<sup>a</sup> Me. Gisele Esteves Prado</b> EDITORA-CHEFE	<a href="http://lattes.cnpq.br/1397395633033038">http://lattes.cnpq.br/1397395633033038</a> <a href="https://orcid.org/0000-0001-9580-069X">https://orcid.org/0000-0001-9580-069X</a>
<b>Prof. Dr. Hélio Rodrigues Júnior</b> EDITOR-CHEFE	<a href="http://lattes.cnpq.br/7376134422226034">http://lattes.cnpq.br/7376134422226034</a> <a href="https://orcid.org/0000-0002-5385-6393">https://orcid.org/0000-0002-5385-6393</a>
<b>Prof. Me. Fábio Pessôa de Sá</b> EDITOR ADJUNTO	<a href="http://lattes.cnpq.br/7053113711522455">http://lattes.cnpq.br/7053113711522455</a> <a href="https://orcid.org/0000-0002-4467-2648">https://orcid.org/0000-0002-4467-2648</a>
<b>Prof. Me. Eduardo Tagliaferro</b> DIRETOR	<a href="http://lattes.cnpq.br/1087239788909199">http://lattes.cnpq.br/1087239788909199</a> <a href="https://orcid.org/0000-0002-5549-9799">https://orcid.org/0000-0002-5549-9799</a>

### CONSELHO EDITORIAL

CONSELHO EDITORIAL FACULDADE	LATTES
<b>Prof. Me. Álvaro Camargo Prado</b> FATEC Rubens Lara	<a href="http://lattes.cnpq.br/1480692423313776">http://lattes.cnpq.br/1480692423313776</a>
<b>Prof<sup>a</sup> Me. Ana Carla Vasco de Toledo</b> Faculdade de São Vicente – UNIBR	<a href="http://lattes.cnpq.br/8890731192157142">http://lattes.cnpq.br/8890731192157142</a>
<b>Prof. Me. Arnaldo da Silva Santana</b> Faculdade de São Vicente – UNIBR	<a href="http://lattes.cnpq.br/2357925437757404">http://lattes.cnpq.br/2357925437757404</a> <a href="https://orcid.org/0000-0003-1637-2362">https://orcid.org/0000-0003-1637-2362</a>
<b>Prof<sup>a</sup> Dra. Cristiane T. C. de Oliveira</b> Faculdade de São Vicente – UNIBR	<a href="http://lattes.cnpq.br/0690548558279785">http://lattes.cnpq.br/0690548558279785</a>
<b>Prof. Me. Eduardo Tagliaferro</b> Faculdade de São Vicente – UNIBR	<a href="http://lattes.cnpq.br/1087239788909199">http://lattes.cnpq.br/1087239788909199</a> <a href="https://orcid.org/0000-0002-5549-9799">https://orcid.org/0000-0002-5549-9799</a>
<b>Prof. Me. Fernando Marques Fernandes</b> Fundação Educacional Inaciana – FEI Universidade Santa Cecília – UNISANTA	<a href="http://lattes.cnpq.br/1018347584858822">http://lattes.cnpq.br/1018347584858822</a>
<b>Prof. Esp. Gabriel Z. de Avelar</b> Faculdade de São Vicente – UNIBR	<a href="http://lattes.cnpq.br/8656611714728792">http://lattes.cnpq.br/8656611714728792</a>
<b>Prof. Me. Gilmar de Jesus Esteves</b> Faculdade de São Vicente – UNIBR	<a href="http://lattes.cnpq.br/1335405654190273">http://lattes.cnpq.br/1335405654190273</a>
<b>Prof<sup>a</sup> Me. Hellen Xavier das Chagas</b> Universidade Santa Cecília – UNISANTA FATEC Rubens Lara	<a href="http://lattes.cnpq.br/5673031029400927">http://lattes.cnpq.br/5673031029400927</a>
<b>Prof<sup>a</sup> Dra. Irene da Silva Coelho</b> Universidade Santa Cecília – UNISANTA UNIMES – Santos	<a href="http://lattes.cnpq.br/6192587773713723">http://lattes.cnpq.br/6192587773713723</a>
<b>Prof<sup>a</sup> Dra. Izilda Guedes Elias</b> Universidade Paulista – UNIP	<a href="http://lattes.cnpq.br/4876566454453883">http://lattes.cnpq.br/4876566454453883</a>
<b>Prof. Dr. José de França Bueno</b> Universidade Paulista – UNIP Faculdade de Tecnologia – FATEC Sebrae	<a href="http://lattes.cnpq.br/7316557648340946">http://lattes.cnpq.br/7316557648340946</a>
<b>Prof<sup>a</sup>. Dra. Laura Rocha Guerino</b> Faculdade de São Vicente – UNIBR	<a href="http://lattes.cnpq.br/7005762094330268">http://lattes.cnpq.br/7005762094330268</a> <a href="https://orcid.org/0000-0003-4705-1019">https://orcid.org/0000-0003-4705-1019</a>
<b>Prof<sup>a</sup> Me. Laysla Ingrid Rossi Carvalho</b> Faculdade de São Vicente – UNIBR	<a href="http://lattes.cnpq.br/5342245627639990">http://lattes.cnpq.br/5342245627639990</a>
<b>Prof. Me. Marcelo Leandro Ferraz Alves</b> Faculdade de São Vicente – UNIBR	<a href="http://lattes.cnpq.br/8310474935188230">http://lattes.cnpq.br/8310474935188230</a>
<b>Prof<sup>a</sup> Me. Margarita Del S. Beatove</b> Faculdade de São Vicente – UNIBR	<a href="http://lattes.cnpq.br/8236937985410977">http://lattes.cnpq.br/8236937985410977</a>

<b>Prof<sup>a</sup> Dra. Maria Fernanda dos S. Peres</b> Universidade Santa Cecília – UNISANTA	<a href="http://lattes.cnpq.br/6555244822070514">http://lattes.cnpq.br/6555244822070514</a>
<b>Prof<sup>a</sup> Dra. Micheline T. de B. Padovani</b> Pontifícia Universidade Católica – PUC-SP Universidade Presbiteriana Mackenzie	<a href="http://lattes.cnpq.br/0365310019758361">http://lattes.cnpq.br/0365310019758361</a> <a href="https://orcid.org/0000-0002-4009-0624">https://orcid.org/0000-0002-4009-0624</a>
<b>Prof<sup>a</sup> Me. Mirene F. M. Abrão Marques</b> Faculdade de São Vicente – UNIBR	<a href="http://lattes.cnpq.br/2711072099917661">http://lattes.cnpq.br/2711072099917661</a>
<b>Prof<sup>a</sup> Me. Naiara Roberta V. de Matos</b> UNIMES Pacaembu	<a href="http://lattes.cnpq.br/5798802064395121">http://lattes.cnpq.br/5798802064395121</a>
<b>Prof<sup>a</sup> Dra. Nancy dos Santos Casagrande</b> Pontifícia Universidade Católica – PUC-SP	<a href="http://lattes.cnpq.br/0283876748874002">http://lattes.cnpq.br/0283876748874002</a> <a href="https://orcid.org/0000-0003-1501-5216">https://orcid.org/0000-0003-1501-5216</a>
<b>Prof. Dr. Nelson Speranza F<sup>o</sup></b> Faculdade de São Vicente – UNIBR	<a href="http://lattes.cnpq.br/2631645788528339">http://lattes.cnpq.br/2631645788528339</a>
<b>Prof<sup>a</sup> Dra. Neusa Maria O. B. Bastos</b> Pontifícia Universidade Católica – PUC-SP Universidade Presbiteriana Mackenzie	<a href="http://lattes.cnpq.br/6767627111553241">http://lattes.cnpq.br/6767627111553241</a> <a href="https://orcid.org/0000-0001-5529-4606">https://orcid.org/0000-0001-5529-4606</a>
<b>Prof Me. Odair Dias Filho</b> Universidade Paulista – UNIP Universidade Santa Cecília – UNISANTA	<a href="http://lattes.cnpq.br/6791560897832834">http://lattes.cnpq.br/6791560897832834</a> <a href="https://orcid.org/0009-0008-3589-8611">https://orcid.org/0009-0008-3589-8611</a>
<b>Prof<sup>a</sup> Dra. Patrícia de Castro Santos</b> Universidade Estadual de Londrina – UEL	<a href="http://lattes.cnpq.br/8426678355017457">http://lattes.cnpq.br/8426678355017457</a>
<b>Prof<sup>a</sup> Me. Priscilla Silva Guedes</b> Universidade São Judas Tadeu	<a href="http://lattes.cnpq.br/5516952504410421">http://lattes.cnpq.br/5516952504410421</a>
<b>Prof. Dr. Rodrigo Zanethi</b> UNISANTOS FATEC Rubens Lara	<a href="http://lattes.cnpq.br/6411033932330772">http://lattes.cnpq.br/6411033932330772</a>
<b>Prof. Dr. Samuel Rangel Claudio</b> Faculdade de São Vicente – UNIBR Faculdade São Judas	<a href="http://lattes.cnpq.br/9906025971794053">http://lattes.cnpq.br/9906025971794053</a> <a href="https://orcid.org/0000-0002-9003-1999">https://orcid.org/0000-0002-9003-1999</a>
<b>Prof<sup>a</sup> Dra. Saray Marques</b> Faculdade de São Vicente – UNIBR	<a href="http://lattes.cnpq.br/1696074564382504">http://lattes.cnpq.br/1696074564382504</a> <a href="https://orcid.org/0000-0003-4415-5373">https://orcid.org/0000-0003-4415-5373</a>